



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
DE HISTÓRIA – PPGÉHIST
MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA**

TAINAH MYRENE DE LIMA OLIVEIRA

**ENSINO DE HISTÓRIA ENTRE AGULHAS E LINHAS: AS NARRATIVAS DE
MULHERES BORDADEIRAS DE SÃO JOÃO DOS PATOS – MA (2022-2024)**

**ARAGUAÍNA, TO
2024**

TAINAH MYRENE DE LIMA OLIVEIRA

ENSINO DE HISTÓRIA ENTRE AGULHAS E LINHAS: AS NARRATIVAS DE MULHERES BORDADEIRAS DE SÃO JOÃO DOS PATOS – MA (2022-2024)

Linha de pesquisa: Narrativas Históricas: Produção e Difusão de Saberes

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), como parte das exigências do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA, para obtenção de título de Mestre.

Orientador (a): Prof.^a. Dr^a. Vera Lúcia Caixeta

**ARAGUAÍNA-TO
2024**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica SGFC-UFNT

Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

O48e Oliveira, Tainah Myrene de Lima.
ENSINO DE HISTÓRIA ENTRE AGULHAS E LINHAS: AS
NARRATIVAS DE MULHERES BORDADEIRAS DE SÃO
JOÃO DOS PATOS – MA (2022-2024) / Tainah Myrene de
Lima Oliveira. - Centro de Ciências Integradas - CCI, TO, 2024.
203 f.

Dissertação (Mestrado Profissional) (Pós-Graduação -
Programa de Pós-Graduação em Ensino de História -
ProfHistória) -- Universidade Federal do Norte do Tocantins,
2024.

Orientadora: Dr^a. Vera Lúcia Caixeta.

1. Ensino de História. 2. Decolonialidade. 3. Biografias.

CDD 980

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.


TAINAH MYRENE DE LIMA OLIVEIRA

ENSINO DE HISTÓRIA ENTRE AGULHAS E LINHAS: AS NARRATIVAS DE MULHERES BORDADEIRAS DE SÃO JOÃO DOS PATOS – MA (2022-2024)


Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTORIA- da Universidade Federal do Norte do Tocantis – UFNT – Centro de Ciências Integradas de Araguaína foi avaliada para a obtenção do título de Mestre em Ensino de História e aprovada em sua forma final pelo orientadora e a Banca Examinadora.

Data de aprovação: 20/ 03 / 2024


Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
 **VERA LUCIA CAIXETA**
Data: 25/04/2024 23:04:01-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof.^a Dr.^a. Vera Lúcia Caixeta, UFNT

Documento assinado digitalmente
 **VERA LUCIA CAIXETA**
Data: 25/04/2024 23:12:15-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Marcos Edilson Araujo Clemente, UFNT

Documento assinado digitalmente
 **VERA LUCIA CAIXETA**
Data: 25/04/2024 23:19:09-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof.^a Dr.^a. Helena Maria Marques Araujo, UERJ

Para minha querida mãe, Vilma Lúcia Alves de Lima Oliveira e para a todas as mulheres bordadeiras de São João dos Patos – MA que, como suas mãos fizeram arte e história, vida e dignidade, amor e esperança.

AGRADECIMENTOS

Quero expressar neste espaço os meus mais profundos agradecimentos a todos que, de maneira direta e indireta, colaboraram para a concretização deste trabalho. A UFRJ- Universidade Federal do Rio de Janeiro pela coordenação geral do PROFHISTÓRIA, a UFNT- Universidade Federal do Tocantins, ao corpo docente do PROFHISTÓRIA – UFNT, que tive a honra de chamar de meus professores, gostaria de expressar minha profunda gratidão. E a Deus pelo seu amparo e fortaleza durante os momentos difíceis dessa jornada.

Meus agradecimentos a CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, por me proporcionar a bolsa de pesquisa, possibilitando assim, a execução do projeto em tempo hábil.

Quero expressar minha sincera gratidão à minha orientadora, Vera Lúcia Caixeta, por toda a paciência e dedicação demonstradas ao longo deste processo. Quero que saiba, professora, que admiro profundamente sua excelência como educadora, e você sempre será um exemplo para mim. Sinto uma imensa gratidão por tudo que aprendi com a senhora.

Agradeço ao meu esposo, Antônio Guanacuy Almeida Moura, por me apoiar e incentivar a prosseguir nos estudos, por ter feito a minha inscrição no PROFHISTÓRIA quando eu já tinha desistido do meu sonho de fazer mestrado, pois achava que isso era impossível. Pela paciência, amor e cuidado que você demonstrou ao longo de todo o percurso do mestrado.

À nossa amada filha, Eliza Oliveira Moura, que desde muito cedo, teve que aprender a compreender a minha ausência. Filha, muito obrigada por ser essa criança amável e sorridente e que nos momentos mais difíceis desse percurso, você me proporcionou alento para o meu coração.

Aos colegas de mestrado Bruno Mendes de Jesus, Dionathan Soares Fragoso, Thamires Pamela Filgueiras Santos, Nubia Challine de Oliveira Coelho e Fransuely Rocha Coelho, expressei minha profunda gratidão. Em cada instante, vocês não apenas contribuíram para meu desenvolvimento acadêmico, mas também enriqueceram minha vida pessoal. Minha admiração vai a todos vocês pelo valioso aprendizado que compartilhamos.

Agradeço à Gestão do Centro Educa Mais Josélia Almeida Ramos por ter acolhido o projeto e a todos os professores dessa instituição que, de forma direta e

indireta, contribuíram para tornar possível a implementação do projeto. Vocês têm meu mais profundo respeito e admiração.

Aos estudantes do 2º ano do ensino médio, turma 2021/2022, agradeço a dedicação e empenho ao longo do projeto. Foi muito prazeroso estar com vocês. Desejo sucesso a todos.

Às senhoras bordadeiras Maria Amélia Evangelista de Sousa, Rita Carvalho Pereira, Antônia de Sá Correia, Ceres Maria Galvão Brito e Maria Cristina Silva de Araújo, expresso minha profunda gratidão. Elas não apenas abriram seus corações, revelando as memórias mais íntimas, mas também compartilharam generosamente seus conhecimentos e práticas no bordado. Suas contribuições foram inestimáveis e enriqueceram profundamente nosso trabalho.

E, por fim, quero agradecer à Secretaria Estadual de Educação do Estado do Maranhão (SEDUC – MA) por apoiar a formação continuada dos servidores da rede estadual de ensino.

RESUMO

Esta pesquisa intentou contribuir para o ensino da história local por meio das narrativas de vida das mulheres bordadeiras da Casa dos Bordados Fios & Formas de São João dos Patos – MA. Suas cinco narrativas contestam a visão das mulheres como vítimas e sem capacidade de agência. Ser mulher em situação colonial, em territórios colonizados, tem impacto sobre as subjetividades femininas, assim, entre os desafios enfrentados pelos (as) pesquisadores (as) decolônias está na reconstrução da historiografia a partir da narrativa das mulheres subalternizadas, favorecendo a emergência do protagonismo daquelas que foram apagadas e invisibilizadas pelos relatos dos “vencedores” e pela perspectiva eurocêntrica da história. Tratou-se de colocar em questionamento os paradigmas hegemônicos presentes na pesquisa e no Ensino de História que invisibilizam as mulheres bordadeiras da história da cidade. Para a elaboração da proposta didática partimos do conceito de Interculturalidade Crítica em diálogo com as Pedagogias Decoloniais. As atividades práticas foram realizadas com a turma do segundo ano do ensino médio do Centro Educa Mais Josélia Almeida Ramos. Os roteiros das atividades incluíram a elaboração de biografias das mulheres bordadeiras, as visitas orientadas à Associação Casa dos Bordados Fios & Formas, a participação em oficinas de bordados realizadas na escola e, por fim, o grupo focal para avaliação dessas atividades realizadas. Elas foram organizadas em forma de “Roteiro Didático” que, apresentamos como produto, que servirá para atividades correlatas ou simplesmente de inspiração para outros (as) educadores(as). Enfim, trançar fios, bordar panos e histórias constituiu-se numa rica experiência decolonial, ética e política, para todos (as) envolvidos no processo da pesquisa.

Palavras-Chave: Ensino de História; Mulher Bordadeira de São João dos Patos; Decolonialidade; Biografias; Centro Educa Mais Josélia Almeida Ramos.

ABSTRACT

This research aimed to contribute to the teaching of local history through the life narratives of the women embroiderers of the Casa dos Bordados Fios & Formas in São João dos Patos – MA. Their five narratives challenge the view of women as victims and without agency. Being a woman in a colonial situation, in colonized territories, impacts feminine subjectivities. Thus, among the challenges faced by decolonial researchers is the reconstruction of historiography from the narratives of subalternized women, favoring the emergence of protagonism for those who were erased and made invisible by the accounts of the "winners" and by the Eurocentric perspective of history. It was a matter of questioning the hegemonic paradigms present in research and in the teaching of history that render the women embroiderers of the city's history invisible. For the elaboration of the didactic proposal, we started from the concept of Critical Interculturality in dialogue with Decolonial Pedagogies. The practical activities were carried out with the second-year high school class of Centro Educa Mais Josélia Almeida Ramos. The activity scripts included the elaboration of biographies of the women embroiderers, guided visits to the Associação Casa dos Bordados Fios & Formas, participation in embroidery workshops held at the school, and finally, a focus group for the evaluation of these activities. They were organized in the form of a "Didactic Script," which we present as a product. It can serve for related activities or simply as inspiration for other educators. In conclusion, weaving threads, embroidering fabrics and stories constituted a rich decolonial, ethical, and political experience for all those involved in the research process.

Keywords: History Teaching; Woman Embroiderer of São João dos Patos; Decoloniality; Biographies; Centro Educa Mais Josélia Almeida Ramos.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1: Região de Planejamento do Sertão Maranhense	30
Figura 2: Álbum de trabalhos artesanais da senhora M ^a de Lourdes Lopes	33
Figura 3: Bordado Madeira x Bordado de São João dos Patos	34
Figura 4: Primeiras feiras de bordados, anos 2000	38
Figura 5: Primeira sede da associação casa dos bordados e sede atual da associação	40
Figura 6: Antônia de Sá Correia fazendo bordado de máquina	53
Figura 7: Tipos de pontos de bordados de máquina.....	54
Figura 8: Moldes de desenhos de bordados de máquina	55
Figura 9: Desenho traçado sobre o tecido de linho	55
Figura 10: Antônia de Sá Correia produzindo o bordado de máquina	56
Figura 11: Prédio do Centro de Ensino Josélia Almeida Ramos	63
Figura 12: Artesã Antônia de Sá Correia.....	80
Figura 13: Artesã Maria Cristina Silva Araujo	81
Figura 14: Artesã Rita Carvalho Pereira.....	82
Figura 15: Artesã Maria Amélia Evangelista de Sousa.....	84
Figura 16: Artesã Ceres Maria Galvão Brito.....	85
Figura 17: Professora dialogando com os discentes	97
Figura 18: Atividade Baú das Fontes	103
Figura 19: Produção de Minibiografias I.....	106
Figura 20: Produção de Minibiografias II	107
Figura 21: Apresentação do histórico da associação	111
Figura 22: Visita técnica à associação Casa dos Bordados Fios de Formas com estudantes I	111
Figura 23: Visita técnica à associação Casa dos Bordados Fios de Formas com estudantes II	112
Figura 24: Visita técnica à associação Casa dos Bordados Fios de Formas com estudantes III	112
Figura 25: Kit de materiais utilizados na oficina de bordados	114
Figura 26: Oficina de bordados: produção de ponto cruz e crochê I.....	114
Figura 27: Oficina de bordados: produção de ponto cruz e crochê II.....	115

Figura 28: Oficina de bordados: produção de ponto cruz e crochê III.....	115
Figura 29: Oficina de bordados: produção de ponto cruz e crochê IV	116
Figura 30: Resultado da oficina de bordados	117

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Mulheres Bordadeiras Participantes da Pesquisa	23
Quadro 2 - Justificativa da pergunta: Você considera a disciplina de História importante para sua vida?	64
Quadro 3 - Justificativa da pergunta: Você acha que a história das mulheres está no livro didático?	68
Quadro 4- Justificativa da pergunta: Você considera importante a tradição dos bordados?.....	69
Quadro 5 - Motivos apontados pelos estudantes pelos quais as mulheres são invisibilizadas	96
Quadro 6 - Justificativa apontada pelos estudantes sobre os motivos que levaram as mulheres bordadeiras a trabalharem com os bordados.....	99
Quadro 7-Análise das respostas dos educandos que elucidam os desafios enfrentados pelas mulheres bordadeiras na preservação da tradição do bordado	100
Quadro 8 - A Análise das respostas das equipes sobre o processo de construção da narrativa histórica.....	101
Quadro 9 - Respostas da atividade Baú das Fontes	104
Quadro 10 - Características de um texto biográfico	105
Quadro 11 -Análise das respostas das equipes acerca da experiência com a construção das minibiografias.....	107
Quadro 12 - Análise das respostas do grupo focal: Bloco Temático I.....	118
Quadro 13- Análise das respostas do grupo focal: Bloco Temático II.....	119
Quadro 14 - Análise das respostas do grupo focal: Bloco Temático III.....	120
Quadro 15 - Análise das respostas do grupo focal: Bloco Temático IV	121

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1- Como a História das mulheres é apresentada no Ensino de História?..... 66

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACIPA - Associação Comercial e Industrial Patoense

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas

MA – Maranhão

PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais

PROFHISTÓRIA – Mestrado Profissional Em Ensino de História

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SEPLAN - Secretaria de Planejamento e Orçamento

SUPCETI - Supervisão dos Centros de Ensino de Tempo Integral

UFNT - Universidade Federal do Norte do Tocantins

URE - Unidade Regional de Educação

SUMÁRIO

TECENDO MINHAS HISTÓRIAS: DA INFÂNCIA AOS DESAFIOS DO MAGISTÉRIO, UMA JORNADA PESSOAL E PROFISSIONAL	16
INTRODUÇÃO.....	20
CAPÍTULO 1: AS MULHERES BORDADEIRAS DE SÃO JOÃO DOS PATOS – MA	29
1.1 Tecendo os caminhos da pesquisa	29
1.2 Trajetória de vida das mulheres bordadeiras de São João dos Patos - MA.	41
CAPÍTULO 2: ENSINO DE HISTÓRIA, ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA: A ELABORAÇÃO DAS MINIBIOGRAFIAS DAS BORDADEIRAS NO “CENTRO EDUCA MAIS JOSÉLIA ALMEIDA RAMOS”	62
2.1 Centro Educa Mais Josélia Almeida Ramos e o ensino de história na perspectiva dos/das educandos/as.....	62
2.2 Percepções dos educandos sobre a presença das mulheres no ensino de história.....	64
2.3 Biografia e Ensino de História das Mulheres.	70
2.4 O potencial didático da biografia para as aulas de história.....	73
2.5 Costurando memórias a partir das minibiografias das mulheres bordadeiras de São João dos Patos - MA e o ensino de história local.	79
CAPÍTULO 3: EXPERIÊNCIA DIDÁTICA: ROMPENDO SILÊNCIOS DAS MULHERES BORDADEIRAS	88
3.1 Ensino de história em diálogo com interculturalidade crítica e a pedagogia decolonial	88
3.2 Prática educativa em diálogo com a pedagogia decolonial e Interculturalidade.....	92
3.3 Prática docente e o desenvolvimento da sequência didática.	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	122
REFERÊNCIAS	127
APÊNDICE	135
ANEXOS.....	176

TECENDO MINHAS HISTÓRIAS: DA INFÂNCIA AOS DESAFIOS DO MAGISTÉRIO, UMA JORNADA PESSOAL E PROFISSIONAL

Este trabalho é uma expressão autêntica de quem sou como pessoa, professora e pesquisadora. Desde o momento em que almejei ocupar esta posição, já tinha certo de que meu objeto de pesquisa estaria intimamente ligado à temática da história das mulheres. Caminho o qual tracei desde minha graduação e que desejava continuar explorando no mestrado. Sem dúvida, minhas experiências de vida e minha relação próxima com mulheres bordadeiras – como filha, neta e sobrinha – foram determinantes para a construção do objeto central da minha dissertação.

Sou maranhense, filha de uma mulher pernambucana, professora e bordadeira, e de um homem maranhense, motorista. Meus pais se conheceram durante um carnaval em São João dos Patos-MA, quando minha mãe, recém-formada em magistério, decidiu vir visitar o seu tio na cidade. O encontro deles, e o desejo dela em trabalhar como professora na cidade foram determinantes para que a mesma se instalasse definitivamente na cidade.

Meus pais se casaram e um ano depois eu nasci, e três anos depois minha irmã Tamiris. Com a família formada, meus pais lutaram muito para poder nos sustentar. Minha mãe trabalhava dois turnos em uma escola particular, porém metade do salário ficava retido para pagar nossas mensalidades pois, ela desejava que tivéssemos uma boa educação e, por isso, à noite fazia bordados para complementar a renda. Enquanto isso, meu pai, diante da ausência de emprego fixo na cidade, se aventurava nos garimpos do Pará em busca da sorte.

A nossa infância foi agradável, com ótimas lembranças dos nossos avós, que se comportavam como nossos pais, ajudando no que podiam na nossa criação. Sem dúvida, a ajuda deles foi determinante para nossa formação. Quanto às brincadeiras de infância, essas foram marcadas por brincadeiras de queimado na rua, travessa um, banhos de chuva, brincadeira de casinha, arranhões nos joelhos, muitos choros e gargalhadas com as amigas.

Foi uma infância feliz, diante das dificuldades financeiras que minha família atravessou, e que outras famílias também já atravessaram. Para superar essa dificuldade, o bordado tornava-se a renda complementar, ou até mesmo a única renda das famílias da época.

A tradição dos bordados na cidade é passada de geração em geração, e tive a oportunidade de aprender ponto cruz com minha mãe aos 10 anos de idade, uma idade muito comum para se aprender o bordado, nessa localidade. Lembro-me, como se fosse hoje, de todos os finais de tarde durante a minha infância e adolescência as mulheres se sentando na porta da rua para bordar. Esse momento era caracterizado pela socialização e troca de saberes, onde compartilhavam situações difíceis de suas vidas, questões relacionadas a filhos e maridos e as labutas do cotidiano, quanto o compartilhamento de seus saberes sobre tipos de pontos de bordados.

Ter convivido com essas mulheres me fez refletir, ainda quando adolescente, sobre o quanto a sociedade é injusta com as mulheres. Elas, que quando "mal" casadas, teriam como sentença aguentar os seus esposos, bêbados, raparigueiros, violentos, para toda a vida, se quisessem ser respeitadas. Pois, embora o divórcio já fosse algo comum nas grandes cidades, em pequenas cidades isso era visto como escândalo. Além disso, o medo de criar os filhos sozinhas era maior do que a separação em si. O aguentar em prol dos filhos era o que muitas vezes fazia essas mulheres permanecerem no casamento e muitas vezes terem que manter sozinhas o seu lar.

Retomando aos tempos de escola, eu era e sou uma típica criança, adolescente e mulher adulta com TDAH - Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade, que vivia literalmente no "mundo da lua". As dificuldades de aprendizagem sempre me acompanharam, mas, devido ao hiperfoco, uma característica presente em algumas pessoas com TDAH, nunca desisti de estudar. No entanto, lidar com esse transtorno, que veio acompanhado da dislexia, tornou o processo de aprendizagem mais lento, em virtude da dificuldade de aprender a ler e escrever, tive que me tornar uma pessoa dedicada aos estudos.

Chegar até aqui não foi nada fácil. Literalmente, fui além de todas as perspectivas que os professores dos anos noventa e dois mil lançaram sobre mim. Falar sobre isso hoje é libertador, pois, quando estudante, fui muito desacreditada por muitos educadores que sequer conheciam ou sabiam o que eram esses transtornos. Apenas me olhavam com pena e pensavam: "Coitada, essa não consegue aprender nada". Embora não expressassem isso diretamente para mim, seus gestos e ações demonstravam essa descrença na minha capacidade de alcançar algo por meio dos estudos.

Acredito que não foi por maldade, mas sim por desconhecerem esses transtornos e assim não saberem lidar com pessoas que necessitam de uma atenção diferenciada. Essa experiência, embora desafiadora, contribuiu para fortalecer minha determinação em superar as adversidades e provar que, mesmo com obstáculos, é possível alcançar o sucesso acadêmico e pessoal.

Entretanto, posso afirmar que tive a honra de conhecer professores que desenvolveram estratégias de ensino que me permitiram ser avaliada de forma justa, reduzindo as perdas nas avaliações, nas quais quase sempre eu acabava indo para recuperações e exames finais. Uma dessas estratégias foi adotada por uma professora do ensino fundamental, lembro-me, para exemplificar, de uma prova de história sobre Brasil Colonial (Inconfidência Mineiras, Tiradentes etc.) na qual fui avaliada oralmente.

As experiências gratificantes que tive durante o ensino fundamental, especialmente com o estudo da história, tornou-se algo prazeroso e sempre despertava minha atenção. Esse vínculo positivo com a disciplina foi um dos principais motivadores para minha escolha de cursar História no ensino superior. Passar no vestibular para História durante a adolescência era meu sonho, mas para isso teria que enfrentar a temida redação. Lembro-me de uma professora que dizia: "Você não vai conseguir, você não sabe escrever". No entanto, encontrei professoras que identificaram minhas limitações e criaram estratégias e roteiros de escrita para que eu pudesse desenvolver a escrita. Ao longo da minha vida, tive a sorte de encontrar profissionais da educação que reconheceram minhas dificuldades e, aos poucos, foram me moldando.

Ser aprovada no vestibular de História foi uma experiência inesquecível, mas representava outro desafio a ser superado. Foi nesse ambiente universitário que desenvolvi minhas técnicas de estudo e concentração. Durante esse período, tive a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre a história das mulheres e escrever minha monografia, intitulada "Uma líder sertaneja: Joana da Rocha Santos". O contato com essa temática despertou em mim o desejo de explorar e escrever mais sobre mulheres, que são frequentemente invisibilizadas pela história.

Recém-formada, tive a oportunidade de iniciar minha jornada de trabalho em uma escola particular. Considero esse ambiente uma verdadeira escola de formação de professores, onde aprendi muito sobre como trabalhar efetivamente. Com um pouco mais de experiência, consegui ser aprovada em um concurso público para

trabalhar na rede estadual de ensino do Maranhão. Tornar-me professora da rede pública era um grande sonho realizado.

Trabalhar na rede pública de ensino proporcionou-me diversas experiências de vida, contribuindo para um olhar mais atencioso às histórias dos estudantes. Acredito que essa sensibilidade está profundamente conectada à minha trajetória, pois percebo que os jovens de hoje anseiam por compreensão, apoio e um ensino de História que dialogue com suas realidades sociais. O contato com pensadores como Paulo Freire e bell hooks inspirou-me significativamente a promover uma educação crítica e libertadora, fundamentada no diálogo e no reconhecimento dos saberes dos discentes. Os ensinamentos destes autores são fontes inspiradoras para minha prática docente. Ao longo dos 10 anos de docência na rede estadual do Maranhão, como professora de História, percebi que ser sensível ao contexto social dos estudantes é essencial para construir uma relação de aprendizagem significativa.

Portanto, ser professora de história é uma identidade que eu vou construindo ao longo da minha trajetória e me completa enquanto pessoa por contribuir para formação crítica dos jovens da minha cidade.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa trata do ensino de história a partir das narrativas orais das mulheres bordadeiras de São João dos Patos – MA, realizada entre (2022-2024)^{1.2.} Em segundo lugar, considera que os desafios aqui enfrentados passam, em primeiro lugar, pela necessidade de inserir as mulheres bordadeiras como importantes sujeitos da história local, a partir de uma perspectiva teórica que valoriza seus saberes, cosmovisões, interesses e perspectivas a necessidade de rompimento com a história eurocêntrica, masculina e distante da realidade dos estudantes, inserindo o universo sociocultural e feminino da cidade, na sala de aula^{3.}

Por mais que o século XX seja chamado de “o século das mulheres” em razão das inúmeras conquistas que propiciou a ampliação dos direitos e oportunidades das mulheres exercerem o protagonismo em diversas áreas, ainda assim permanece uma invisibilidade histórica sobre as mulheres. Como se sabe, o silenciamento das mulheres foi ocasionado pela construção de uma ciência que trata dos homens no tempo e sobre os homens, ou seja, a ciência é construída pela perspectiva masculina e eurocêntrica.

A justificativa para a escolha dessa temática passa pela necessidade de questionar a perspectiva hegemônica da história ensinada. Como ressalta Sigmann-Silva, no seu livro “A virada testemunhal e decolonial do saber histórico” (2022, p.21), a violência colonial precisa ser enfrentada para impedir o apagamento legitimado pelas: “poderosas políticas de esquecimento que, no Brasil, procuram, de modo ambíguo, glamourizar” a história dos vencedores e apagar as outras histórias. Ora, toda sociedade é atravessada por querelas em torno do que recordar e do que esquecer. Infelizmente, nossos monumentos e “heróis” são fruto de uma política de memória relacionada aos acontecimentos políticos das elites, voltada, portanto, para

¹ Sou professora da Rede Estadual do Maranhão desde 2013, e durante o ano de 2021 tive a oportunidade de trabalhar no Centro Educa Mais Josélia Almeida Ramos, na cidade de São João dos Patos - MA, escola de tempo integral que preza pelo protagonismo juvenil. Foi nesse contexto educacional que surgiu o interesse em estudar a história das mulheres bordadeiras desta cidade, sujeitos históricos invisibilizadas, por meio das suas relações com História local.

² Cresci envolta dos bordados vendo minha mãe, vizinhas e familiares produzindo artesanato para ajudar no sustento da família. O bordado fez com que a cidade se tornasse reconhecida como capital do médio sertão maranhense nesse segmento.

³ Muitos assuntos estudados em sala de aula estão distantes da realidade social dos discentes, ao contrário da temática associada às mulheres bordadeiras e seus bordados, que é algo que está ligado diretamente a vida de muitos discentes, que são filhos, sobrinhos e netos de bordadeiras da cidade.

reafirmar a história dos vencedores (SELIGMANN-SILVA, 2022, p.17). Dialeticamente, porém, cabe a nós professoras-pesquisadoras, garantir que as mulheres bordadeiras tenha suas memórias, seus saberes e histórias propagados no ambiente escolar e para além dele.

Este impulso em direção a uma pluralidade de vozes e perspectivas ressoa com os discursos promovidos pelo Grupo Modernidade/Colonialidade que emergiu a partir de intensos debates realizados durante um seminário na Universidade Central da Venezuela, em 1998. Nesse evento, renomados pensadores como Edgardo Lander, Artur Escobar, Walter D. Mignolo, Aníbal Quijano e Fernando Coronil se reuniram para examinar de que maneira a herança colonial continua a moldar nossa sociedade contemporânea. Tais reflexões culminaram, em 2000, na publicação do influente livro "La Colonialidad del Saber: Eurocentrismo y Ciencias Sociales". O cerne das discussões do grupo Modernidade/Colonialidade orbita em torno da penetração do pensamento eurocêntrico nas estruturas coloniais e de como esse sistema persiste em oprimir e subjugar os povos colonizados. Em essência, as reflexões centralizam-se na compreensão da colonialidade do poder e de gênero, destacando como tais dinâmicas continuam a perpetuar desigualdades e injustiças na sociedade contemporânea (BALLESTRIN, 2013).

De acordo com Walter D. Mignolo (2017, p.2), a 'colonialidade' é um conceito elaborado por Quijano, no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, que nomeia "a lógica subjacente da fundação e do desenvolvimento da civilização ocidental desde o Renascimento até hoje". O próprio conceito de 'colonialidade' já é decolonial e, por isso: "assumidamente a resposta específica à globalização e ao pensamento linear global, que surgiram dentro das histórias e sensibilidades da América do Sul e do Caribe".

A tese básica da 'colonialidade' defende que: 'a modernidade' é uma narrativa complexa, cujo ponto de origem foi a Europa - ibérica e católica – "uma narrativa que constrói a civilização ocidental ao celebrar as suas conquistas enquanto esconde, ao mesmo tempo, o seu lado escuro, a 'colonialidade'". Por sua vez, "é constitutiva da modernidade – não há modernidade sem colonialidade [...] se não pode haver modernidade sem colonialidade, não pode também haver modernidades globais sem colonialidades globais" (MIGNOLO, 2017, p.2,3).

Ao tratar da matriz colonial de poder, descrito em quatro domínios inter-relacionados Quijano (2005) enumerou o controle da economia, da autoridade, do gênero e da sexualidade, do conhecimento e da subjetividade. O que sustenta a colonialidade do poder é o fundamento racial e patriarcal do conhecimento legitimado pela teologia cristã, todavia, a teologia cristã deu lugar a filosofia e às ciências sociais, ainda no século XVIII. Do Deus cristão deslocou-se para o homem e a razão. Nesse sentido, conforme Mignolo (2017, p.6), é necessário engajar-se na ‘desobediência epistêmica’, ou seja, desvincular-se “da matriz colonial para possibilitar opções descoloniais – uma visão de vida e sociedade que requer sujeitos descoloniais, conhecimentos descoloniais e instituições descoloniais”.

O sistema mundo colonial tem uma conexão profunda com os papéis de gênero, com a ideologia racista, com a heterossexualidade e com a exploração capitalista. Para a pesquisa, utilizamos como fonte, a documentação relacionada com a fundação da associação e as entrevistas com cinco mulheres bordadeiras da “Casa dos Bordados Fios e Formas”. Ao ouvir as mulheres bordadeiras foi possível tematizar, não só as pautas das mulheres, mães, trabalhadoras, mas também a escrita e o ensino de História, sob a perspectiva das experiências locais das mulheres, além de superar o papel das mulheres como vítimas e sem capacidade de agência.

A escolha das mulheres⁴ para participar do estudo seguiu critérios específicos, priorizando o maior tempo de associação e a maior idade, bem como a anuência e o desejo de colaborar com a pesquisa. Para nós, foi de fundamental importância colocá-las como centro da investigação histórica, recuperando as histórias do protagonismo feminino, revelando suas práticas de lutas e resistências, suas dores e alegrias, suas derrotas e suas vitórias muitas vezes invisibilizadas pela geopolítica do conhecimento. Pois, como ressalta Maria Lugones (2014, p.940): “o feminismo não fornece apenas uma narrativa da opressão de mulheres [...] Chamo a possibilidade de superar a colonialidade do gênero de ‘feminismo descolonial’”. A seguir, apresentamos a tabela com informações sobre as mulheres bordadeiras selecionadas:

⁴ As mulheres que participaram da pesquisa, foram esclarecidas do teor científico do trabalho assinaram o termo de Consentimento e Livre Esclarecimento, nos dando, assim autorização para fazer uso das entrevistas e fotografias tiradas ao longo do processo investigativo.

Quadro 1 - Mulheres Bordadeiras Participantes da Pesquisa

Mulheres Bordadeiras Participantes da Pesquisa		
Nome	Idade	Tempo de associação
Maria Amélia Evangelista de Sousa	70 anos	19 anos
Rita Carvalho Pereira	69 anos	19 anos
Antônia de Sá Correia	66 anos	19 anos
Ceres Maria Galvão Brito	65 anos	19 anos
Maria Cristina Silva de Araújo	63 anos	8 anos

Fonte: Autora da pesquisa.

Entrevistamos cinco (05) mulheres com maior tempo de vínculo com a associação, antes mesmo da sua regulamentação oficial, (conforme as informações do ANEXO B). Elas, são mulheres que juntas fundaram a Associação Casa dos Bordados Fios & Formas; tendo com exceção a senhora Maria Cristina Silva Araújo que ingressou na associação anos depois, após regularização da associação no ano de 2005.

Utilizou-se, para as entrevistas, a metodologia da história oral. Segundo Verena Alberti (2005), trata-se de uma metodologia para a obtenção de informações a partir de um roteiro previamente elaborado e que deve ser respondido através do diálogo estabelecido entre dois sujeitos. Essa metodologia, geralmente, é empregada pela história, em investigações sobre temas contemporâneos, a respeito de eventos ocorridos em um passado não muito remoto, no qual as memórias dos sujeitos entrevistados possam ser alcançadas, assim estes acabam se tornando, narradores de acontecimentos e fatos históricos vivenciados por eles (Alberti, 1990).

A riqueza dessa metodologia também é ressaltada por Amado e Ferreira (2005), pois ela é empregada para restituir historicidade aos eventos, e dar visibilidade aos sujeitos historicamente invisibilizados. De acordo com Alessandro Portelli (2016), “as fontes orais são narrativas individuais, informais, dialógicas, criadas no encontro entre o historiador e o narrador”. Sobre o processo de elaboração das entrevistas, Thompson (1992), orienta a realizar o levantamento dos possíveis entrevistados a partir do mapeamento das informações coletadas previamente.

Quanto ao tipo de entrevista, ela pode ser de história de vida ou temática. Nesse trabalho, optou-se, como modelo de entrevista, a história temática⁵, com um roteiro pré-estruturado e flexível. As entrevistas visam tratar da trajetória de vida das mulheres bordadeiras e sua relação com o universo dos bordados. Depois das entrevistas transcritas pela pesquisadora, estas foram transformadas em minibiografias pelos estudantes do 2º Ano do Ensino Médio do “Centro Educa Mais Josélia Almeida Ramos”. A turma 202, está constituída por 32 estudantes⁶ matriculados, sendo 12 meninos e 20 meninas, com idades entre 16 e 17 anos. Esses estudantes são também, sujeitos dessa pesquisa, que foi realizada no segundo semestre do ano de 2022. Nesse viés, propôs-se aos estudantes, por meio da construção das minibiografias, conhecer aspectos sociais e culturais da história local a partir da narrativa de vida das mulheres bordadeiras. Vindo assim, discutir o potencial didático das minibiografias para o ensino de história local.

Além disso, foi proposto uma visita guiada a casa de bordados, como também realização de uma oficina de bordados na escola. Esta oficina possibilitou a propagação dos saberes das mulheres que ensinaram algumas técnicas de bordado aos estudantes. Ao invadir o espaço da escola, com as suas experiências e seus saberes, as mulheres bordadeiras passam a serem vistas como importantes sujeitos históricos.

Para finalizar a aplicação prática da proposta sobre as mulheres bordadeiras, realizou-se com os estudantes a técnica do grupo focal⁷. Este consistiu-se no agrupamento prévio dos estudantes selecionados para discutir e comentar sobre o contato com as memórias das bordadeiras, a visita realizada na casa de bordados, além da participação na oficina realizada na escola. O uso dessa metodologia serviu

⁵ “Entrevista temática: Assim como acontece nas entrevistas de história de vida, as entrevistas temáticas também têm o indivíduo como preocupação principal. Porém, em vez de imergir no universo de seu narrador, o pesquisador visa explorar, junto com ele, questões orientadas por um tema. As entrevistas temáticas buscam informações mais precisas, mais localizadas e mais pontuais”. (SANTHIAGO e MAGALHÃES, 2015, S/P).

⁶ Visando a integridade física e emocional dos educandos participantes da pesquisa, optamos por não divulgar seus nomes; escolhemos pseudônimos identificados por letras do alfabeto. Quanto aos motivos que me conduziram à escolha da turma 202, fundamentam-se em razões que emergiram do acompanhamento prévio realizado no ano de 2021. Esse período permitiu estabelecer uma relação dialógica e de cumplicidade e confiabilidade com os estudantes dessa turma. Além disso, a diversidade social e cultural presentes nas diferenças individuais dos educandos me fizeram perceber a quão rica é a possibilidade de desenvolver uma educação pautada na interculturalidade crítica.

⁷ Inicialmente foi aplicado um questionário na turma selecionada a fim de subsidiar o processo de identificação do perfil da turma, como também sobre as suas impressões acerca da temática investigada.

de avaliação sobre a aprendizagem no ensino de história, como será exposto nos capítulos da presente dissertação.

As questões que motivaram a investigação sobre “O Ensino de História entre Agulhas e Linhas: As Narrativas de Mulheres Bordadeiras de São João dos Patos-MA (2022-2024)” foram formuladas a partir da perspectiva do feminismo decolonial e da interculturalidade crítica, a saber: quem são as mulheres bordadeiras de São João dos Patos que participam da Casa dos Bordados? Quando, e por que organizaram a cooperativa? Como os bordados passaram a se fazer presente em suas vidas? Qual a importância da casa de bordados para suas vidas? Trata-se aqui de dar visibilidade histórica a essas mulheres bordadeiras, compromisso ético e político, pois como ressalta Lugones (2014, p.939): “Pensar sobre a colonialidade do gênero permite-nos pensar em seres históricos [...] sugiro que enfoquemos nos seres que resistem a colonialidade do gênero a partir da ‘diferença colonial’”. Portanto, não se trata de um assunto do passado, mas de geopolítica do conhecimento, no presente (LUGONES, 2014, p.946).

Pensou-se aqui no quanto o caminho decolonial impacta nossa prática educacional. O compromisso com a construção de uma história e de uma pedagogia decolonial decorre das interpelações dos sujeitos, mulheres bordadeiras e educandos, agora compreendidos como plenamente históricos e cujas demandas de participação e de visibilidade precisam ser ouvidas. Nesse sentido, foram elaboradas as seguintes questões para serem discutidas com os estudantes: como a experiência do trabalho com as bordadeiras foi percebido pelos estudantes? Qual a importância das mulheres bordadeiras para a história local, na percepção dos estudantes?

A realização de grupo focal serviu para avaliar a interação dos estudantes com as bordadeiras, desde a visita inicial a associação, a elaboração das biografias, a participação nas oficinas de bordados, em qual medida foi possível colocar em questão a história hegemônica eurocêntrica e proporcionar o estudo sobre as trajetórias das mulheres bordadeiras?⁸

⁸ Segundo Joana Neves (1997), a história local pode ser entendida como um conhecimento histórico acerca de um local específico, o qual pode tornar-se tanto objeto de conhecimento quanto referência para o conhecimento.

As mulheres bordadeiras têm suas práticas de bordados como uma das marcas da identidade pessoal, social e local⁹. Identidade construída coletivamente, com destaque para o papel das mulheres bordadeiras que, ao se sentarem nas portas de suas residências para bordar, fazer crochê e outros trabalhos manuais compartilhavam histórias de vida e troca de saberes. Nesse sentido, segundo os PCNs (2017), o ensino de história visa estimular a busca pelo reconhecimento e fortalecimento das identidades.

O ensino de História pode desempenhar um papel importante na configuração da identidade, ao incorporar a reflexão sobre a atuação do indivíduo nas suas relações pessoais com o grupo de convívio, suas afetividades, sua participação no coletivo e suas atitudes de compromisso com classes, grupos sociais, culturas, valores e com gerações do passado e do futuro (BRASIL, 2017, p. 22).

Ao pensar na relação da história local com o ensino de história, Maria Schmidt e Marlene Cainelli (2009) apontam que o estudo da história local contribuirá para que os estudantes tenham a compreensão do universo que os cerca, em especial da história local, fazendo assim com que os mesmos possam ter um maior interesse acerca da história, provocando nos mesmos um maior senso de criticidade e flexibilidade sobre suas realidades, sendo estas essenciais para se pensar a multiplicidade de sujeitos que foram e são silenciados pela história hegemônica colonialista, que retratam uma narrativa histórica a partir dos grandes "heróis".

Desta forma, o ensino de história local contribuirá com o processo de tecitura da história, dando aos sujeitos invisibilizados oportunidades para terem suas vozes ouvidas e visibilidade à luz da ciência histórica. Portanto, ao propor o levantamento das trajetórias das mulheres bordadeiras levou-se os estudantes a terem um senso de pertencimento, de reconhecimento, de identidade com o lugar.

Ricoeur (2007, p.188) ao tratar dos arquivos e dos documentos utilizados pelos (as) pesquisadores (as) ressalta que: "Se um papel de prova documental pode ser atribuído aos documentos consultados, é porque o historiador vem aos arquivos com perguntas". Sabe-se que, o documento só responde, caso seja interrogado e, essa

⁹ A ideia de identidade, de acordo com Celina Azevedo pressupõe interdependência entre condições objetivas de vida e experiências subjetivas, o compartilhamento de convenções e valores, de modos de pensar, de sentir e de agir mais ou menos formalizados, que distinguem e produzem interação de uma comunidade (AZEVEDO, 2009, P. 43).

problematização é direcionada por um arcabouço teórico-metodológico que parte de um projeto teórico-político previamente elaborado.

Recorreu-se à interculturalidade crítica, que é compreendida como um projeto intelectual e político pautado no reconhecimento das diferenças sociais, as quais devem ser pensadas e problematizadas no contexto escolar. De acordo com Vera Candau (2020), a educação intercultural crítica dialoga com a decolonialidade, ao propor ações educacionais que passam a dar visibilidade a sujeitos que historicamente foram marginalizados e subjugados pela modernidade e colonialidade europeia. No entanto, apesar da opressão à qual foram subjugados, estes conseguiram resistir e manter suas práticas culturais bem como os seus saberes.

Dessa forma, a educação intercultural crítica emerge como um instrumento teórico, crítico e analítico. Este instrumento reconhece as narrativas e contribuições dos grupos que historicamente foram oprimidos pelo sistema de classe, raça e gênero como fontes importantes. A partir de um viés contra hegemônico, busca-se conhecer trajetórias e saberes que possam tornar visível aquilo que foi invisibilizado e silenciado pelo sistema colonialista.

Dessa forma, ao adotarmos o ensino de história ancorado nas narrativas das mulheres bordadeiras, promoveremos uma educação intercultural crítica, enraizada na ecologia dos saberes conforme proposto por Boaventura Santos (2007). Essa abordagem visa estabelecer um diálogo profundo entre o conhecimento científico e o popular, enquanto reconhece e questiona os saberes e conhecimentos dos grupos historicamente oprimidos pelo sistema de modernidade/colonialidade. Essa perspectiva, abre espaço para a descoberta de novas histórias e conhecimentos a partir de uma ótica contra-hegemônica, permitindo que aqueles marginalizados pelo sistema colonialista compartilhem suas narrativas e tenham seus saberes devidamente valorizados. Assim, a Ecologia dos Saberes busca promover uma relação dialógica entre uma multiplicidade das formas de conhecimento.

Por isso, faz-se necessário pensar em uma educação crítica que dialogue e respeite a realidade sociocultural dos estudantes. Pois é sobre essas realidades que podem surgir novas possibilidades de aprendizagem. Sobre isso, Paulo Freire (1996) destaca que ensinar é também saber respeitar o conhecimento dos estudantes, ao propor um ensino que dialogue com suas realidades, haja vista que estes trazem consigo saberes e experiências de vida que podem ressignificar o processo de ensino

e aprendizagem quando dialogados com os conteúdos didáticos. Dessa maneira, é possível observar a possibilidade de estabelecer o encontro do saber científico com o saber popular, a partir de uma educação intercultural crítica pautada na ecologia dos saberes.

Tomando como base nessas reflexões, a dissertação passou a ser estruturada em três capítulos que se encontram distribuídos ao longo do corpo do texto. Sendo o primeiro capítulo intitulado: As Mulheres Bordadeiras de São João dos Patos – MA. A princípio examinamos o contexto histórico da cidade e a tradição dos bordados, para só assim, enfatizar o protagonismo das mulheres bordadeiras para formação identitária e cultural da cidade. Ao longo destas discussões foram evidenciadas reflexões quanto a colonialidade de gênero e como este sistema diretamente incidiu sobre a vida das mulheres bordadeiras da Associação Casa dos bordados Fios & Formas.

Já no segundo capítulo intitulado: “Ensino de História, Entre a Teoria e a Prática: a Elaboração das Minibiografias das Bordadeiras no “Centro Educa Mais Josélia Almeida Ramos” investigou-se a percepção dos alunos sobre a presença das mulheres na disciplina de história e refletiu-se sobre os fundamentos teóricos que discutem o uso e aplicação das biografias no ensino de história, como um mecanismo capaz de dar visibilidade à história das mulheres bordadeiras. Durante esta análise, desenvolveu-se uma compreensão mais profunda do potencial pedagógico desse gênero textual no processo de aprendizagem histórico culminando assim na construção de minibiografias feitas pelos estudantes.

E, por fim, no terceiro capítulo intitulado: ‘Experiência didática: rompendo silêncios com mulheres bordadeiras’, foi possível refletir sobre a Interculturalidade Crítica, em diálogo com a Pedagogia Decolonial, e a sua aplicabilidade ao Ensino de História para poder fundamentar teoricamente as atividades didáticas aplicadas em sala de aula, a partir da dialogicidade freiriana, destacando as falas e o posicionamento dos educandos durante a prática docente. Ao mesmo tempo, avaliamos o processo de aprendizagem dos estudantes por meio da sequência didática proposta.

CAPÍTULO 1: AS MULHERES BORDADEIRAS DE SÃO JOÃO DOS PATOS – MA

1.1 Tecendo os caminhos da pesquisa

“O historiador é um profissional cujo trabalho consiste em costurar panos rotos com agulhas e linhas novas. Por essa razão, sempre que pretende finalizar sua tarefa e precisa dar o último nó, quase sempre deve tudo recomeçar, posto que o pano invariavelmente se rompe.”

Manoel de Jesus Barros Martins

De acordo com o dicionário Online de Português (2023), ‘tecer’ significa “entrelaçar; prender organizadamente, entrelaçando, juntando uma coisa à outra ou entre si [...]”. Sob essa ótica, buscou-se entrelaçar, como em um tecido, alguns fios da história da cidade de São João dos Patos – MA, com as histórias de vida das mulheres bordadeiras. Essa abordagem tentou criar um mosaico que une a história local com as experiências pessoais dessas mulheres. A metáfora revela também um pouco do processo de construção da pesquisa, como se fosse a feitura de uma rede, marcada por diversas etapas e, entre elas, estão a fiação e a tecelagem, com idas e vindas, avanços e recuos estratégicos.

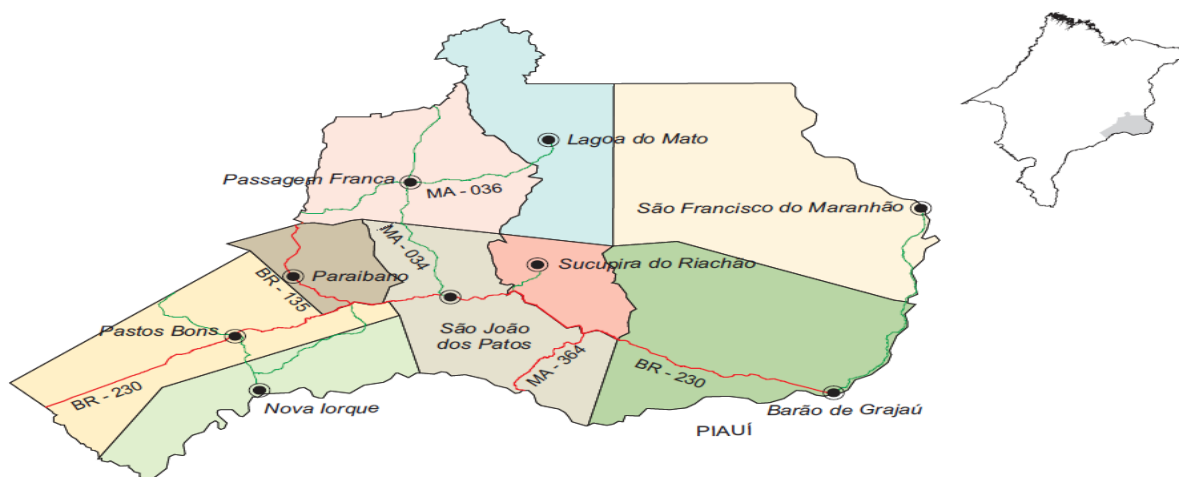
Assim, pensar a partir da perspectiva do projeto decolonial implica em considerar que: “as fronteiras não são somente este espaço onde as diferenças são reinventadas, são também *loci* enunciativos de onde são formulados conhecimentos a partir das perspectivas, cosmovisões ou experiências dos sujeitos subalternos” (BERNARDINO-COSTA; GROSGOQUEL, 2016, p. 19). Trata-se do lugar epistêmico e do lugar social. No entanto, não é suficiente apenas ocupar um lugar social sem adotar a perspectiva subalterna. Como Quijano (1990) enfatiza, é indispensável uma crítica ao paradigma europeu de racionalidade/modernidade. Por isso, Mignolo (2008, p.288) propõe a desobediência epistêmica o que implica para Bernardino-Costa e Grosfoguel (2016, p.19) assumir o compromisso ético-político de elaborar um conhecimento contra hegemônico.

Para contar as trajetórias das mulheres da casa dos bordados, decidimos trazer um pouco da já conhecida história e geografia político-econômica do município: a cidade de São João dos Patos, localizada na mesorregião leste do estado do Maranhão. A cidade, por força da Lei Estadual nº 11.218 de 10 de março de 2020 (ver

Anexo A), é reconhecida como “Capital dos Bordados”. Desse modo, a existência da Casa dos Bordados Fios e Formas, fundado em 2005, em parceria com o município e o Banco do Brasil contribuiu para essa conquista.¹⁰

A cidade é cortada pela BR-230 e integra a Mesorregião das Chapadas do Alto Itapecuru. Uma das principais vias hídricas de São João dos Patos é o rio Parnaíba, que, mesmo estando a 35 km de distância, é considerado uma das principais portas de entrada dos desbravadores do estado. Atualmente, o rio é utilizado pelos moradores locais como área de lazer e socialização (SEGADILHA, 2014, p.73 -74). O município de São João dos Patos tem uma área de 1.483,255 km², conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023). Limita-se ao norte com a cidade de Passagem Franca, ao oeste com Paraibano, Pastos Bons e Nova Iorque do Maranhão, e ao sul com Sucupira do Riachão e Barão de Grajaú (LIMA, 2004, p. 31).

Figura 1: Região de Planejamento do Sertão Maranhense



Fonte: Maranhão (2008).

A história do município remonta ao início do século XIX, quando lavradores e criadores de gado, oriundos do município de Passagem Franca atraídos pelas terras férteis propícias para a agricultura, estabeleceram-se nas imediações das lagoas dos Patos e de São João. Essa referência influenciou diretamente a nomeação do município. A princípio, foi denominado "Lagoas", anos depois, em virtude da devoção da população local a São João Batista, passou a ser chamado de São João dos Patos (Prefeitura Municipal de São João dos Patos, 1992).

¹⁰ São João dos Patos, está localizada no leste do estado do Maranhão e a 570 km da capital São Luís.

A emancipação de São João dos Patos se desenrolou de maneira gradual. Inicialmente reconhecida como distrito em 1892, a localidade só veio a ser elevada à categoria de cidade anos depois, em 12 de junho de 1931. Esse avanço se deu graças a uma combinação de fatores sociais, incluindo o crescimento tanto populacional quanto econômico da região. Segundo o Diário Oficial do Estado do Maranhão:

Considerando que aqueles três municípios supridos demonstrarem exuberantes, em requerimento endereçado ao Governo, possuírem, além de amplos territórios e vida relativamente intensa rendas elevadas, por isso que todos eles as têm até superiores às dos municípios que foram anexados. Decreta:

Art1º- são restabelecidos os antigos municípios de São Pedro, Currealinhos e São João dos Patos, supridos pelo decreto n. 75 de 22 de abril último, e anexados, respectivamente, aos de Monção, Brurity e Barrão de Grajaú.

Art2º: Revogavam se as disposições

Em contrário Palácio do Governo do Estado do Maranhão, em São Luiz, 12 de junho de 1931 (MARANHÃO. Diário Oficial. 13 de jun. 1931).

A emancipação de São João dos Patos foi fortemente influenciada por fatores econômicos, graças à sua impressionante performance em comparação com o município de Barão de Grajaú, ao qual estava anteriormente anexada. Contudo, um aspecto intrigante desse processo é a existência de uma lacuna temporal no documento oficial. Este sugere que São João dos Patos já havia alcançado o status de cidade antes, mas por razões desconhecidas, perdeu, e só o recuperou em 12 de junho de 1931.

Porém, a partir desse documento, é possível inferir hipoteticamente que, em algum momento, o governo do estado do Maranhão pode não ter considerado significativa a renda local. O processo de reconhecimento do município só foi oficializado em 02 de março de 1938. Nesta data, o Governo Federal, por meio da Lei nº 311, legalizou as novas demarcações do estado do Maranhão. Conforme Normandia Lima:

Com o crescimento populacional, e com uma boa estrutura funcional, houve a necessidade de elevar a vila à categoria de cidade, fato que ocorreu segundo Cardoso (2001), pelo Decreto de Lei nº 311 de 02 de março de 1938 do Governo Federal, (MARANHÃO, 1938a), confirmada pelo Decreto Lei nº 45 de Março de 1938, do governo Estadual que dá execução ao Decreto Lei Nacional (MARANHÃO, 1938b) e reafirmada pelo Decreto Lei nº 159, de 16 de dezembro de 1938 que fixou a divisão territorial do Estado (MARANHÃO, 1938c) (LIMA, 2004, p. 49-50).

Os aspectos econômicos são, sem dúvida, um dos elementos determinantes para o processo emancipatório. Sobre a rentabilidade da economia local no início do século XX, Antônio Santos Neto destaca que:

Nessas povoações rurais moravam e trabalhavam em 1950 cerca de 85% da população municipal, isto indica que a principal atividade econômica, da época local, era a produção do setor primário que apresenta (1955) o seguinte quadro: a) Algodão (em caroço 11900 arrobas = Cr \$ 1,07 mi, e em pluma, 970 600kg = Cr\$ 10,64mi); b) arroz (pilado = Cr\$ 4.59 mi, e em casca 161005/ 60km = Cr\$ 2,89). Dados de 1956 indicam que um terceiro produto se destacou, o babaçu, que alcançou uma renda de Cr\$1,53 mi, ao passo que a pecuária apresentava um rebanho de cerca de 13950 bovinos,7680 suínos e 6000 caprinos” (SANTOS NETO, 2002, p. 133).

Sustentada pela agricultura e pecuária, algumas atividades permanecem como pilares da economia local até os dias atuais, coexistindo com outros segmentos, como o comércio e o artesanato, em especial, o bordado. Conforme o IBGE no Censo Agropecuário de 2017, a produção agropecuária mais expressiva para a economia local baseia-se na produção de grãos como milho, feijão e arroz. Em relação à pecuária, o censo de 2021 indica que se concentra na criação de gado, caprinos, galináceos e suínos (IBGE, 2017-2021).

Quanto ao setor comercial, o IBGE, no levantamento do Cadastro Central de Empresas de 2021, identificou 453 unidades empregatícias na cidade. Essas englobam segmentos variados, como agricultura, pecuária, serviço público e diversas atividades comerciais. Entre elas, incluem-se setores relacionados à arte, cultura e esporte. Dentro dessa nomenclatura do IBGE, enquadra-se a produção de bordados associada a entidades organizadas. No entanto, é importante ressaltar que não há um levantamento detalhado do IBGE sobre o número total de associações de bordados na cidade, nem sobre o valor efetivo das vendas dessa produção.

Contudo, no Censo de Amostragem de Trabalho de 2010, o IBGE categorizou uma classe de "trabalhadores, operários e artes da construção, das artes mecânicas e outros ofícios". Dessa classificação, 924 são do sexo masculino e 1.137 do sexo feminino. Entretanto, a descrição precisa das atividades desempenhadas por esses gêneros no segmento de trabalho é vaga e podem estar relacionadas à carpintaria, cerâmica ou bordado, por exemplo.

Refletir sobre esses dados é fundamental, especialmente considerando que a cidade foi reconhecida como a "capital maranhense dos bordados" por meio da Lei

Estadual nº 11.218, de 10 de março de 2020. Esse título foi conferido devido à significativa contribuição econômica do bordado ao município, em especial para as famílias em situação de vulnerabilidade, que veem nessa atividade uma fonte vital de renda e subsistência.

Quanto à origem da prática do bordado na cidade, não se tem uma definição precisa de quando e como começou. Entretanto, trabalhou-se com duas hipóteses sobre o surgimento dessa tradição local. A primeira hipótese é defendida pela pesquisadora Daniela Segadilha (2014). Em sua pesquisa de mestrado intitulada “Lembranças Feitas a Mão: mulheres que bordam em São João dos Patos – MA”, ela ressalta que não há uma data precisa para o surgimento da tradição dos bordados na cidade.

A autora sugere que o início dessa prática remonta à década de 1960, quando Dona Cocora teria começado a transmiti-la a seus familiares e conhecidos. Segadilha (2014) obteve essas informações por meio de entrevistas orais com as bordadeiras da cidade. No entanto, ao confrontar esses dados com as narrativas das mulheres da Associação "Casa dos Bordados Fios e Formas", torna-se evidente que essa tradição na cidade remonta a um período mais antigo do que se supunha anteriormente. As mulheres entrevistadas da associação, assim como Dona Cocora, vivenciaram a década de 1960, período em que adquiriram suas habilidades em bordado, tanto pela transmissão materna quanto pelo sistema educacional da época.

Esse aspecto fica evidente ao analisar o caderno de bordados da Sra. Maria de Lourdes Lopes, ex-proprietária de uma loja de armarinhos na cidade. Os registros de seus trabalhos escolares datam de 1946, mostrando que a educação feminina daquele tempo já incluía o ensino de bordado como parte do currículo em artes.

Figura 2: Álbum de trabalhos artesanais da senhora M^a de Lourdes Lopes



Fonte: Arquivo privado de Sílvia Lyra da Rocha Santos.

Silvia Lyra da Rocha Santos, uma das memorialistas da cidade e detentora de um arquivo privado sobre a história local, em uma entrevista ressaltou que o bordado pode ter sido introduzido no município de São João dos Patos – MA, no século XIX. Sobre isso, Silvia Santos afirma que:

A tradição dos bordados iniciou-se por volta do século XIX quando a cidade possuía dentre seus habitantes o imigrante português João da Rocha Santos, que se estabeleceu na cidade no ano de 1880 e que ao visitarem seus familiares na Europa, traziam consigo álbuns e revistas com modelos de bordados e que eram rapidamente difundidos e copiados entre as moças bordadeiras da cidade (Silvia Lyra da Rocha Santos, 02 de set de 2023).

Portanto, pode-se conjecturar que a inserção gradativa dos bordados em São João dos Patos – MA, ocorreu durante o século XIX, através da presença de migrantes portugueses na região. Essa conclusão é fundamentada na compreensão obtida a partir da fala da Senhora Silvia Lyra da Rocha Santos, em paralelo com reflexões feitas a partir da dissertação de Luísa da Silva (2021), intitulada “Do bordado tradicional ao contemporâneo: processos de ressignificação”. Esta dissertação possibilitou a comparação entre os bordados produzidos na Ilha da Madeira e os bordados das mulheres Patoenses. A partir desta dissertação, identificou-se similaridades nos pontos de bordados, destacando pontos como crivo e bainha aberta, como elementos em comum, de origem portuguesa, porém reproduzidos com perfeição pelas mulheres Patoenses. Tal descoberta reforça a ideia de que a tradição dos bordados Patoenses possa ter sido introduzida pelos portugueses.

Figura 3: Bordado Madeira x Bordado de São João dos Patos



Bordado Madeira

Fonte: <https://bordadomadeira.com/galeria-de-fotos/bordado-madeira-cama>



Bordado de São João dos Patos

Fonte: autora da pesquisa (2023).

Quanto às características dos bordados, percebe-se que são praticamente as mesmas. No entanto, as bordadeiras de São João dos Patos nomeiam esse tipo de trabalho de acordo com o meio de produção adotado por elas, ou seja, as máquinas de costura. Eles são chamados e reconhecidos pela população local como "bordados de máquina", que se distinguem pela diferença de pontos e efeitos que as máquinas de costura podem criar. Enquanto em Portugal esse tipo de bordado de acordo com Luísa da Silva (2021), recebem o nome de bordado da Ilha da Madeira em alusão a localidade no qual é produzido.

Com relação a transmissão dos saberes relacionados aos bordados, na cidade de São João dos Patos, eles foram se consolidando ao longo dos anos, sendo transmitidos de geração em geração por meio da oralidade e da observação do traçado e do feitio do bordado. Conforme Daniela Segadilha (2014, p. 100), "Na cidade, os ensinamentos das técnicas de bordar ocorrem no ambiente familiar, e as bordadeiras costumam trabalhar por encomenda."

Certamente, as mulheres são as grandes responsáveis pela popularização da atividade econômica dos bordados em São João dos Patos, uma prática que está fortemente associada aos papéis de gênero. Isso levou muitas mulheres a adotarem o bordado como fonte de renda e sustento para suas famílias, facilitando a conciliação entre trabalho e maternidade (SEGADILHA, 2014). Entretanto, essa atividade, inicialmente informal, ganhou destaque na política desenvolvimentista do Estado do Maranhão. Em 2007, um levantamento realizado pela Secretaria de Planejamento e Orçamento – SEPLAN listou as principais potencialidades econômicas do Sertão Maranhense, destacando o bordado como uma atividade potencial para o desenvolvimento econômico local. A SEPLAN, em suas deliberações, propôs ações para beneficiar a atividade dos bordados, com o objetivo principal de incentivar e ampliar a produção artesanal têxtil (MARANHÃO, 2008).

Essas ações ganharam impulso, após uma série de investigações promovidas pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE – MA no início dos anos 2000, com o apoio da Associação Comercial e Industrial Patoense – ACIPA. Ambas as instituições trabalharam para identificar o potencial econômico da cidade, constatando por meio de pesquisas no contexto comercial local, que o maior fluxo de vendas e mercadorias estava ligado a artigos de tecidos, linhas e agulhas. Raimundo Nonato Alves de Carvalho, presidente da ACIPA, ao relatar o processo de

criação das primeiras associações de bordadeiras na cidade, destaca o papel do SEBRAE:

Começou porque a gente via no comércio. O comércio via nas bordadeiras de São João dos Patos uma fonte de renda, que gerava uma renda para o município, que deixava, comprava os insumos para os bordados, seja as linhas, os tecidos de linho, brim. Para o comércio local e gerava renda.

[...] Aí nós convidamos o SEBRAE para vir a São João dos Patos. Eles fizeram uma pesquisa (entre os comerciantes) e viram que realmente a maior fonte de renda de São João dos Patos era o artesanato. Foi feito esse trabalho onde foi selecionado que boa parte do dinheiro que circulava na cidade era através do artesanato, do artesanato local. Aí o (SEBRAE) percebeu que havia uma necessidade de organizar o artesanato e as artesãs e aquilo tudo. E com isso também o SEBRAE passou a funcionar dentro da associação (ACIPA), pois na cidade não existia polo (SEBRAE). Então emprestamos o local para o SEBRAE trabalhar com as artesãs.

Aí saímos de casa em casa convidando as artesãs para participarem das palestras, que foram feitas dentro da associação (ACIPA). Trouxemos pessoas de fora para falar de associativismo, cooperativismo, de comércio para fazer o custo da mercadoria, pois muitas delas não sabiam o preço. O preço delas era na tora, pois não sabiam fazer o custo, para saber se estava dando lucro ou prejuízo. Foram dados vários cursos do SEBRAE, tudo dentro da associação (ACIPA). Passou mais ou menos 2 anos preparando as artesãs. Aí depois o Estado passou a oferecer palestras para as artesãs... o SEBRAE veio para ajudar a organizar a associação, fez até aquela etiqueta fios e formas (Raimundo Nonato Alves de Carvalho, 03 de ago. de 2023).

Raimundo Carvalho ressalta o seu papel e das instituições SEBRAE e ACIPA na preparação e criação da Casa dos Bordados Fios & Forma. Esse papel masculino, garantidor da criação da associação também é ressaltado pela artesã Rita Pereira de Carvalho ao relembrar as primeiras mobilizações na cidade em torno das bordadeiras pelo presidente da ACIPA nos anos 2000. Conforme relata Rita de Carvalho:

[...] Raimundo chamou, arrumou isso! Justamente o SEBRAE pelo meio, e aí juntou um bocado de mulher, e eu fiquei sabendo disso. Outras me convidaram, aí eu fui. Eu sempre gostei, eu queria trabalhar, arrumar um meio de sobreviver, eu queria ajudar meu marido. [...]. Foi ele (o Raimundo) que começou isso no começo dos bordados em São João dos Patos, foi com Raimundo. O Raimundo e outros, mas isso já está trazendo gente do Sebrae para cá (Rita Carvalho Pereira, 16 de set de 2022).

No marco da decolonialidade, há a necessidade de compreender que a colonialidade continua a ser uma força presente no nosso imaginário. A matriz colonial é entendida por Mignolo (2017, p.10): “como uma estrutura lógica que marca a totalidade da civilização ocidental [...]. Aliás, de certo modo, é a matriz colonial que tem administrado os atores e todos nós. Estamos todos na matriz”. Uma matriz colonial que é: de poder, saber, ser, natureza e linguagem, sendo também constitutiva dessas (LUGONES, 2014, p.940). Para Lugones (2014, p.941) “Chamo a análise da

opressão de gênero racializada capitalista de 'colonialidade do gênero'. Chamo a possibilidade de superar a colonialidade do gênero de 'feminismo decolonial'".

É preciso reconhecer o importante papel do SEBRAE e da ACIPA na organização do trabalho das bordadeiras de São João dos Patos, porém elas não podem subsumir, perder a visibilidade, o protagonismo nessas narrativas. Assim, a fundação das entidades Casa dos Bordados Fios & Formas e Casa do Bordado Patoense são fruto do protagonismo feminino, dos seus saberes tradicionais e da sua capacidade de trabalhar coletivamente.

A partir de uma visão liberal, o SEBRAE-MA incentiva o "empreendedorismo" das bordadeiras, a exemplo da "I Mostra dos Bordados de São João dos Patos: Linhas e Perfeição". O evento foi realizado na cidade de São Luís, no Shopping Center, em 2003. Conforme relatado pelo Jornal *O Estado do Maranhão*:

Bordadeiras farão mostra de trabalhos em São Luís

SÃO JOÃO DOS PATOS - Promovido pelo Projeto Empreender, programa de estímulo ao empreendedorismo, desenvolvido pelo Sebrae e Federação das Associações Empresariais do Maranhão (FAEM), e em parceria com a Associação Comercial Patoense, Prefeitura de São João dos Patos, Gerência de Artesanato e Desenvolvimento do Sertão Maranhense e Rotary Clube de São João dos Patos, será realizado de amanhã até o dia 9 de maio, no São Luís Shopping Center, a I Mostra dos Bordados de São João dos Patos: 'Linhas e Perfeição'.

A mostra reúne trabalhos de bordadeiras que compõem um grupo de 87 artistas, que exporão o melhor em bordado artesanal (O Estado do Maranhão, 01 de Maio de 2003). (Ver anexo C)

É preciso perceber que a colonialidade está presente em cada aspecto da vida: “pela circulação do poder nos níveis do corpo, do trabalho, da lei [...] sua lógica e eficácia são enfrentados por diferentes pessoas [...]” (LUGONES, 948). Pensamos aqui em como as instituições transformaram o trabalho das mulheres bordadeiras em produtos a serem vendidos e consumidos, dentro da lógica capitalista, ou seja, transforma um saber fazer tradicional e criativo, em lucro. Mas, para as mulheres bordadeiras essa iniciativa é vista como possibilidade de inserção no mercado de trabalho e de ganhar visibilidade para si mesmas e para seus bordados. Os produtos em exposição consistiam numa série de itens, como: guardanapos, lençóis, toalhas de banho e caminhos de mesa. A exposição contou com a presença de bordadeiras da cidade, que explicavam e apresentavam aos visitantes os mais variados tipos de bordados, como ponto de cruz, ponto cheio, Richelieu e o crochê.

Figura 4: Primeiras feiras de bordados, anos 2000



Fonte: Arquivo fotográfico da Associação.

As fotos ilustram algumas das exposições nas quais as bordadeiras participaram. A respeito do sucesso desses primeiros eventos Antônia de Sá Correia relembra com certo saudosismo os anos áureos dos bordados patoense.

Olha, teve uma viagem que, quando a gente foi, não sei se foi a primeira vez ou foi a segunda, a gente fez isso aqui (fez os gestos com os dedos da quantia vendida), só que foi de todo o mundo [...]. A primeira venda boa foi essa. Aí depois foi diminuído mais um pouquinho e tudo, mas menos de 9 e 10 mil nunca foi feito; sempre é daí pra frente, só que é de todo mundo, entendeu? Não é só de uma pessoa, é de todo o mundo que tá lá na associação (Antônia de Sá Correia, 10 de set. de 2022).

O apoio do SEBRAE e da ACIPA nesses eventos incentivou essas mulheres a se mobilizarem e organizarem suas associações. Contudo, ao longo do tempo, algumas fecharam as portas. Embora os motivos ainda permaneçam desconhecidos, a associação Casa dos Bordados Fios & Formas é a única que sobrevive. Uma análise da correspondência enviada pelo SEBRAE-MA, à Associação Fios & Formas revela a preocupação da instituição com a continuidade da associação.

O comunicado, destinado às bordadeiras, listava ações que deveriam ser discutidas entre elas, ações consideradas essenciais para a consolidação do grupo. Conforme o conteúdo da correspondência de autoria de Luiz Walter Muniz, coordenador de Bordados do SEBRAE-MA, foram elencadas as seguintes pautas para discussão:

SOLICITAÇÃO DE REUNIÃO

ATT: Diretoria da Casa do Bordado

Gostaríamos de solicitar da Direção da Casa do Bordado, reunião com os sócios efetivos para tratar dos seguintes assuntos:

- 1- Número efetivo de participantes nas ações;
- 2- Aluguel Casa do Bordado;
- 3- Movimento de caixa do mês de Setembro;
- 4- II Mostra Fios e Formas SLZ Shopping;
- 5- Processo de treinamentos;
- 6- Aprovação do Estatuto e Regimento Interno;
- 7- Comunicado Sebrae;
- 8- Recesso para eleições.

Queríamos ainda informar que a referida reunião, conforme acordado, acontecerá no dia 25/09/04 às 16:00 nas dependências da Casa do Bordado. Sem mais para o momento Subscrevo-me Luís Walter Muniz CR-Bordados / Sebrae-MA. (MUNIZ, Luís Walter. **[Correspondência]**. Destinatário: Diretoria da Casa do Bordado. [S. L.], 2004. 1 ofício. (ver Anexo D)

As pautas a serem discutidas referiam-se, principalmente, às despesas e à manutenção da associação. Para se formalizar, a agremiação precisava organizar seu estatuto e regimento interno, que estabeleceriam a dinâmica do grupo de bordadeiras. Isso conferiria às artesãs um status legal e reconhecimento dentro da associação. O estatuto em questão foi aprovado e registrado em 20 de julho de 2005, conforme indicado no Anexo E.

Em relação à sede administrativa da Associação Casa dos Bordados Fios e Formas, inicialmente, funcionou em um prédio alugado e mantido pelas bordadeiras, localizado à margem da BR-230. A escolha desse local se deu por seu potencial de visibilidade, pois a BR-230 tem um constante fluxo de viajantes que, ao passarem pela cidade, poderiam facilmente adquirir o artesanato local. Conforme relato de Raimundo Carvalho, a atual sede da Casa dos Bordados foi resultado de um esforço coletivo das bordadeiras e da ACIPA. Segundo Raimundo, o prédio:

[...] surgiu com a fundação do Banco do Brasil um dinheiro para construir o local onde deveria funcionar a associação das artesãs. Como as artesãs não tinham associação e a gente (ACIPA) tava dando apoio a elas e tudo, então nós corremos atrás para a prefeitura dar o local para construção. Aí fomos atrás e fizemos o projeto, entregamos o projeto, aí a gente conseguiu o recurso com a Fundação Banco do Brasil. Nosso projeto foi eleito pelo banco, aí veio o dinheiro para construir. Aí, como a associação ainda não existia de fato e de direito em registro de cartório, o dinheiro foi para conta da prefeitura, e a prefeitura fez o prédio da associação (Raimundo Nonato Alves de Carvalho, 03 de ago. de 2023).

A conquista de um prédio próprio pelas bordadeiras foi notável. Sob a orientação do SEBRAE e ACIPA, elas elaboraram um projeto para submeter a um edital do Banco do Brasil. Este banco dispõe de fundos, conhecidos como “Fundo

Perdido”¹¹ ou “Programa de Subvenção Econômica”, destinados a projetos sociais que beneficiem a comunidade.

Seguindo essa orientação, as bordadeiras elaboraram um projeto e foram contempladas pelo Banco do Brasil, que disponibilizou todo o montante para a construção do prédio. Assim, coube ao município apenas uma contrapartida: fornecer o terreno para a construção da Associação Casa dos Bordados Fios e Formas. Ao relembrar o processo de obtenção do imóvel da associação, a senhora Antônia de Sá Correia comenta:

[...] veio um pessoal do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), juntou um bocado de mulher pra formar um grupo e dali foi começar a gente trabalhar. A gente alugou essa casa e botou lá. Aí depois, junto com o prefeito, o Banco do Brasil e parece que foi a Dona Marisa, se eu não me engano, foram essas três pessoas que se juntaram. Aí o governo veio com esse Fundo Perdido, não sei como é que chama direito, aí esse dinheiro eles fizeram a Casa dos Bordados, que não tem retorno o dinheiro (Antônia de Sá Correia, 10 de set. de 2022).

Para concluir, gostaríamos de destacar a bem-sucedida trajetória das instituições que contribuíram para a formação da Associação Casa dos Bordados Fios e Formas. O prédio, inaugurado em 1º de setembro de 2007, representa um marco importante nessa história. Localizado na Avenida Presidente Médici, à margem da BR-230, o prédio serve como sede própria onde as artesãs têm a oportunidade de exibir e vender seus trabalhos.

Figura 5: Primeira sede da associação casa dos bordados e sede atual da associação



Fonte: Arquivo da associação.

¹¹ O termo “Fundo Perdido” (ou “Subvenção”) refere-se a um tipo de financiamento que o governo oferece e que não requer reembolso. Em outras palavras, trata-se de recursos concedidos que não precisam ser restituídos.

Nesse tópico será realizada uma reflexão com base na María Lugones (2014, p.940) sobre a complexidade da resistência à colonialidade do gênero. Para ela, “a resistência é a tensão entre a sujeitificação (a formação/informação do sujeito) e a subjetividade ativa”. Em suas palavras:

A subjetividade que resiste com frequência expressa-se infra politicamente, em vez de em uma política do público, a qual se situa facilmente na contestação pública. Legitimidade, autoridade, voz, sentido e visibilidade são negados à subjetividade oposicionista. A infrapolítica marca a volta para dentro, em uma política de resistência, rumo à libertação. Ela mostra o poder que as comunidades dos/das oprimidos/as têm, entre si, de constituir significados que recusam os significados e a organização social, estruturados pelo poder. Em nossa existência colonizada, racialmente gendradas e oprimidas, somos também diferentes daquilo que o hegemônico nos torna. Esta é a vitória infrapolítica (LUGONE, 2014, p. 940).

O que Lugones (2014) propõe, é que não façamos apenas uma narrativa da opressão das mulheres, ao contrário, é preciso ouvi-las, nas suas especificidades, bem como as comunidades que resistem à colonialidade do gênero, pois: “cada pessoa no encontro colonial pode ser vista como um ser vivo, histórico, plenamente caracterizado”. Nesse sentido, “a colonialidade do gênero é só um ingrediente ativo na história de quem resiste. Ao focar naquele/a que resiste situando/a na diferença colonial, minha intenção é revelar o que se torna eclipsado” (LUGONES, 2014, p.941).

Nesse sentido, é preciso ver a fundação das Associações das Bordadeiras como a possibilidade de inserção maior das mulheres e dos seus produtos, no mercado, preocupação das instituições locais. Mas, fundamentalmente, como um *locus* de tensão, da relação histórica oprimir/resistir e, portanto, salientar as resistências concretas à colonialidade do gênero (LUGONES, 2014, p.942). Para as mulheres bordadeiras, a criação e fortalecimento da associação significa maior visibilidade para elas e para seus saberes.

1.2 Trajetória de vida das mulheres bordadeiras de São João dos Patos - MA.

María Lugones, intelectual feminista argentina e integrante do grupo Modernidade/colonialidade, propõe trazer a categoria do gênero para o centro do projeto colonial. Segundo ela: “a imposição colonial do gênero atravessa questões sobre ecologia, economia, governo, relaciona-se ao mundo espiritual e ao

conhecimento, bem como cruza práticas cotidianas que tanto nos habituam a cuidar do mundo ou a destruí-lo” (LUGONES, 2014, p.935). Embora acolha parte da proposta de Quijano sobre a colonialidade do poder, para ela, a raça, o gênero e a classe são produtos do capitalismo, são criações, ficções colonizadoras. Assim, “Diferentemente da colonização, a colonialidade do gênero ainda está conosco” (LUGONES, 2014, p.939).

De certo, quando acompanhamos as trajetórias de vida das mulheres bordadeiras podemos perceber como o capitalismo estrutura as relações de poder no mundo contemporâneo. Ver o gênero como elemento estruturador da colonialidade do poder nos permite acompanhar, no processo, o quanto a heteronormatividade, o capitalismo, e a classificação racial e social se encontram imbrincados. Assim, para Lugones (2014, p.940) o entrelaçamento do gênero com a raça, a classe e a sexualidade, abre-se um caminho para o projeto feminista de descolonização do saber eurocêntrico-colonial.

Trata-se de pensar que a ‘colonialidade do gênero’ deixa marcas profundas na dominação/subordinação das mulheres dos países periféricos do capitalismo global. No caso das mulheres bordadeiras, elas narram situações vivenciadas no entrecruzamento das diferentes dominações nas suas vidas, porém, elas foram capazes de encontrar alternativas para sua sobrevivência e, portanto, não podemos vê-las como vítimas e/ou sem capacidade de resistência e agenciamento. De qualquer forma, como ressalta Mignolo (2008) a dominação causa a “ferida colonial” que atua sobre todos os âmbitos da vida dos povos colonizados, inclusive sobre seus corpos e suas subjetividades.

Um dos desafios dos estudos decolonias está na reconstrução da historiografia a partir das narrativas dos/das subalternizados/as, favorecendo a emergência das histórias dos protagonismos das mulheres que foram apagadas e invisibilizadas dos relatos contados pelos ‘vencedores”. Outros desafios, de acordo com Mignolo (2017, p.10): “consiste no trabalho inexorável de desvendar como a matriz funciona, e [...] tirar todos da miragem da modernidade e da armadilha da colonialidade”. Pois, entre os vários nós histórico-culturais enumerados por Grosfoguel, (2008), está a hierarquia de gênero/sexo global que privilegiava homens brancos europeus em detrimento de mulheres e o patriarcado europeu e outras configurações e relações sexuais (MIGNOLO, 2017, p.11).

A prática do bordado, é uma atividade que historicamente foi atribuída às mulheres na cidade de São João dos Patos, localizada no interior do sertão nordestino. Mulheres de famílias pobres que encontraram no bordado uma fonte de renda para sustentar suas famílias. Daniela Segadilha (2014) destaca que tal atividade é desenvolvida como alternativa econômica para a subsistência das mulheres que enfrentam dificuldades financeira. De acordo com Segadilha:

Historicamente, 'costurar' e 'bordar' foram tarefas atribuídas às mulheres, devido à 'natureza feminina' que possuem. Aos homens foram negadas essas funções porque eram voltadas a gestos de delicadeza, aos cuidados do lar, das vestimentas (SEGADILHA, 2014, p.38).

Há que considerar as construções da colonialidade do gênero, já que as mulheres não nasceram para os bordados, a elas foram destinadas a essas atividades manuais relacionadas ao cuidado com a casa, o marido, os filhos etc. Esses "cuidados" também foram impostos a partir da colonialidade do gênero e do modelo patriarcal. O bordado se tornou uma das principais atividades desenvolvidas no sertão nordestino, com significados diferentes para as mulheres da elite e para as mulheres pobres. As primeiras representavam prendas valorizadas no mercado matrimonial, as segundas era uma atividade para a manutenção das necessidades básicas das famílias.

As mulheres de classe mais abastada não tinham muitas atividades fora do lar. Eram treinadas para desempenhar o papel de mãe e as chamadas 'prenda domésticas' – orientar os filhos, fazer ou mandar fazer a cozinha, costurar e bordar. Outras, menos afortunadas, viúvas ou de uma elite empobrecida, faziam doces por encomenda, arranjo de flores, bordados a crivo, davam aulas de piano e solfejo, e assim puderam ajudar no sustento e na educação da numerosa prole (PRIORI, 2005, p.249).

Dessa forma, ao analisarmos as entrevistas de Maria Amélia Evangelista de Sousa, Rita Carvalho Pereira, Antônia de Sá Correia, Ceres Maria Galvão Brito e Maria Cristina Silva de Araújo, mulheres radicadas no sertão leste maranhense, percebemos o entrelaçamento de suas histórias, interligadas pela atividade econômica do bordado, cujas trajetórias de vida são marcadas pelo processo de migração do campo para a cidade e suas relações com a Associação Casa dos Bordados Fios e Formas.

As memórias que permeiam as histórias de vida das mulheres bordadeiras transitam pelas suas primeiras lembranças, desde a infância e na casa de suas mães. O cotidiano doméstico e uma vida simples no campo são marcados pela rígida demarcação de funções determinadas pelo sexo/gênero. Sobre os espaços de memórias, Ecléa Bosi (1994, p. 435) destaca: "A casa materna é uma presença constante nas autobiografias. Nem sempre é a primeira casa que se conheceu, mas é aquela em que vive os momentos mais importantes da infância".

A simplicidade da vida das mulheres bordadeiras no campo foi marcada por uma rotina de afazeres domésticos estabelecida desde a infância, o que definiu as funções que deveriam executar. Antônia de Sá, ao recordar sua infância no povoado Malhada D'Areia, destaca a simplicidade de sua vida e a forma como se constituía seu relacionamento com seus pais. "Graças a Deus éramos pobres, mas a gente vivia bem. Sobre a convivência, a gente bem, não viviam brigando, como a vida de hoje. Se o pai dizia: 'Faz isso!', você ia fazer. E hoje não é assim." Ser pobre e viver bem significa ter o suficiente para sobreviver. Um viver marcado pelo intenso trabalho no campo, espaço responsável pela sobrevivência da família. Quanto à relação entre pais e filhos, ela era pautada por uma dinâmica de autoridade e obediência à figura masculina paterna. Ao lembrar de sua infância, ela descreve os momentos em que esteve ao lado de seu pai nas plantações.

Quando eu ia para a roça, ele cavava e tinha um uma 'lumbrigonas' deste tamanho (faz gesto com os dedos para explicar o tamanho da minhoca) e eu gritava (ela sorrir lembrando com muita graça dessa fase da sua vida), mas eu gritava. Ele cavava para a gente plantar o milho, o feijão, o algodão, e aí tinha aquelas minhoconas né?! Aí eu saía correndo gritando. Aí a minha irmã, eu jogava o milho, e ela não queria jogar terra só me jogava, aí quando tinha aquela "lumbrigonas", eu não jogava e papai saía brigando (Antonia de Sá Correia, 10 de set. de 2022).

As relações familiares estavam marcadas pelos papéis de gênero, Antônia de Sá recorda que os afazeres domésticos eram divididos entre os cinco irmãos. Os homens eram responsáveis por buscarem água nos riachos, enquanto as mulheres realizavam as tarefas domésticas e o trabalho no campo. Elas cuidavam da casa, das crianças e da roça. Maria Amélia Evangelista de Sousa, ao recordar os primeiros anos de sua vida no interior com seus pais, disse que sua família vivia da roça e da criação de gado. "Lá no interior, era da lavoura. Meu pai plantava muito. Ele mexia muito com gado, com roça. A gente ia deixar comida na roça com a bacia na cabeça." Ela era a

segunda filha entre os oito irmãos, a sua infância foi marcada por muito trabalho e responsabilidade, executando tarefas domésticas para auxiliar sua mãe na criação dos irmãos. Quando questionada sobre quais tarefas realizava, respondeu:

Na cozinha que eu sempre gostei de cozinhar, a outra minha irmã gostava mais de cuidar dos meninos, ajudar os irmãos sabe? Eu era carregando água, varrendo casa, as vezes lavando roupa, as vezes nem podia muito. Quando eu comecei, minha mão inchava, aí mas eu tudo eu fazia né, de comida. Eu comecei a fazer comida num fogão de lenha. Eu colocava uma cadeira pra mim botar a comida. Lembro da minha mãe com resguardo, e a Corina segurava a vasilha do arroz pra mim colocar na panela. Era desse jeito. Aí quando aprontava, eu botava na bacia e botava na cabeça e ia deixar na roça (Maria Amélia Evangelista de Sousa, 13 de out de 2022).

A infância e juventude da Maria Amélia foram permeadas pelo trabalho árduo e pelo cuidado dos irmãos. Desde cedo, sua infância foi marcada com uma série de afazeres domésticos, permitindo-lhe apenas alguns breves momentos de brincadeiras simples, enraizadas na cultura popular. Esses momentos lúdicos eram raros em sua rotina, uma vez que grande parte de seu tempo era dedicado às responsabilidades familiares.

Eu não me lembro de eu brincar, porque eu comecei (trabalhar) muito pequena, logo eu era a mais velha das mulheres. Logo minha mãe era assim, todo ano ela tinha um filho e lá em casa era muito movimento, muito trabalhador, tinha que fazer comida. Eu comecei a trabalhar muito novinha. A brincadeira que eu lembro que eu gostava muito era de pular corda e de brincar de esconde-esconde, aquela coisa, cedinho da noite, boca da noite, dia que tinha lua, a gente se juntava assim nos terreiros, era aqueles terreirões ali, a gente ia brincar. Mas outra, ela falando de umas pedrinhas que jogava, num sei como é, e eu digo: Pois essa aí eu num passei não. Num teve pra mim não (risos) (Maria Amélia Evangelista de Sousa, 13 de out de 2022).

As recordações das mulheres bordadeiras quanto a divisão de tarefas e papéis desempenhados por elas, ressaltam, as marcas da colonialidade de Gênero que segundo María Lugones (2014)

O homem europeu burguês, colonial moderno tornou-se um sujeito/agente apto a decidir, para vida pública e o governo, um ser de civilização, heterossexual, cristão, um ser de mente e razão. A Mulher europeia burguesa não era entendida como seu complemento, mas como alguém que reproduzia raça e capital por meio de sua pureza sexual, sua passividade, e por estar atada ao lar a serviço do homem branco europeu burguês (LUGONES, 2014, p. 936).

Dessa forma, passou-se a observar pela óptica de Maria Lugones (2014) que a estrutura social estabelecida na sociedade Patoense, são reflexos do sistema estrutural da colonialidade de gênero que passam a demarcar os espaços cabidos aos sexos, sendo este definido por demarcações de tarefas e comportamentos que devem ser seguidos. Cabendo, as mulheres neste sistema uma total relação de subordinação ao sexo masculino. Desse modo, o padrão estabelecido e a ser seguido pelas mulheres que estão sob o sistema colonialista é serem doces, puras a serviço do homem. Desta forma, passamos a ver as mulheres bordadeiras atuando sobre o reduto dos seus lares, sobre o comando da figura masculina.

Portanto, ao considerar o papel desempenhado pelas mulheres Patoenses, percebe-se que elas são condicionadas ao sistema social imposto pelas delimitações de gênero. Os ofícios que desempenham, associados às atividades de cozinheiras, domésticas e bordadeiras, refletem essas delimitações. Assim, ao refletir sobre as mulheres bordadeiras, cujas histórias de vida são marcadas pela opressão de gênero, classe e raça, é importante reconhecer as situações de subalternização a que são submetidas.

A vida de Maria Amélia é marcada pela perda repentina de sua mãe, um evento que a levou a assumir a responsabilidade de criar seus irmãos. Essa trágica perda foi o motivo para a migração da família para a cidade. Seguindo uma trajetória semelhante, Maria Cristina Silva de Araújo, ao lembrar de sua infância no povoado Jiló, recorda os momentos marcantes que viveu com seu pai, este que era lavrador e carpinteiro habilidoso. Quando perguntada sobre as lembranças que tinha da infância, ela respondeu:

Maravilhosas! Foi o tempo que eu fui muito feliz, muito feliz. Meu pai, eu muito pequena acho que com 6, 7 anos, meu pai ia pra roça e eu ajudava meu pai, e não era aquele trabalhar como se trabalha hoje na roça; mas eu ia para lá e papai ia pra roça trabalhar e eu não deixava a comida queimar né?! Eu ficava olhando a comida. Papai vinha e colocava tudo. E também eu ajudava o papai, porque naquela época por exemplo o algodão. Quando o papai ia plantar o milho e o algodão ele ia na máquina furando o espaço e botando o milho, o algodão, e eu ia tampando a cova atrás direto (Maria Cristina Silva de Araújo, 13 de set de 2022).

A forma afetuosa com a qual Maria Cristina recorda as histórias de seus pais são cheias de amor, evidenciadas pelo tom de sua voz e pelo brilho de seus olhos. Ela fala sobre suas primeiras conquistas:

Então eu aprendi com meu pai, eu plantei algodão, eu colhi o algodão, transformei e com 12 anos eu fiz a minha primeira rede e vendi. A minha primeira rede eu troquei por 3 tecidos de chitinha para fazer 3 vestidos e foi o maior orgulho da minha vida. Eu com 12 anos, falei a mamãe, troquei esta rede, que eu plantei o algodão e manuseei e eu troquei por 3 tecidos e a mamãe fez 3 vestidos de chita, e foi o maior orgulho da minha vida (Maria Cristina Silva de Araújo, 13 de set de 2022).

Quando questionada sobre sua relação com os irmãos no interior, ela recorda com alegria as brincadeiras de infância.

Era muito legal né a gente brincava de cavalo de pau, não existia energia lá no interior tudo era na base da lamparina só tem uma coisa que eu não tenho muita saudade aliás 2 coisas: a noite, a luz de lamparina, a mamãe pegava descaroçador pra gente descaroçar o algodão, e eu ficava tentando, e quando eu fiava o algodão, eu cochilava por cima e enfiava o dedo no descaroçador e machucava meus dedos (Maria Cristina Silva de Araújo, 13 de set de 2022).

Maria Cristina expressa uma interação entre o brincar e o trabalhar durante sua infância no interior do sertão nordestino. As brincadeiras típicas das crianças da região misturavam-se com as responsabilidades do cotidiano. No entanto, sua vida sofreu uma grande reviravolta com o falecimento de seu pai. Sua mãe tomou a decisão de mudar para a cidade, buscando proporcionar-lhe uma melhor educação. "Eu perdi meu pai quando tinha 12 anos, ele faleceu em junho e, em janeiro do ano seguinte, vim para cá (São João dos Patos). Comecei meus estudos aqui aos 12 anos e meio. Desde então, moro aqui." Essa mudança para a cidade marcou o início de uma nova fase em sua vida, na qual ela teve a oportunidade de buscar uma educação formal e construir sua história em um novo local.

Mudanças e processos de adaptação foram o que marcaram a vida de dona Ceres Brito. Diante das circunstâncias profissionais de sua mãe, Antônia Pereira Galvão, que era professora, teve que migrar com seus cinco irmãos da cidade de Alto do Parnaíba – MA, para a cidade de São João dos Patos. Essa mudança ocasionou o abandono repentino de seu pai. Quando questionada sobre a profissão de seu pai, a senhora Ceres Brito respondeu:

Meu pai era tocador de sanfona; fazedor de festa tipo Manelim (in memorian) mas aqui, ele não fez nada, daqui ele passava uns dias, e voltava. Passava outros dias e voltava. Até que um dia foi e não voltou mais. [...] Aí ele foi embora. Ele vinha aqui de seis em seis meses. De ano em ano. Depois ele foi e não voltou mais. Arrumou outra mulher pra lá (Ceres Maria Galvão Brito, 13 de out de 2022).

O abandono paterno fez com que sua mãe, Antônia Pereira Galvão, criasse seus seis filhos sozinha, trabalhando como professora e bordadeira. "[...] Minha mãe era bordadeira, foi bordadeira. Era professora, mas sabia bordar." Os desafios e dificuldades envolvidos em sua criação foram muitos. Quando questionada sobre os desafios enfrentados por sua mãe na criação deles, Ceres lembra:

Não foi muito fácil não, mas, naquele tempo as coisas eram difícil, mas era mais fácil. Todo mundo tinha... Se conformava com o que tinha; a vida era muito mais fácil. A gente não tinha muito brinquedo brincava no meio da rua: jogando bola, jogando "giribita", pulando corda... (Ceres Maria Galvão Brito, 13 de out de 2022).

As recordações sobre as dificuldades no qual atravessaram, levaram-na a relembrar a simplicidade de sua infância e das brincadeiras com os seus irmãos. Mudanças de localidades também marcaram a vida da senhora Rita Pereira, natural de Nova Iorque - MA, que residiu em diversos povoados localizados no interior do Maranhão, para só depois vir a residir na cidade de São João dos Patos. Ao recordar sobre a vida com seus pais, ela destaca a humildade de sua existência.

A minha vida foi bem difícil assim uma vida bem humilde. Meus pais eram vaqueiro trabalhava de vaqueiro ganhava era na sorte na época a gente tinha que trabalhar na roça e ajudar a criar os pequenos, quebrava coco depois a gente estudava uma semana, 2 semanas no mês o resto a gente ia trabalhar depois às vezes quando a gente já estava maiorzinha a gente passava 3 a 4 dias na roça ia para a escola para aprender os pontos da prova trazia para casa ia estudar para a prova no dia ia fazer a prova voltava para casa depois que chegava ia trabalhar para poder se manter, se sobreviver (Rita Carvalho Pereira, 16 de set de 2022).

A narrativa revela as dificuldades enfrentadas por Rita Pereira e sua família, bem como sua vontade de buscar uma vida melhor. O estudo era algo presente em sua vida e na vida de seus irmãos. No entanto, as oportunidades eram escassas e a necessidade de sobrevivência levou Rita Pereira a dedicar a maior parte do seu tempo ao trabalho, resultando em uma formação básica limitada ao ensino primário. Rita Pereira sonhava em se formar, mas, devido às circunstâncias sociais e econômicas, esse sonho foi substituído pelo desejo de se casar, visto por ela como uma possibilidade de mudar de vida. Segundo ela:

Aí eu também pensei já tô com 22 anos então eu vou casar essa vida minha ta muito pesada vai que eu arrumo um marido um casamento. Ele (esposo)

era um homem muito trabalhador tinha uma casinha para nós morar, eu digo às vezes melhora a minha vida, aí fomos larguei e fui me casar (PEREIRA, Rita Carvalho Pereira, 16 de set de 2022).

O casamento era algo almejado pelas moças dos anos 1970, e a preparação do enxoval era parte do rito do casamento. Rita Pereira recorda que, quando foi se casar com o senhor Agripino, preparou seu próprio enxoval.

Na época era guarnição que chamava (enxoval) né. 3 guarnições ó eu levei 3 guarnições da cama era: a coxa um lençol. Aí na bileirinha era: 5 guardanapos, 3 da bileiras e 2 para cobrir o pote e uma toalha de mesa. Essas que eram as guarnições de cada um eu levei essa quantia. Levei uma estampadinha levei uma verdizinho bordada de marrom e levei outra vermelha. Eu que bordei (Rita Carvalho Pereira, 16 de set de 2022).

Casamento constituído, não demorou muito para que os filhos viessem, e as responsabilidades se intensificassem. Ao recordar sobre a rotina de trabalho que permeava o cotidiano de sua família e ao questioná-la sobre o tempo dedicado aos bordados, ela respondeu:

[...] Chegou uma carta lá em casa me convidando para assumir uma sala de aula como professora, aí assim eu fiz, assumir sala de aula com um menino no bucho o terceiro. O primeiro o segundo no braço (filhos) [...]. Aí eu disse eu vou me casar que eu vou ter uma vida mais fácil, que nada piorou a situação piorou a situação aí ele na roça cheio de trabalhador (Rita Carvalho Pereira, 16 de set de 2022).

O sonho de uma vida mais tranquila deu lugar a uma rotina mais intensa de trabalho, revelando assim a multiplicidade de tarefas desempenhadas pela Rita Pereira, à mesma se desdobrava entre os trabalhos de ser mãe, professora, dona de casa, quebradeira de coco e artesã, enquanto seu esposo se dedicava ao trabalho no campo.

[...] Aí eu ia deixar comida na roça cansada, dava uma voltinha passava na casa da minha mãe, deitava um pouquinho, chegava voltava para casa quando eu chegava em casa eu ia almoçar aí eu ia arrumar a cozinha todinha aí quando eu arrumava a cozinha todinha aí lá fora no quintal já tinha um montinho de coco para quebrar. [...] Depois aí quando era 5 horas, quando eu terminava de quebrar os cocos, terminava de ajeitar a janta estava pegando as crianças, aí jantava e arrumava a cozinha, aí eu ia me sentar no projeto (crochê) até uma hora da manhã, meu dia quando não era o crochê, era a papelada dos alunos[...] (Rita Carvalho Pereira, 16 de set de 2022).

Nota-se então o peso das obrigações sobre Rita Pereira e seu esposo. Todavia, esse aspecto reflete a realidade de inúmeras famílias brasileiras, a qual mulheres

desempenham múltiplas tarefas. Tal característica revela as demarcações de espaços e funções sociais em que os gêneros deveriam ocupar, no qual os trabalhos de agulha se tornam uma característica da extensão do trabalho doméstico. Maria Matos e Andreia Borelli (2013), destacam, que os trabalhos de agulha são atividades econômicas tipicamente femininas desenvolvidos nos redutos familiares. Tais atividades permitem a conciliação dos afazeres domésticos com a maternidade, dando as mulheres a possibilidade de obtenção de algum ganho financeiro. Ainda sobre essa atividade, Maria Matos e Andreia Borelli (2013), enfatizam que:

A qualificação da mão de obra era feita através do processo de socialização e da educação, ou seja, as mulheres utilizavam no trabalho habilidades apreendidas com outras mulheres ao longo de suas vidas. Destreza, rapidez, repetição e precisão eram elementos importantes para a execução de bordados e rendas, costura, tricô, crochê, manufatura de flores, ornamentos e chapéus, elaboração de enxovais de cama e mesa, lingerie, chinelos e para a "costura de carregação" de produtos, como os sacos de juta para o café e os uniformes fabris. Muitas dessas ocupações eram passadas de geração em geração (MATOS e BORELLI, 2013, p.130).

Quanto às mulheres bordadeiras patoenses, estas são conhecidas pela destreza de seus trabalhos com agulhas, habilidades que lhes permitem desenvolver diversos trabalhos manuais, como ponto cruz, crochê, bordado de máquina e tecelagem. Essas práticas são tradicionalmente transmitidas no âmbito doméstico e repassadas de geração em geração por meio do conhecimento transmitido pela oralidade. Mães, tias e avós desempenham um papel fundamental nesse processo, ensinando seus filhos, netos e sobrinhos por meio da observação e da transmissão oral de saberes, estabelecendo uma conexão entre a oralidade e a prática dessas habilidades para as gerações futuras.

A observação e a curiosidade são partes essenciais do processo de aprendizagem do artesanato. Maria Amélia Evangelista destaca que sua curiosidade lhe proporcionou a obtenção do conhecimento acerca da produção de redes, que está marcada pelo processo de fiação do algodão.

Eu aprendi assim vendo os outros eu era muito curiosa comecei assim lá na Malhada da Areia o fiava. O algodão na roda, que a gente fiava assim, tecia rede, tecia lençol. Pois é, eu fiava lá. Fazia. Mandava. A minha vó tecia, aí ela tecia as redes. A gente mandava tecer (Maria Amélia Evangelista de Sousa, 13 de out de 2022).

Pode-se notar que o processo de aquisição desse saber por parte da senhora Maria Evangelista se deu pela transmissão dos saberes passado de avó para neta. Dentro dessa perspectiva, pode-se notar uma similaridade no processo de aprendizado da Maria Cristina da Silva, que destaca que todo o seu conhecimento adquirido veio dos ensinamentos de sua mãe.

(Minha mãe) Também artesã; desde que eu me entendi na vida; ela já trabalhava fazendo rede fiando na roda e também a mamãe bordava na máquina. Hoje já não borda mais, porque está bem cansada, mas, sabe fazer muito bem e eu aprendi com ela porque ela me ensinou desde cedo a trabalhar (Maria Cristina Silva de Araújo, 13 de set de 2022).

Ao lançar seu olhar sobre as novas peças a serem produzidas, ela redireciona sua atenção para o processo de aprendizado, se desafiando a conhecer e aprender novos tipos de bordados. Quando perguntada sobre como aprendeu a bordar, Rita Carvalho Pereira enfatizou que sua curiosidade a levou a desmanchar um bordado já feito, a fim de entender como se dava o processo de feitura do bordado.

Eu mesma o primeiro ponto de bordar só curiosidade eu sempre tive curiosidade de aprender as coisas. Lembro, lembro tudinho lembra tudinho que eu aprendi eu tinha muita vontade de aprender esse ponto lá desse bordado. Caroço eu sabia fazer todos eles. Eu fazia caroço de arroz, rococó, ponto atrás ou era o mesmo pontinho que fazia, como é que se diz, o aplicação e cordão de ouro de uma peça para outra de uma pétala de um ramo para outro cordão de ouro então eu fiquei muito curiosa que eu não sabia como é que eu ia fazer ele eu olhava e olhava de todo jeito eu não sabia fazer ele então eu peguei eu me desmanchei e fui puxando por onde de onde é que ele vinha (Rita Carvalho Pereira, 16 de set de 2022).

É perceptível que a curiosidade e a rede de informações entre as mulheres impulsionam sua inserção no universo dos bordados. Aquelas que não possuíam familiares com tais habilidades recorriam às vizinhas para aprender novas atividades artesanais relacionadas aos bordados, conforme destaca a senhora Rita Pereira.

Eu tinha a maior vontade de aprender crochê eu não tinha uma agulha, na época eu tinha uns 13 anos que eu aprendi a fazer o crochê. Aí a minha vizinha fazendo crochê eu achava bonita tinha maior vontade porque eu tinha um sonho de possuir as coisas eu de querer as coisas eu vivia naquela vida tão sofrida [...] aí ela (vizinha): está bom eu vou te ensinar a fazer crochê. Aí ela veio e ela fazendo ali eu olhando aí eu não tinha agulha, aí meu pai fez foi pegou um pedacinho de aroeira fez bem-feitinho uma agulha de pau de Aroeira um pedacinho de Aroeira aí pegou e fez uma agulha que eu mandei brasa com essa agulha e aprendi a fazer crochê com essa agulha e olhando

ela dizendo fazia, desmancha o teu aí por onde vai, aí ela fazia e eu aqui fazendo até que aprendi (Rita Carvalho Pereira, 16 de set de 2022).

Todavia, cabe destacar que, além dessas formas de disseminação do conhecimento do bordado, as escolas da cidade de São João dos Patos promoviam, entre os anos de 1960 a 1980, por meio das aulas de arte, o ensinamento sobre bordados com aulas práticas voltadas para o público feminino. De acordo com Antônia de Sá Correia:

Aí lá (Malhada da Areia) tinha os professores, me lembro a data da semana, que era um dia de quinta-feira, era o dia de bordar e o dia de religião, da aula de religião. Toda quinta-feira. A gente bordava um pouco, aprendendo né?! Aí depois tinha a aula de religião (Antônia de Sá Correia, 10 de set. de 2022).

Corroborando com esse pensamento, Ceres Maria Galvão destaca que aprendeu a bordar observando sua mãe, mas, também se recorda que durante as aulas de arte, a professora ensinava bordados.

Na escola a gente aprendia pontinho, ponto atrás, ponto paris na mão. A minha mãe sabia e me ensinou. Minha mãe era bordadeira, foi bordadeira. Era professora, mas sabia bordar. [...] Tinha uma professora de artes que às vezes me ensinava. Eu não me lembro se a dona Carmelita foi professora de artes, eu não me lembro mais. Na primeira série do ginásio tinha artes eu aprendi: tinha artes, só que eu já sabia mais ou menos (bordar) (Ceres Maria Galvão Brito, 13 de out de 2022).

Ceres Galvão destaca que as aulas de bordado eram direcionadas para as mulheres, enquanto os homens desenvolviam outras atividades condizentes com seu gênero. "Os meninos faziam outras coisas: tinham coisas para meninos e coisas para meninas." Além da aprendizagem na escola, a cidade também oferecia cursos técnicos que tinham como objetivo proporcionar às mulheres a oportunidade de alcançar independência financeira, ao mesmo tempo em que auxiliavam no sustento do lar e nos cuidados com os filhos. Segundo relato da Sra. Antônia, o curso realizado na LBA¹² permitiu que ela aprimorasse suas habilidades, abrindo caminho para a comercialização das peças que ela mesma produzia.

¹² No Brasil, em 1942, Darcy Vargas, esposa de Getúlio Vargas, fundou a LBA – Legião Brasileira de Assistência, um órgão ligado ao Ministério da Previdência e Assistência Social, cuja presidência ficaria a cargo da primeira-dama. Assim ocorreu sucessivamente até 1995, quando Ruth Cardoso extinguiu a LBA por suspeitas de fraude durante o governo Collor, no primeiro dia de mandato de seu marido, o então presidente eleito Fernando Henrique Cardoso.

Lá no interior eu aprendi bordar na mão no colégio, aí depois, quando eu me casei, eu cheguei aqui em São João dos Patos, aí eu aprendi com a minha sogra a fazer crochê, aí depois eu fui pra LBA (Legião Brasileira de Assistência) que teve aqui o crochê da LBA, num sabe? A gente tinha só o diploma. O cupim comeu o meu. Eu acho que nem existe mais isso (LBA), aí eu aprendi lá fazer, a bordar. Ou eu tô enganada?! Não! Foi na LBA mesmo! Aí eu aprendi a bordar e depois, é, eu aprendi a costurar também, mas, costurar eu não costuro não, eu acho ruim, aí eu continuei bordando, aí eu parei porque eu tinha medo de fazer e o povo não gostar. Aí um dia uma amiga disse assim: Por que tu não borda pra tu ganhar o teu dinheiro? Cuida no teu serviço! Aí eu fui e fiz um caminho de mesa, na hora que a pessoa viu, comprou, aí dali eu comecei a começar a bordar (Antônia de Sá Correia, 10 de set. de 2022).

As memórias da dona Antônia de Sá associadas ao curso são marcadas por uma profunda gratidão, conforme evidenciado por um pano de amostra dos primeiros bordados realizados no LBA, apresentado como um testemunho do impacto do curso. A empolgação transparecia ao detalhar cada um dos pontos aprendidos e hoje aperfeiçoados pela prática e dedicação ao bordado de máquinas.

Figura 6: Antônia de Sá Correia fazendo bordado de máquina



Fonte: Arquivo fotográfico da autora da pesquisa (2022).

Dentre as técnicas de pontos de bordado de máquina aprendidas por Antônia de Sá, pode -se mencionar o Richelieu, matriz, cheio, matiz, bainha aberta, ponto atrás, cheio com aplicação e crivo.

Figura 7: Tipos de pontos de bordados de máquina



Fonte: Arquivo fotográfico da autora da pesquisa (2022).

Além da LBA, na cidade existiam escolas particulares de bordados, conduzidas por senhoras de famílias distintas, que ofereciam cursos a jovens aprendizes. Ceres Galvão frequentou o curso da Senhora Tena, uma mulher que lhe ensinou pontos específicos do bordado de máquina, como o crivo e o Richelieu.

E aí fui aprendendo e depois que eu entrei na escola da dona Tena, que era ali onde era mãe da Maria diz não sei se já lhe disseram isso falaram dela. A mãe da Edite, Socorrinha, e do Mirócles. Ela ensinava a bordar. Ela tinha um salão que tinha as máquinas. A gente levava as máquinas, quem tinha as máquinas. Às vezes ela tinha uma, duas máquinas dela, que gente que não tinha máquina ia pra lá. Era ali onde era A Credenorte, bem ali, naquela esquina tinha um salão grande e tinha as máquinas e ela ensinava (Ceres Maria Galvão Brito, 13 de out de 2022).

Segundo Ceres Galvão (2022), a “A Dona Tena tinha as caixas de desenho, a gente tirava os desenhos. Hoje não! a gente entra no site que tem bordado amplia um risco, tira uma parte, bota outra e vai reformando”. Os desenhos são elementos primordiais dos bordados de máquina, este devem ser traçados com lápis e carbono sobre o tecido de linho, para que só assim depois presos sobre um bastidor possa ser bordado pela máquina.

A senhora Antônia de Sá destaca suas habilidades em desenho, afirmando: "Eu também desenho, faço desenhos para toalhas, caminhos de mesa; tenho vários modelos de desenhos." Em sua explicação, ela detalha o processo que precede o bordado feito à máquina, uma atividade que requer habilidade e criatividade por parte da artesã. A primeira etapa desse processo é a seleção do desenho, que pode ser uma criação própria da bordadeira ou uma reprodução de outros bordados. Geralmente, os desenhos apresentam formas arabescas e flores.

Figura 8: Moldes de desenhos de bordados de máquina



Fonte: Arquivo fotográfico autora da pesquisa (2022).

Escolhido o modelo do desenho, a segunda etapa a ser realizada é a transferência do risco do papel para o tecido, que se dá com ajuda de um lápis e carbono, sendo este opcional. Segunda Antônia de Sá, essa transferência pode ser realizada com a fixação do desenho sobre o tecido com ajuda de alfinetes, ambos bem presos, a bordadeira passa a contornar o desenho com lápis repetidas vezes até que a imagem fique bem nítida no tecido, e em seguida a mesma passa a cobrir com lápis a imagem transferida para o tecido.

Figura 9: Desenho traçado sobre o tecido de linho



Fonte: Arquivo fotográfico autora da pesquisa (2022).

Uma vez traçado o desenho no tecido, este será fixado em um bastidor. Em seguida, será bordado utilizando uma variedade de pontos de bordado à máquina, como os que já foram apresentados anteriormente.

Figura 10: Antônia de Sá Correia produzindo o bordado de máquina



Fonte: Arquivo fotográfico autora da pesquisa (2022).

As habilidades das mulheres bordadeiras são resultados de anos de prática e dedicação a um saber-fazer que deu nome à cidade de “capital dos bordados”, transformando a atividade numa das principais fontes de renda das famílias pobres da cidade. A importância dos bordados no orçamento familiar é ressaltada pelas mulheres. Antônia de Sá ao recordar que após a realização do seu casamento aos 18 anos com João Batista de Sousa Correia, não demorou muito para que constituíssem uma família com três filhos, sendo um homem e duas mulheres. E diante do orçamento financeiro curto do seu esposo que era carpinteiro, Antônia de Sá, ajudava nas despesas familiares com a produção de bordados. Quando perguntada se o bordado ajudou nas despesas da família ela responde:

Ajudou! Ganhava o meu dinheirinho; meu esposo trabalhava de serraria e eu fazia os crochezinho e comprava as coisinhas pra eles (filhos). Comprei muitas coisinhas para os filhos. Era. Era uma renda. E naquele tempo a gente ganhava dinheiro mais um pouco, hoje, hoje está difícil (Antônia de Sá Correia, 10 de set. de 2022).

Antônia de Sá, expressa orgulho em ter uma renda que lhe permitiu adquirir itens pessoais para seus filhos. No entanto, ela destaca que a venda de bordados se tornou desafiadora nos últimos anos. O autossustento também é o que motiva mulheres solteiras a trabalhar com o bordado, as quais, ao trabalharem, não medem esforços para contribuir com suas famílias.

A senhora Ceres Galvão, mulher solteira e que se dedicou por muitos anos aos cuidados com a saúde de sua mãe, fala com orgulho de poder trabalhar com os

bordados e pagar suas despesas com seu próprio trabalho: "Vendi, eu tinha que vender, porque eu tinha que ter meu dinheiro para pagar as coisas, pagar as contas, porque senão...". Questionada se o bordado representou uma fonte de renda em sua vida, ela respondeu: "Representou, paguei minha previdência com bordados, 18 anos de previdência, e sou aposentada hoje com o pagamento do bordado, com bordado".

Maria Amélia também optou por ser solteira e quando questionada sobre o motivo de não querer se casar, Maria Amélia revelou o drama familiar que viveu quando jovem. Ela vivia sob a tutela de seu pai, um homem viúvo que, diante dos aspectos sociais e culturais locais, possuía uma vida marcada pelo vício em jogos de azar e promiscuidade. Segundo ela, o seu pai mantinha relacionamentos afetivos com diversas mulheres, chegando a gastar tudo que tinha com mulheres da vida, deixando a família sempre em segundo plano e à mercê de privações financeiras.

Não. Porque esse negócio do meu pai eu acho que me deixou muito frustrada com esse negócio de casamento sabe aí quando minhas irmãs começaram a casar que eu comecei a ver eu fiquei mais assim e até o momento eu não me arrependo um segundo, que eu não procurei me interessar por um casamento. Aí eu fiquei com trauma assim, não sei por que, meu pai tinha vez que ele obrigava a gente. Eu comecei a trabalhar ainda dentro de casa, junto com eles não sabe, mas aí ficou um clima tão terrível, aí aconteceu esse suicídio dessa minha irmã, aí eu me acabei, e foi mesmo assim que me acabar sabe?! Aí um dia o Jocilé me chamou e disse: A gente vai procurar uma solução pra gente sair de lá, porque senão tu vai se acabar, e tu não vai conseguir nada. Porque tudo que eu fazia, todo dinheiro que eu pegava eu entregava pra ele (Maria Amélia Evangelista de Sousa, 13 de out de 2022).

O trauma deixado pelo pai de Maria Amélia resultou em uma resistência dela em relação ao casamento, que passou a ser associado à opressão e dominação sobre as mulheres. Ao perguntar se seu pai pedia o dinheiro dos seus bordados, ela respondeu enfaticamente: "ele não pedia, ele ordenava". O tom de voz dela nesse momento demonstrou incisividade, revelando a forma rude como seu pai a tratava.

Além disso, ela era obrigada a tirar dinheiro no comércio local sobre forma de empréstimos para dar ao seu pai, alimentando assim o seu vício. "Às vezes, eu precisava pegar coisas no comércio fiado para dar a ele, para que ele gastasse com mulheres e jogos. Ele não bebia nem fumava, meu pai; mas esse vício por mulheres, eu vou lhe dizer." Diante da vida sofrida, Maria Amélia juntamente com os seus irmãos decidiram alugar uma casa para viver fora dos domínios do pai:

Assim é porque meu pai era muito ignorante não sabe, aí o menino queria trabalhar para até as coisas dele não sabe, aí meu pai queria botar ele era pra matar porco carregar pro mercado não sei o que, aí eu digo: Eu vou sair. Aí quando eu saí de casa. Ave maria, ele quase endoia, meu pai; foi um escândalo que foi assim uma coisa não sabe, que eu fui tirando as coisas de pouco, botando na casa aqui do meu irmão. Aí quando ele soube, isso foi um auê, que Ave Maria, foi só a confusão grande. Aí o neto começou a trabalhar com o nativo aí depois ele começou a trabalhar com esse cunhado que hoje é separado que trabalhava no garimpo aí ele passou um tempo lá pra esse garimpo, ia e vinha. Aí quando nós mudamos, eu ainda morei um ano e 2 meses de aluguel e comprei essa casa aqui do seu Eurico. Era uma casa toda de adobo, mas hoje não tem mais nada do que ela era. Aí trabalhando graças a Deus foi um período muito bom (Maria Amélia Evangelista de Sousa, 13 de out de 2022).

A reação do seu pai não foi das melhores, mas essa atitude foi a forma encontrada pelos jovens irmãos para ter uma vida mais tranquila. Tendo o bordado como uma das principais fontes de renda da família, essa atividade foi responsável pela aquisição da casa da Maria Amélia. Quando questionada se o bordado foi uma fonte de renda para sua família, ela respondeu: "Foi. Porque eu fazia de tudo, da rede, de tudo eu fazia. Aí hoje tá pouco, logo eu tô até com umas redes aí, ta aí, mas num ta aparecendo (comprador)". As falas de Maria Amélia evidenciam a importância do bordado em sua vida, porém ela destaca o declínio das vendas dos bordados nos últimos anos.

Faz-se necessário, refletir sobre as diversas formas de violência e opressão vividas pelas mulheres bordadeiras. Entretanto, apesar desse sistema opressor passamos a perceber na cidade de São João dos Patos, um movimento de mulheres com pensamento insurgente. Ao se imporem e resistirem às determinações instituídas pelo sexo oposto, passaram a buscar no bordado uma certa autonomia e independência financeira para suas vidas e, conseqüentemente, para suas famílias.

Rita Pereira embora tivesse um relacionamento respeitoso e afetuoso com seu esposo, segundo a entrevistada ele não permitia que ela saísse para vendê-los.

É porque ele (marido) tinha aquela eu acho que era um tipo de ciúme as pessoas dizem assim mulher que vende bordado fora que não é com solteira, mete chifre no marido aí eu digo não, mas isso não acontece fie. De tudo a sobrinha dele fazia de tudo deixa eu tio Agripino ela ir comigo ela vendo as bordado, não, mas para as pessoas ele não dizia assim dizia para mim eu achava que isso era um pouco de ciúme só que quando ele adoeceu aí ele deixou, ele disse é agora tu vai com teu bordado porque só com salário nova nessa idade está muito difícil, aí assim eu fiz aí eu peguei uma boa parte do Maranhão (Rita Carvalho Pereira, 16 de set de 2022).

Percebe-se claramente, através das palavras da senhora Rita de Carvalho, o posicionamento machista e conservador de seu esposo, que a via como uma posse, impedindo-a de viajar para comercializar seus bordados. Apesar de seu principal objetivo ser contribuir com a renda familiar, a simples ideia de viajar era vista pelo esposo como um ato que mancharia sua imagem e reputação. Diante dessa adversidade, Rita viu-se compelida a buscar alternativas, resultando na entrega de sua produção a intermediários, incumbidos da comercialização de suas peças.

As reflexões suscitadas em torno da relação entre a senhora Rita Carvalho e seu esposo destacam de forma clara os reflexos da colonialidade do poder no controle da economia, da autoridade e do gênero. Esses elementos se entrelaçam nas dinâmicas das relações familiares, evidenciando uma estrutura social marcada pela subjugação da mulher e pela imposição de papéis de gênero rígidos. Esses padrões não são exclusivos dessa relação específica, mas sim reflexos de uma matriz de poder colonial que perdura e se manifesta em diversas esferas da vida social e familiar.

Apesar das restrições impostas, a determinação da senhora Rita Carvalho em continuar sua produção e venda de bordados permaneceu inabalável. Contudo, o suporte esperado do marido só se concretizou quando este enfrentou um período de adoecimento. Nesse contexto, a dinâmica se inverteu, e ele passou a apoiar ativamente sua esposa na venda e comercialização dos bordados, inclusive expandindo para outras cidades. Essa mudança evidencia como as circunstâncias adversas podem transformar percepções e comportamentos, abrindo caminho para uma colaboração mais significativa na dinâmica conjugal.

O trabalho feito por Rita contribuía com as despesas domésticas, juntamente com o seu esposo que era lavrador e açougueiro, e que em momentos de folga realizava as entregas dos bordados, recebendo o dinheiro conquistado e em seguida repassando os proventos a ela. Rita Pereira, ainda destaca que após a morte do seu marido a principal renda da sua família foi o bordado.

Aí o que é que acontece meus filhos tudo para baixo (depois da morte do pai) sem ter mais como. Aí então eu sustentei todos eles com os meus bordados. Depois que meu marido morreu, e que eu saí da depressão, a fonte de renda da minha família foi o bordado (Rita Carvalho Pereira, 16 de set de 2022).

Rita Pereira, após a morte do marido, enfrentou a depressão, mas encontrou no bordado uma forma de resistência e um meio de sustentar sua prole. Da mesma

forma, Maria Cristina, uma mulher que é professora, bordadeira e mãe solteira de dois filhos, criou seus filhos trabalhando como docente e bordadeira. Em uma sociedade machista e patriarcal, ela enfrentou de ‘cabeça erguida’ duas gestações sem a presença dos pais dos seus filhos, e não se deixou intimidar pelas críticas, ela enfatiza que:

Olha assim na época que eu tive meus filhos não que eu não me aceitasse certo?! Mas, graças a Deus eu nunca dei oportunidade mesmo grávida desde sem ter me casado eu nunca dei oportunidade para as pessoas me jogarem uma piada, até hoje graças a Deus. Por que eu tive meus filhos, mas eu sempre me respeitei certo?! Sempre me respeitei então foi difícil na sociedade que eu sou independente porque eu não dependo de ninguém entendeu? Criei meus filhos sozinha e não devia satisfação para a sociedade então eu encarei isso de cabeça erguida de verdade eu nunca aceitei piadinha nem dei oportunidade (Maria Cristina Silva de Araújo, 13 de set de 2022).

Maria Cristina, conta que uma senhora a tentou constranger em ambiente público, ela recorda com risos como reagiu.

Eu tive um momento uma vez mesmo que eu acho até incrível e ainda hoje eu falo disso. Num teve uma época do banco do estado? Eu tava grávida com sete meses, e estava na fila do banco muito lotado, quando uma pessoa chegou e botou as duas mãos nas cadeiras olhou pra trás e gritou bem alto: Oh mulher, tu tá grávida? E eu disse: Tô. Quem é o pai? É teu marido, tu num sabia não?! Ai, ao invés de ela me fazer vergonha, eu que fiz vergonha pra ela (risos) (Maria Cristina Silva de Araújo, 13 de set de 2022).

Maria Cristina, demonstra sua garra e a forma como enfrentava a sociedade. Quando questionada se os bordados era uma fonte de renda para sua família, ela respondeu:

Sim, tudo que eu sou hoje eu agradeço ao artesanato. Era (renda), enquanto criança e enquanto adolescente era minha única fonte de renda. A minha família vivia do artesanato. E eu vivi do artesanato certo! Para mim estudar eu tecia rede, eu fazia crochê, eu vendia e trabalhava para os outros. Aquela Zefa do Dedé, que tinha o restaurante, toda semana quando eu cheguei em São João dos Patos, eu bordava uma toalha para ela. Toda semana. E eu bordava muito para os outros fazendo o meu trabalho muito bem-feito (Maria Cristina Silva de Araújo, 13 de set de 2022).

As mulheres entrevistadas revelam múltiplas realidades que, embora distintas, estão interligadas pela produção de bordados. Elas resistem à opressão masculina da sociedade patriarcal, lutando diariamente para manter seus lares e sobreviver. Suas narrativas, portanto, desvendam como cada uma delas enfrentou e lidou com seu passado.

De toda forma, as marcas e dores estão presentes em razão da dominação colonial, da qual a colonialidade do gênero é constitutiva. No entanto, elas deram testemunhos inspiradores de como enfrentaram as adversidades, encontrando uma maneira de reconstruir suas vidas e superar os obstáculos através da arte dos bordados, com suas mãos habilidosas, enquanto transformavam os tecidos e as linhas em obras de arte, teceram seus destinos.

CAPÍTULO 2: ENSINO DE HISTÓRIA, ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA: A ELABORAÇÃO DAS MINIBIOGRAFIAS DAS BORDADEIRAS NO “CENTRO EDUCA MAIS JOSÉLIA ALMEIDA RAMOS”

2.1 Centro Educa Mais Josélia Almeida Ramos e o ensino de história na perspectiva dos/das educandos/as.

O Centro Educa Mais Josélia Almeida Ramos, foi fundada em 1981, originalmente se chamava Unidade Integrada Deputado Edson Lobão, nome dado em homenagem ao ex-deputado estadual que garantiu Recursos Federais para a construção da primeira escola do município a oferecer os antigos ginásios e segundo grau completo. No entanto a Lei nº 30.618 de janeiro de 2015 (conforme o Anexo - F), alterou o nome de todos os edifícios públicos que homenageavam pessoas vivas. Democráticamente, foi escolhido o nome da professora Josélia Almeida Ramos. Assim, passou-se a chamar “Centro Educa Mais Josélia Almeida Ramos – CEMJAR”, conforme o Decreto Estadual nº 31.469 de 4 de janeiro de 2016 (Anexo - F). Em 2018, passou a oferecer Ensino Médio em Tempo Integral e adotou o Modelo da Escola da Escolha¹³.

Localizada no bairro São Raimundo, a instituição atende estudantes da cidade e de municípios vizinhos, como Sucupira do Riachão e Pastos Bons. A busca pela instituição se deve ao seu destacado desempenho nas provas do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM e ao seu bom índice no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica- IDEB. Em 2021, a escola obteve a média de 4,9, se destacando entre as 10 melhores escolas do Maranhão e ocupando o terceiro lugar no ranking estadual entre as unidades escolares de tempo integral.

¹³ O modelo da Escola da Escolha é uma instituição de tempo integral originária do estado de Pernambuco, atualmente presente em cinco regiões do país. Uma das características marcantes desse dessa estrutura de ensino, é uma grade curricular diversificada, baseada nas disciplinas da base, bem como em disciplinas de Projeto de Vida, Tutoria e Eletivas. Além desses aspectos, a Escola da Escolha valoriza o protagonismo juvenil, incentivando os estudantes a elaborarem seus projetos de vida e a desenvolverem clubes de protagonismo para discutirem temas de seu interesse. Na Escola da Escolha, os estudantes são estimulados a refletir sobre seus sonhos e o que desejam alcançar em suas vidas. As ações educacionais delineadas pela Escola da Escolha são pensadas e planejadas com o objetivo de atender às expectativas dos estudantes em relação a seus projetos de vida.

Figura 11: Prédio do Centro de Ensino Josélia Almeida Ramos



Fonte: <https://wikimapia.org/40322570/pt/Centro-de-Educa%C3%A7%C3%A3o-Integral-Jos%C3%A9lia-Almeida-Ramos-CEINJAR>

Em 2022, a instituição atendeu aproximadamente 345 estudantes distribuídos entre o 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio em regime de tempo integral. A mesma integra uma rede de 1.071 escolas estaduais no Maranhão e está sob supervisão da Unidade Regional de Educação (URE) de São João dos Patos. Esta URE acompanha pedagogicamente 15 escolas na região do Médio Sertão Maranhense, além da SUPCETI, que supervisiona os Centros de Ensino de Tempo Integral.

A escolha da instituição para pesquisa ocorreu devido a minha atuação como docente no local em 2021. Essa experiência anterior facilitou o diálogo com a gestão e me proporcionou uma compreensão profunda da proposta didática da escola. A pesquisa foi realizada com 32 estudantes do 2º ano, turma 202, com idades em torno de 16 anos. Desse total, 20 são do sexo feminino e 12 do sexo masculino. A seleção desta turma foi influenciada pela confiança e respeito cultivados durante meu tempo como professora. Este relacionamento positivo na instituição promoveu a receptividade à proposta de pesquisa. Adicionalmente, a colaboração dos alunos e professores, que se esforçaram para ajustar seus horários para acomodar a pesquisa, foi fundamental.

A partir do questionário de pesquisa aplicado com os 32 estudantes, foi possível identificar a origem étnica e racial dos estudantes. Desses, 18 se consideram brancos, 9 negros e 5 pardos. Além disso, foi possível identificar a origem educacional dos mesmos, podendo observar que, dos 32 alunos, apenas 6 estudaram o ensino fundamental em escola privada. Os motivos apontados pelos estudantes oriundos de escolas privadas, para a mudança, estão associados à ausência de escolas privadas

na cidade que ofereçam o Ensino Médio, bem como interesse dos educandos pelo sistema de cotas destinado a alunos oriundos de escolas públicas.

Quanto ao perfil das famílias dos educandos, os dados demonstram que 56,25% dos pais e mães são trabalhadores assalariados, sendo que 37,5% das mães são donas de casa, podendo realizar atividades complementares à renda da família, como trabalhos manuais, a exemplo dos bordados. Além disso, 56,25% das famílias dos educandos são beneficiárias do programa social “Bolsa Família”. Essas informações nos fazem refletir sobre o perfil socioeconômico das famílias dos estudantes, que geralmente são constituídas por 3 a 4 pessoas. A renda familiar é estimada entre 1.000,00 e 2.000,00 reais mensais, correspondendo a 62,5% das famílias dos discentes. Essa estimativa nos leva a pensar sobre a importância de programas sociais, como o “Bolsa Família”, para a manutenção desses jovens nas escolas do país.

2.2 Percepções dos educandos sobre a presença das mulheres no ensino de história.

A fim de perceber a compreensão dos estudantes sobre a presença das mulheres na história e a sua relação com a disciplina de História, direcionamos o questionário investigativo para essa temática. Perguntamos aos estudantes se eles consideram a disciplina de História importante para suas vidas.

Quadro 02 - Justificativa da pergunta: Você considera a disciplina de História importante para sua vida?

RESPOSTAS	JUSTIFICATIVA
SIM	<ul style="list-style-type: none"> • Pois, saber do passado nos faz entender o presente e o hoje. • Porque é uma forma de entender o passado e como ele afeta o presente. • Considero importante, pois é muito importante entender as nossas origens e como chegamos ao que somos hoje. • Porque me traz mas conhecimento sobre a história me ajudando a compreender o presente e o futuro. • Pois através dela conseguimos estudar o passado para compreender o presente. • Pois através dela podemos entender um pouco do que estamos vivendo.
NÃO	<ul style="list-style-type: none"> • Porque já passou. • Porque não tenho interesse e já passou.

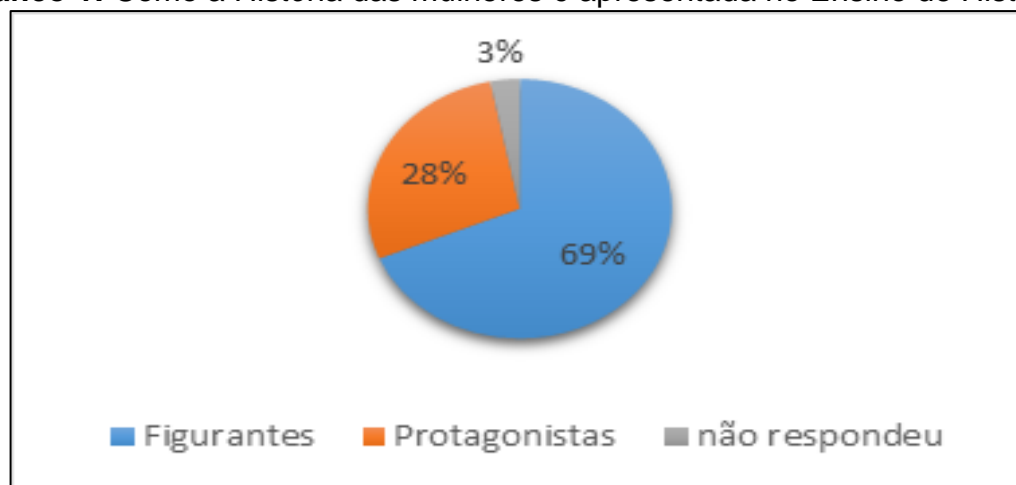
Fonte: Questionário pesquisa de campo – Ano (2022).

Dos 32 estudantes, 28 confirmam que é importante, 2 estudantes não acham importante e 2 não responderam. As respostas apontadas demonstram que os estudantes reconhecem que a disciplina de História nos permite compreender certos acontecimentos do presente, pois esses podem vir a ser reflexos de ações do passado. Sendo, então, a disciplina de História considerada por eles essencial para uma melhor compreensão de mundo.

Contemplando as respostas dos educandos, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (2017) do Ensino Médio ressaltam que o ensino de História desempenha um papel importante na configuração da identidade dos estudantes, proporcionando a eles uma melhor percepção da realidade que os cerca a partir de suas relações sociais. Além disso, Priscila Souza (2021), enfatiza que o ensino de História não tem a pretensão de prever o futuro, mas a disciplina aguça a criticidade dos educandos sobre acontecimentos do passado e como esses podem incidir sobre o presente, proporcionando aos estudantes uma maior capacidade crítica em relação à realidade que os cerca.

Quanto aos que responderam que não acham importante e não responderam, percebe-se uma falta de identificação com a disciplina, não vendo na disciplina de História uma relação com o presente, o que faz com que ela não apresenta nenhum significado para suas vidas. Uma das possibilidades para ressignificar o ensino de História na vida dos discentes, apontada por Shirley Souza e Renilson Souza (2021), está na oportunidade de se trabalhar a História Regional e Local. Essa alternativa permite uma maior aproximação das discussões históricas com o seu contexto sociocultural dando a eles/elas a oportunidade de refletirem e problematizarem suas realidades, a fim de transformá-las.

Com relação a abordagem sobre a história das mulheres em sala de aula. Dos 32 estudantes, 78,01% afirmaram que sim e 21,9% que não. Pensando nesse levantamento, foi questionado aos estudantes como essas mulheres foram apresentadas na História, a fim de perceber como eles enxergavam a mulher no ensino de história. Para isso, adotamos como critério de análise as expressões "protagonistas" e "figurantes", chegando ao seguinte resultado:

Gráfico 1: Como a História das mulheres é apresentada no Ensino de História?

Fonte: Questionário pesquisa de campo – Ano (2022).

No tocante a essas informações, pode-se perceber que os estudantes identificaram a invisibilidade e o silenciamento da figura feminina na história, já que quando elas aparecem são apenas figurantes. Segundo Andreia Sousa (2020), não há como não pensar em subalternidade sem levar em consideração o quesito raça e gênero. Esses são elementos estruturantes da organização social colonial organizada dentro da “matriz ou padrão colonial de poder”. Como ressalta Mignolo (2017, p.13) a violência da colonialidade é justificada pela retórica da modernidade (o relato da salvação, progresso e felicidade).

É, portanto, nesse sistema opressor masculino colonialista que as vozes das mulheres foram historicamente e socialmente silenciadas. Mas, qualquer investigação decolonial precisa colocar em interrogação a enunciação (quando, por que, onde, para quê). Por que as mulheres não estão presentes como protagonistas no ensino de História? O conhecimento histórico e o próprio livro didático é elaborado a partir de projetos com orientação histórica, econômica e política. Assim, “O que desvelou a ‘colonialidade’ é a dimensão imperial do conhecimento ocidental que foi construída, transformada e disseminada durante os últimos 500 anos” (MIGNOLO, 2017, p.24).

Nesse sentido, o sistema do mundo moderno-colonial nasce com a incorporação do circuito comercial do Atlântico, no século XVI, tornando-se parte do grande Ocidente que passa a configurar o imaginário moderno (LEDA, 2015). O ocidentalismo é a face dominante desse imaginário e a construção dessa imagem de civilização ocidental está alicerçada em uma matriz de dominação colonial que Quijano denominou de “colonialidade do poder”. Assim, a colonialidade constitui-se

na base das hierarquias raciais, de gênero, linguística, entre outras, que permanecem até hoje.

Para Quijano, a raça é o princípio organizador que constitui essas múltiplas hierarquias globais. Segundo ele, a diferença racial foi o primeiro motor da desigualdade, configurando o atual sistema capitalista/patriarcal/colonial/moderno (LEDA, 2015, p.114). Para María Lugones (2014), trata-se do gênero, como já explicitamos anteriormente.

Mignolo apontou a necessidade de uma geopolítica do conhecimento, em oposição a pretensão universalista do pensamento ocidental hegemônico. Para ele, há uma relação direta entre o lugar da enunciação do conhecimento e suas formas de validação. A Europa fixou-se como lócus privilegiado de enunciação, definindo-se como produtora legítima de um saber universal, como única matriz intelectual teórica, objetificando, portanto, as sociedades colonizadas. Para romper com essa assimetria de poder/saber, extremamente assimétrico, ele propõe tornar visível a geopolítica do conhecimento. A partir dela, reconhecer a especificidade geográfica da produção do conhecimento e desvelar a alteridade negada pela epistemologia moderna; os múltiplos lócus de enunciação de imaginários, de vida, de múltiplos espaços de colonialidade (LEDA, 2015, p.117).

Tal afirmação se concretiza ao questioná-los se a história das mulheres está presente no livro didático¹⁴ de História do 2º ano do Ensino Médio. Dos resultados obtidos, 37,5% dos estudantes afirmaram que sim, que as mulheres estão inseridas nos livros didáticos, enquanto 62,5% afirmaram que não. Atrelado a esse dado informativo e quantitativo, através dessa pergunta, foi solicitado que os estudantes justificassem suas respostas, obtendo-se então os seguintes posicionamentos:

¹⁴ Embora o trabalho não tenha como finalidade a análise do livro didático, tal reflexão se faz necessária em virtude que esse é um dos principais recursos utilizados tanto pelos professores quanto pelos estudantes da rede básica de ensino. Ao dialogar com os discentes sobre a participação das mulheres na história, estes foram enfáticos ao afirmar a invisibilidade das mulheres nos livros didáticos utilizados na escola.

Quadro 3 - Justificativa da pergunta: Você acha que a história das mulheres está no livro didático?

RESPOSTAS	JUSTIFICATIVA
SIM	<ul style="list-style-type: none"> • Mas pouquíssimo valorizadas. • De certa forma tem as vezes. Algumas são apenas citadas. • Sim, mas não muito. • Porém de forma reduzida, que quase não aparece.
NÃO	<ul style="list-style-type: none"> • As mulheres tem suas histórias muito apagadas nos livros. • Se estiveram foram como figurantes. • Pelo menos da forma que deveria, pois estas estão sempre no papel de figurantes sendo assim silenciadas. • Pelo o que li não. • Porque foram poucas vezes citadas.

Fonte: Questionário. Pesquisa de campo - Ano: (2022)

As respostas obtidas demonstram que os estudantes chegam a perceber a presença da mulher no livro didático, porém as narrativas construídas em torno das Histórias das mulheres chegam a ser imperceptíveis quando comparadas às narrativas construídas em torno dos homens. Tal compreensão pode ser constatada no livro didático da Editora Saraiva (2016), utilizado por ele/elas, no qual, dos 15 capítulos desenvolvidos na série do 2º ano, apenas 7 vezes a figura feminina é notada, sendo que estas são expostas na maioria das vezes em "Box Informativo" destinado a fatos de curiosidades. Outro ponto a se refletir sobre a história das mulheres no livro didático de história, apontado por Priscila Souza (2021), está relacionado à linguagem androcêntrica¹⁵ empregada por boa parte das editoras. Para María Lugones (2015) trata-se da "colonialidade do gênero".

Assim, a ação proposta desta pesquisa se constitui mediante a problematização de um tema gerador, entorno da história da mulher bordadeira o qual foi discutido e refletido mediante uma ação dialógica investigativa sobre o contexto sociocultural dos estudantes. Essa investigação nos permitiu identificar que dos 32

¹⁵ Segundo Priscila Souza (2021) a linguagem androcêntrica consiste na supre valorização de temas generalistas masculinos para designar a presença tanto de homens quanto mulheres na história. Tal perspectiva acaba ressaltando a hierarquização social estabelecida entre os sexos que acaba exaltando a superioridade do homem como elemento central da história, colocando a mulher em um papel de subordinação e secundarização e ocultamento.

estudantes matriculados no 2º ano do ensino médio do Centro Educa Mais Josélia Almeida Ramos, 65,6% possuem algum parentesco com mulheres bordadeiras. Além deste fato revelado sobre a relação dos educandos com os bordados, eles passaram a ser questionados se consideravam a tradição dos bordados importante. Os estudantes, então, destacaram os seguintes posicionamentos:

Quadro 4 – Justificativa da pergunta: Você considera importante a tradição dos bordados?

Justificativa	
Respostas dos Estudantes	<ul style="list-style-type: none"> • Estudante A: Faz parte da cultura local, participava e representava uma grande parcelada economia da cidade. • Estudante B: Sim, o bordado é uma arte que como as outras serve para que manifestemos nossas emoções e para além disso ela também gera renda econômica. • Estudante C: Sim, porque é uma parte da história da cidade, foi e ainda é a base de renda de muitas famílias. • Estudante D: Sim, pois isso é um marco da nossa cidade, somos referência. Então eu acho que devemos prosseguir

Fonte: Questionário. Pesquisa de campo - Ano: (2022).

Portanto, pode se perceber que os estudantes do 2º ano do ensino médio do Centro Educa Mais Josélia Almeida Ramos reconhecem o bordado como uma prática cultural e identitária do município de São João dos Patos, assim como uma atividade artística e econômica responsável pela base de sustento de muitas famílias locais.

Considerando a compreensão da situação presente na cidade e as particularidades da turma trabalhada, bem como a importância do tema identificado para a vida dos estudantes, a abordagem educacional empregada buscou estimular uma análise sobre a ausência de reconhecimento histórico das mulheres que se dedicaram ao bordado na cidade de São João dos Patos, bem como entender as percepções e ideias que os estudantes têm sobre o papel da mulher bordadeira na história local.

O desenvolvimento da atividade didática ocorreu por volta do segundo semestre do ano de 2022. Para isso, tomamos como ponto de partida a elaboração

de recursos didáticos pautados na codificação¹⁶ composta e caracterizada pela utilização de múltiplos canais de comunicação, tais como auditivos, textuais e audiovisuais, que contribuíram significativamente para o processo de decodificação das informações apresentadas aos estudantes (FREIRE, 2021).

Utilizando a codificação como princípio orientador para o desenvolvimento da ação didática, cinco planejamentos foram elaborados e implementados ao longo de quatorze aulas que tiveram como eixo central as discussões sobre a mulher bordadeira Patoense. As aulas, voltadas para a história da cidade e o papel da mulher bordadeira na história local, foram enriquecidas com diversas atividades. Identificamos tipos de fontes históricas, analisamos entrevistas orais e produzimos minibiografias da mulher bordadeira. Além disso, realizamos visitas à Associação Casa dos Bordados Fios & Formas e promovemos oficinas de bordados, na busca de valorizar o conhecimento das mulheres bordadeiras Patoenses.

É importante ressaltar que o uso das minibiografias são uma oportunidade para despertar nos estudantes a atenção em relação a temática e tornar visível a história das mulheres no ensino básico. Fato sinalizado nas obras de Priscila Sousa (2021), Viviane Moreira (2018) e Bruna Myrtes (2019) que reconheceram na biografia uma oportunidade para tornar visível a história das mulheres, especialmente aos olhos dos estudantes da educação básica.

2.3 Biografia e Ensino de História das Mulheres.

A biografia é um gênero literário marcadamente masculino, ou seja, narrado por homens e sobre homens. Vale ainda lembrar que o testemunho tradicional, jurídico e religioso tem sua face masculina e falocêntrica (RAGO, 2018). Ao trabalhar com as minibiografias das mulheres bordadeiras, pensou-se no quanto é necessário retirar as mulheres da invisibilidade historiográfica, fruto de uma história eurocêntrica e investir na geopolítica do conhecimento, como proposto por Walter Mignolo.

A elaboração da minibiografia das mulheres é vista como um procedimento metodológico importante para as aulas de história com a possibilidade de despertar nos educandos empatia e identificação com os diferentes sujeitos sociais.

¹⁶ Sobre a codificação Freiriana pode –se compreender como a escolha de canais de comunicação que poderão ser utilizados como recursos didáticos que possam facilitar o processo de ensino e aprendizagem.

Corroborando com este pensamento, Kalina Silva (2010, p.13) diz que, por ser a biografia um gênero de fronteira e interdisciplinar, acaba por oferecer inúmeras possibilidades de se discutir e entender as normas, as regras, os saberes e os fazeres dos grupos sociais em sala de aula.

Segundo Kalina Silva (2010), a expressão "biografia" tem como significado "história de vida". Pierre Bourdieu (2005) entende a biografia como um gênero textual capaz de descrever a trajetória de vida de um indivíduo, marcada pela organização da cronologia dos acontecimentos e fatos históricos que marcaram a vida de uma pessoa. Em suas palavras:

Essa vida organizada como uma história transcorre, segundo uma ordem cronológica que também é uma ordem lógica, desde um começo, uma origem, no duplo sentido de ponto de partida, de início, mas também de princípio, de razão de ser, de causa primeira, até seu término, que também é objetivo (BORDIEU, 2005, p.184).

Um texto biográfico é reconhecido devido o roteiro que organiza a narrativa: início, meio e fim. Giovanni Levi (2005), também define a biografia como um gênero textual narrativo capaz de revelar aspectos inerentes à história de vida de uma pessoa, trazendo consigo aspectos do contexto histórico e social que marcam a trajetória de vida de sujeitos ilustres e anônimos que atravessaram um determinado período histórico. Porém, a biografia não somente descreve a vida e a linearidade dos fatos que marcaram a trajetória de uma pessoa, ela também revela características socioculturais que entrelaçaram a vida dos sujeitos biografados com o seu contexto (LEVI, 2005).

Sobre a íntima relação entre história e biografia, ela é antiga, sendo uma das primeiras formas de se contar história de mártires e dos homens ilustres. Segundo Mary Del Priore (2009, p. 7) "A biografia, uma das primeiras formas de história – depois dos deuses e homens célebres -, retém cada vez mais a atenção dos historiadores". Porém, devido a crítica a concepção de história elitista e personalista do século XIX, durante muito tempo esse gênero narrativo foi desqualificado, pois: "[...] era vista como um gênero velhusco, convencional e ultrapassado por uma geração devotada a abordagens quantitativas e economicistas" (DEL PRIORE, 2009, p.7).

Pode-se entender a biografia como uma das principais marcas da historiografia do século XIX. Lilia Schwarcz (2013) destaca que a historiografia brasileira teve como uma das principais marcas o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro - IHGB, e sua

proximidade com o gênero biográfico. Este que se utilizava das narrativas biográficas de figuras célebres para fundamentar a construção da historiografia brasileira. Por meio da exaltação de reis, rainhas e políticos, procurava-se dignificar a pátria e a nacionalidade. Kalina Silva (2010), ressalta que a perspectiva positivista e elitista da biografia passou a ser duramente criticada no século XX, tal mudança se deu em decorrência do surgimento da história analítica e estrutural. Segundo Alexandre Avelar (2012), esta nova abordagem passou a direcionar as pesquisas para perspectivas de domínio econômico e social, buscando explicações para as ações humanas. Na sequência, porém, a Nova História nascida dos *Annales*, segundo Mary Del Priore (2009), procurou focar as pesquisas históricas para dimensões sociais, culturais e econômicas, distanciando-se assim cada vez mais do gênero biográfico, considerado em sua essência um gênero puramente narrativo.

Contudo, apesar das rejeições apresentadas pela Nova História, a produção da escrita biográfica teve sua retomada no centro das discussões historiográficas por volta das décadas de 1970 e 1980, quando o interesse pela análise estrutural cessou e o redirecionamento para o indivíduo ganhou novos contornos, agora passando a ser analisado pela ótica individual e sua relação com o meio social. De acordo com Mary Priore:

A reabilitação da biografia histórica integrou as aquisições da história social e cultural, oferecendo aos diferentes atores históricos uma importância diferenciada, distinta, individual. Mas não se tratava mais de fazer, simplesmente, a história dos grandes nomes, em formato hagiográfico – quase uma vida de santo –, sem problemas, nem máculas. Mas de examinar os atores (ou o ator) célebres ou não, como testemunhas, como reflexos, como reveladores de uma época. A biografia não era mais a de um indivíduo isolado, mas, a história de uma época vista através de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos (PRIORE, 2009, p.9).

Desta forma, a biografia não representava mais o indivíduo propriamente dito, mas sim os reflexos históricos de uma época, descritos pelo olhar de um ser humano. Seguindo essa perspectiva, Giovanni Levi (2005) destaca tanto a biografia em contextos quanto a biografia em casos extremos, a primeira refere-se ao contexto histórico e social, sendo estes essenciais para a compreensão de determinadas ações e comportamentos humanos, pois nenhuma vida humana jamais será compreendida sem o seu contexto histórico. A sociedade e as relações sociais imbricadas no contexto social, cultural e político acabam evidenciando, com isso, aspectos inerentes

a valores e normas de um determinado contexto, os quais podem influenciar o comportamento de uma pessoa.

Já a biografia e os casos extremos, parte do princípio do reconhecimento de biografias para se compreender e esclarecer um contexto histórico. Um exemplo é o caso do moleiro Menocchio retratada no livro “Queijos e os Vermes” de Carlos Ginzburg, que analisa a cultura popular a partir da sua trajetória de vida e do contexto histórico. Sendo assim, conforme Mary Priore:

A biografia permitiu então a abordagem histórica pelo foco num indivíduo que não é necessariamente ilustre ou conhecido, exatamente porque ele não é ilustre ou conhecido. É Wachtel que à maneira de seus colegas reitera que isto é possível, pois os destinos individuais estão situados em diversas redes que se cruzam: a casa e a família, o espaço regional, o universo espiritual, a utensilagem mental de uma época (PRIORE, 2009, p.11).

Neste sentido, essa nova reorientação do fazer biográfico se direciona para indivíduos ilustres e não ilustres, para as relações sociais que se tecem em torno de suas vidas. Estas, que são marcadas pelas relações e interações entre famílias e espaços sociais compartilhados, revelando com isso aspectos correspondentes a uma determinada sociedade. Contudo, apesar da desconfiança suscitada ao gênero biográfico, François Dosse (2009) destaca a utilização de fontes para a validação e construção das biografias históricas.

De fato, o gênero biográfico tem conquistado cada vez mais um público leitor interessado em conhecer o passado de forma subjetiva, contextualizada, rica em detalhes etc. Assim, pode-se dizer que a biografia tornou o historiador um escritor acessível, que produz e dialoga diretamente tanto com a academia quanto com o público leigo, tornando a escrita historiográfica compreensível e acessível.

2.4 O potencial didático da biografia para as aulas de história

O método biográfico aplicado no ensino de História, justifica-se por despertar nos estudantes a curiosidade em conhecer as particularidades individuais do biografado, como também revelar aspectos condizentes aos contextos históricos nos quais o biografado está inserido. De acordo com Kalina Silva:

O trabalho com biografia em sala de aula se justifica por duas razões principais: O forte apelo que esse gênero exerce sobre o público leigo e o

papel que a biografia pode desenvolver como representação do contexto histórico ao qual pertence o biografado (SILVA, 2010, p. 17).

Entretanto, a utilização da biografia aplicada ao ensino de História também passou por seus altos e baixos, sendo exaltada em determinados momentos e ignorada em outros, revelando um possível desinteresse dos educadores em explorá-la. Tal oscilação quanto à utilização da biografia aplicada ao ensino de História está relacionada ao contexto da Ditadura Militar, que ao invisibilizar a disciplina de História e sucumbi-la em Estudos Sociais, passou a abordar o ensino dessa disciplina com enfoque em biografias de "homens ilustres", que agora serviriam à sociedade como modelo ideal de cidadão a ser seguido. Nesse sentido, Jerônimo Galvão esclarece:

Essa rejeição se deve a diversos fatores, dentre eles podemos colocar como uma questão de peso o fato de que o Brasil a algumas décadas, vivenciou o período da ditadura civil-militar, onde estudar biografias em aulas de Moral e Cívica e de Estudos Sociais significava cultivar a memória de heróis nacionais, que pudessem representar possíveis virtudes de uma estrutura de poder autoritária e de uma ideologia nacionalista e ufanista vigente no Estado (GALVÃO, 2019, p. 61).

Diante disso, pode-se compreender o porquê da resistência de alguns educadores em utilizar abordagens biográficas no ensino de História. Pois, a associação dessas biografias a um modelo específico de cidadania durante a Ditadura Militar pode ter gerado uma visão restrita e estereotipada da história, o que de certa forma acabou provocando a desvalorização de outras perspectivas. Todavia, é importante reconhecer essa história e ressignificar o uso das biografias como um mecanismo enriquecedor para a compreensão da multiplicidade de experiências humanas ao longo do tempo.

Contudo, apesar da rejeição acerca da utilização da biografia como recurso didático, Jerônimo Galvão (2019) destaca a retomada gradual da abordagem biográfica ao longo da Nova República Democrática Brasileira, esta que a priori retoma ao centro das discussões no contexto acadêmico, tendo agora como eixo orientador para os debates a micro-história italiana e a "história vista de baixo" britânica que passavam agora a reger o processo de construção das biografias, para só depois voltar para a educação básica, sobretudo a disciplina de História.

Desta forma, pode-se perceber que a construção do gênero biográfico e a sua aplicação ao ensino de História, ao longo dos anos, transformou-se, ganhando agora

novos direcionamentos e tendo como foco novos sujeitos e suas relações com o contexto ao qual estavam ou estão inseridos. Além disso, os sujeitos biografados agora não se restringirão apenas a pessoas ilustres, mas também terão como foco pessoas comuns, que passarão a ser o centro das investigações.

Entretanto, deve-se ter em mente que, apesar das mudanças que ocorreram em torno do gênero biográfico, as narrativas "heroicas" ainda persistem na escrita biográfica. Todavia, cabe ressaltar a necessidade de se desconstruir esse viés, pois este modelo biográfico se relaciona com a produção do conhecimento histórico, sendo necessário o redirecionamento da construção biográfica a partir de subsídios teóricos e metodológicos, para que se possa direcionar a construção do conhecimento histórico em sala de aula a partir da perspectiva da História- Problema.

Certamente, o recondicionamento da escrita biográfica tornou a sua aplicação em sala de aula algo mais viável, em decorrência do diálogo que esta poderá estabelecer com a vida dos estudantes, dando a eles uma melhor interpretação e compreensão acerca do universo que os cerca. Pois a utilização da biografia aplicada ao ensino de História Regional/Local tende a fortalecer a noção de identidade dos estudantes, despertando neles o senso crítico mediante a problematização e questionamento dos contextos históricos estudados. No entanto, é importante notar que a utilização de biografias deve ser cuidadosa e crítica, a fim de evitar uma visão superficial ou acrítica da história. Além disso, é importante considerar a diversidade de perspectivas e experiências na construção da história, e não se limitar a uma única narrativa ou ponto de vista.

As biografias são consideradas por Priscila Sousa (2021) como um importante instrumento didático que pode contribuir significativamente com as aulas de História, essas narrativas revelam aspectos do cotidiano e fornecem uma compreensão mais profunda de contextos históricos. Além disso, as biografias são um gênero interdisciplinar, permitindo um trabalho integrador com outras áreas de conhecimento, como a literatura, por exemplo.

No entanto, a autora ressalta a importância de sermos cautelosos ao usar biografias no ensino de História, evitando a reprodução do modelo "heroico" do século XIX e resistindo à tentação de produzir biografias de caráter modal¹⁷ ou hagiográficos,

¹⁷ De acordo com Giovanni Levi: "Prosopografia e biografia modal. Nessa ótica, as biografias individuais só despertam interesse quando ilustram os comportamentos ou as (aparências ligadas às condições

ou seja, uma abordagem que exalta apenas as qualidades positivas de uma pessoa, sem abordar suas complexidades e contradições.

Desta forma, ao pensar sobre a utilização da biografia aplicada ao ensino de história é necessário compreender os contextos históricos mais amplos, bem como as particularidades individuais dos sujeitos biografados, suas relações sociais e culturais que envolvem suas vidas. Isso enfatiza a importância de uma abordagem crítica e contextualizada ao utilizar biografias como recurso educacional.

Ainda sobre o potencial didático da biografia aplicada ao ensino de história, Priscila Sousa (2021) ressalta que a utilização de biografias nas aulas de história pode proporcionar aos estudantes uma compreensão mais profunda de sua realidade, estimulando a reflexão crítica. Além disso, ela também pode proporcionar o desenvolvimento de novos saberes, resultantes da produção de biografias e da ampliação do conhecimento sobre os sujeitos biografados, suas vidas e suas relações sociais e culturais.

Viviane Moreira (2018) destaca que, trabalhar com a biografia é deparar-nos com o campo da memória do outro, do particular, um espaço privado repleto de informações privilegiadas que muito contribuirá para o desenvolvimento de pesquisas historiográficas, revelando com isso personagens que foram invisibilizados e silenciados pela história oficial, como é o caso das mulheres, ampliando assim nossa compreensão sobre a diversidade de sujeitos históricos.

Ao explorarmos as narrativas biográficas, torna-se possível termos acesso a perspectivas singulares dos sujeitos históricos investigados quanto às suas experiências pessoais de vida. Sendo assim, percebe-se que "a escrita de si abre espaço e dá destaque para os registros que materializam a história do indivíduo e dos grupos aos quais pertence" (MOREIRA, 2018, p. 62).

Cabe destacar que o processo de construção da escrita biográfica não se limita a apenas analisar a vida de um indivíduo, mas sobretudo a relação do indivíduo com o meio que o cerca, ou seja, o país, a cidade, as relações sociais, culturais, políticas

sociais estatisticamente mais frequentes.) Portanto não se trata de biografias verídicas, porém mais precisamente de uma utilização de dados biográficos para fins prosopográficos. Os elementos biográficos que constam das prosopografias só são considerados historicamente reveladores quando têm alcance geral. Não é por acaso que os historiadores das mentalidades (praticaram a prosopografia mostrando pouco interesse pela biografia individual" (2005, p. 174).

e econômicas. Aspectos estes que acabam revelando ações comportamentais de um dado período da história. De acordo com Viviane Moreira:

[...] a biografia está entre o privado (particular) e o coletivo, sendo um meio que viabiliza a identificação de um indivíduo em determinado contexto, permitindo, por meio da análise de história de vida, compreender grupos, partidos, movimentos sociais e temas históricos nos quais o indivíduo analisado se inseriu (MOREIRA, 2018, p. 66).

Viviane Moreira (2018) ressalta que a biografia, quando aplicada ao ensino de história, permitirá que o educando possa ter novas possibilidades de compreender o passado a partir das reflexões e análises das ações humanas ao longo da história, revelando, com isso, novas referências para o estudo da disciplina. A utilização da biografia, valoriza o sujeito biografado e sua relação com o contexto histórico investigado, revela histórias de vida e saberes de sujeitos que historicamente foram excluídos da narrativa histórica, fornecendo uma compreensão mais ampla e inclusiva acerca do passado.

Viviane Moreira (2018) enfatiza que o gênero biográfico, quando aplicado ao ensino de história, tende a despertar no educando um maior interesse pela história, haja vista que essa passa a revelar rostos e histórias que se aproximam do seu universo. Em consonância com este pensamento, Bruna Myrtes (2019) destaca a contribuição da utilização da biografia aplicada à disciplina de história para o estudo de História Regional/Local, o que permitirá o reconhecimento de identidades dos sujeitos que foram negligenciados pela história e que vão ao encontro dos interesses e particularidades do universo em que o educando está inserido, tornando assim o processo de ensino-aprendizagem mais significativo para os estudantes.

O uso da biografia no ensino de história permitirá ao estudante uma compreensão mais aprofundada dos processos de construção do conhecimento histórico. Quando adequadamente abordada e considerada, respeitando as especificidades de cada sala de aula, essa abordagem fomentará nos alunos uma percepção crítica e aguçada do universo, o qual estão inseridos. Além disso, essa atividade poderá levar o educando a uma autoaceitação quanto a sua identidade cultural, quando relacionada ao seu local, ou seja, a sua cidade. Sobre isso, Bruna Myrtes destaca que:

Em um momento em que se observa cada vez mais gritante necessário a busca das/os jovens por autoaceitação e coisas que contribuam com o desenvolvimento de suas individualidades, é de extrema relevância que se promovam ações no ambiente escolar que as/os façam refletir sobre quem são, quais suas relações com o mundo onde estão inseridas/os e seus papéis e lugares sociais (MYRTEs, 2019, p. 98).

Diante da relevância da biografia aplicada ao ensino de história e como esta pode ser significativa no processo de aprendizagem histórica, o educador diante do seu direito de cátedra, deverá pensar suas ações didáticas de forma planejada, selecionando os conteúdos e os sujeitos que serão analisados ou biografados, estabelecendo com isso os objetivos a serem alcançados. Dessa forma, é possível trazer para os estudantes uma aprendizagem significativa.

Analisando os autores/as Jerônimo Galvão (2019), Priscila Sousa (2021), Viviane Moreira (2018) e Bruna Myrtes (2019) e suas proposições quanto à utilização das biografias aplicadas ao ensino de História, pode-se perceber a preocupação que estes têm em contar a história a partir de narrativas de sujeitos que foram e que são invisibilizados pela história. Visando com isso, mostrar para os estudantes que todos somos sujeitos históricos e que a narrativa histórica não é construída apenas pelas figuras "célebres" de políticos, reis ou santos. Mas que um lugar, seja um país ou cidade, possui uma diversidade de atores que ajudam a formar as identidades locais.

Nesse contexto, a visão de que todos somos sujeitos históricos e que a narrativa histórica é construída por uma diversidade de atores, não apenas figuras "célebres", é fundamental para se trabalhar as biografias e poder criar produtos educativos e didáticos que não silenciem os diversos sujeitos históricos, dentre estes as mulheres.

Ao analisar os critérios de avaliação dos produtos didáticos propostos pelos programas de Mestrado e Doutorado Profissional, Rony Freitas (2021) destaca a importância de critérios como aderência, impacto, aplicabilidade, inovação e complexidade. Esses critérios ressaltam a necessidade de materiais didáticos que não apenas transmitam conhecimento, mas também sejam aplicáveis e relevantes para os estudantes, incentivando-os a verem-se como parte integrante da história e da construção das identidades locais.

Seguindo essas orientações, e ao analisar a dissertação de mestrado de Priscila Sousa (2021), pude perceber que a autora considera de suma importância a percepção e compreensão dos alunos sobre o processo de elaboração e construção

das biografias, a partir das narrativas de vida das mulheres de Balsas - MA. Proposições estas que foram aplicadas pela educadora e desenvolvidas junto com os estudantes, dando a eles uma melhor noção e concepção acerca da construção do conhecimento histórico, tornando assim o processo de aprendizado significativo a partir do momento em que os educandos passam a ter contato direto com as fontes investigadas. Diante da testagem aplicada pela autora, nota-se a viabilidade da ação didática.

Assim ao propor essa abordagem didática tem-se como objetivo apresentar as mulheres bordadeiras para os estudantes, revelando a eles figuras desconhecidas que foram e que são importantes para a formação da cidade, reafirmando assim uma ideia de identidade a partir da arte do bordado produzida por essas mulheres. O que de certa forma está ligado diretamente com suas vidas, tornando assim o processo de aprendizado histórico significativo em virtude dessa abordagem dialogar diretamente com o dia-dia dos estudantes. Sendo assim, a sequência didática será apresentada como uma espécie de Guia Didático estruturado em aulas que poderá contribuir para o desenvolvimento de aulas de história a partir da utilização da biografia.

2.5 Costurando memórias a partir das minibiografias das mulheres bordadeiras de São João dos Patos - MA e o ensino de história local.

Diante do potencial didático da biografia reconhecemos nela uma oportunidade valiosa para ensinar a história das mulheres bordadeiras da cidade de São João dos Patos. Elison Pain e Helena Araújo (2021), reforçam a necessidade de descolonizar as práticas educativas. Estas devem agora ser pautadas no reconhecimento das histórias e memórias dos sujeitos que foram oprimidos e historicamente explorados pelo sistema de dominação colonialista.

Ao orientarmos os estudantes na elaboração das minibiografias das mulheres bordadeiras, proporcionaremos a eles a oportunidade de entrar em contato com memórias que desempenham um papel significativo na construção da identidade local. Como observado por Circe Bittencourt (2009, p.169), "A questão da memória torna-se fundamental por ser alicerçada na identidade, e é através dela que se tem acesso à história local". Desta maneira, almejamos não apenas promover o resgate

dessas narrativas pessoais, mas também reconhecer a importância da memória como um elo essencial para compreensão da história local.

Assim, ao propormos aulas de história local sob a perspectiva da mulher bordadeira, estamos dispostos a estabelecer uma relação dialógica com a mulher que borda, de modo a evidenciar suas memórias e saberes, para que essas experiências não desapareçam. Essa experiência permite maior proximidade com a história local, enriquecendo o entendimento dos estudantes sobre a importância dessas mulheres na história da cidade.

A seguir, serão expostas cinco minibiografias escritas pelos estudantes do Centro Educa Mais Josélia Almeida Ramos. Os textos retratam as histórias de vida das mulheres bordadeiras que fazem parte da Associação Casa dos Bordados Fios e Formas e que foram convidadas como voluntárias a participarem da pesquisa. São elas: Maria Amélia Evangelista de Sousa, Rita Carvalho Pereira, Antônia de Sá Correia, Ceres Maria Galvão Brito e Maria Cristina Silva de Araújo.

As selecionadas refletem um pouco da diversidade racial da cidade, sendo estas negras, brancas e pardas. Suas histórias se entrelaçam como um ponto de ponto cruz, agora bordadas pelos estudantes que construíram suas minibiografias a partir do acesso às transcrições e da audição das entrevistas realizadas pela pesquisadora. Dito isto, seguem as minibiografias das mulheres bordadeiras de São João dos Patos.

Figura 12: Artesã Antônia de Sá Correia



Fonte: Arquivo fotográfico da autora da pesquisa (2022).

Antônia de Sá Correia

Antônia de Sá Correia, conhecida como Toinha, nasceu em 15 de fevereiro de 1957, no povoado de Malhada D'Areia, situado no interior de São João dos Patos. Filha de Dona Maria e Seu

Francisco. Desde sua infância, Toinha desenvolveu habilidades no bordado, aprendendo os primeiros pontos no colégio local. No entanto, após se casar aos 18 anos, ela se mudou para a cidade de São João dos Patos, onde expandiu seu conhecimento ao aprender crochê com sua sogra. Mais tarde, aprimorou suas habilidades no bordado, matriculando-se em um curso profissionalizante oferecido na cidade, no qual aprendeu a utilizar a máquina de costura e a fazer bordados de máquina.

Ao lado de seu marido João Batista, Antônia teve a felicidade de criar três filhos. Para ajudar a sustentar a família, ela passou a vender os bordados que produzia com esmero. Encorajada por uma amiga, Toinha decidiu expandir seus horizontes e iniciar um negócio com seus trabalhos artesanais.

Antônia se uniu a um grupo de mulheres talentosas e, com o apoio do prefeito municipal, do Banco do Brasil e da generosidade de Dona Marisa, conseguiram criar a Casa dos Bordados. Esse projeto teve como objetivo incentivar e apoiar os artesãos locais, proporcionando um espaço dedicado à exposição e venda de seus trabalhos.

Atualmente, Dona Antônia continua participando ativamente da Casa dos Bordados. No entanto, devido a complicações de saúde, sua produção foi limitada. Mesmo assim, seu espírito empreendedor e suas habilidades no bordado permanecem uma inspiração para todas as mulheres artesãs da região, deixando um legado de talento e dedicação às belas artes do bordado.

EQUIPE: 1

Figura 13: Artesã Maria Cristina Silva Araujo



Fonte: Arquivo fotográfico de Maria Cristina (2022).

Maria Cristina Silva Araujo

Maria Cristina Silva de Araújo, nasceu em 11 de dezembro de 1960, no povoado de Jiló, Maria Cristina é filha de um lavrador e artesão habilidoso na construção de móveis. Sua mãe, também artesã, dominava a arte da tecelagem de redes e do bordado à máquina. Ela cresceu ao lado de quatro irmãos, mas infelizmente um deles faleceu precocemente. Durante sua infância, as brincadeiras no interior envolviam jogos simples, como andar a cavalo de pau, e a iluminação era fornecida por uma lamparina, uma vez que a energia elétrica ainda não havia chegado à região. O bordado teve um papel significativo na vida de Maria Cristina. Ela aprendeu a arte do bordado com sua mãe ainda no povoado de Jiló, aprimorando suas habilidades na tecelagem de redes.

No entanto, a vida de Maria Cristina sofreu uma drástica transformação quando seu pai faleceu, ela tinha apenas 12 anos de idade. Poucos meses após essa triste perda, sua mãe decidiu se mudar para São João dos Patos, em busca de novas oportunidades. Foi nesse momento que Maria Cristina encontrou nos estudos uma chance de mudar sua vida. Com motivação e dedicação, ela se formou como professora e começou a atuar em diferentes níveis educacionais, incluindo educação especial, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e ensino médio regular no Colégio Doutor Paulo Ramos.

Embora Maria Cristina não tenha se casado, ela é mãe de dois filhos, Patrícia Kelly e Ítalo Anderson. A mesma sentiu os desafios da maternidade sozinha, e sempre viveu de acordo com suas próprias escolhas, sem se preocupar com as expectativas da sociedade.

A história de Maria Cristina é marcada por sua dedicação como professora e por sua conexão com a arte do bordado, uma herança de sua mãe. Ela inspira desafios e superou obstáculos ao criar seus filhos sozinha, sempre buscando sua própria realização pessoal. Maria Cristina é um exemplo de força e excelência, inspirando aqueles ao seu redor com sua paixão pela educação e pelo artesanato.

EQUIPE: 2

Figura 14: Artesã Rita Carvalho Pereira



Fonte: Arquivo fotográfico de Rita Carvalho (2022).

Rita Carvalho Pereira

Rita Carvalho Pereira nasceu em Água Branca, um povoado localizado no município de Nova Iorque, no Maranhão. Filha de José Carvalho de Sousa e Maria Hubilina Gonçalves de Sousa, Dona Rita teve quatro irmãos, infelizmente, dois deles faleceram precocemente. Assim, ela e sua irmã Raimunda, a única sobrevivente, ajudavam seus pais nas tarefas domésticas.

Desde criança, com a ajuda de uma vizinha, amiga de seus pais, Dona Rita aprendeu a bordar. Ela trabalhou principalmente com o ponto cruz e crochê, dominando as técnicas do artesanato e produzindo diversas peças, como colchas de cama, caminhos de mesa, centros e capas para botijões. O bordado se tornou a principal fonte de renda de Dona Rita, e ela começou a vender suas peças em todo o Maranhão.

Em 1976, aos 22 anos, Dona Rita se casou com Agripino Pereira de Sousa, um pequeno açougueiro. A festa de casamento foi simples, como era comum nas famílias humildes da região do Médio Sertão Maranhense. O casamento foi realizado de forma discreta, apenas o casal e a patroa de

Rita, Joana Freire, sabiam. Foi a própria patroa que, utilizando seu talento para a costura, confeccionou o vestido de casamento. A cerimônia aconteceu na sala da casa de Dona Joana, que estava especialmente decorada para receber o casal.

Dona Rita e Seu Agripino trabalhavam duro para sustentar a família, quebravam coco, retiravam algodão da roça, catavam arroz e cuidavam das plantações de outras pessoas. Eram dessas atividades que eles obtinham o dinheiro necessário para sua subsistência. Dona Rita utilizou seus conhecimentos em bordado, adquiridos desde a infância, para confeccionar peças para cada item necessário.

O casal teve três filhos: Agricélio, Auricélio e Auricélia. A família sobrevivia com o trabalho de dona Rita e Seu Agripino na roça. Apesar de saber produzir peças de bordado, dona Rita não podia vendê-las fora da cidade devido ao ciúme do marido. Mesmo com os obstáculos da vida, ela ensinou a técnica à sua filha, prevenindo que em algum momento da vida ela precisaria usá-la.

A vida de dona Rita foi marcada por desafios, um certo dia, ela recebeu uma carta com uma proposta para ministrar aulas em sua própria casa. Ela aceitou e passou a cuidar não apenas de seus filhos, mas também de outras crianças que eram deixadas sob sua responsabilidade.

A vida da família de dona Rita sofreu uma reviravolta quando Seu Agripino ficou doente. As coisas pioraram e ele finalmente permitiu que dona Rita vendesse suas peças fora da cidade, deixando de lado o ciúme. Com os problemas de saúde, ela se tornou a provedora da família. Dona Rita vendia suas peças em Pinheiro, uma cidade localizada na Baixada Maranhense, seus clientes incluíam donos de escolas, fazendeiros, mulheres casadas com pilotos de avião, donos de lojas, entre outros. Suas peças eram vendidas por preços elevados, o que fazia com que apenas pessoas com poder aquisitivo pudessem adquiri-las.

O artesanato, então, se tornou a principal fonte de renda da família de dona Rita. Com um grupo de amigos, eles passaram a trabalhar intensamente com a arte dos bordados. Após algum tempo, juntamente com esses amigos, eles se estabeleceram no prédio de Seu Maurício, que ficou conhecido como "Casa dos Bordados Fios e Formas".

Infelizmente, após um acidente, faleceu o marido de dona Rita, Agripino. Isso trouxe dificuldades adicionais, incluindo uma depressão grave para ela. No entanto, como uma mulher nordestina que não desistiu e enfrentou as adversidades, Dona Rita superou as barreiras e lutou pelo bem-estar de sua família. Por meio dos bordados, ela garantiu o sustento de todos chegar ao momento de sua aposentadoria até. Atualmente, Dona Rita lamenta o desaparecimento da prática do bordado na sociedade, pois considera uma tradição que deveria ser preservada, sendo uma arte e uma fonte de renda para dezenas de famílias.

EQUIPE: 3

Figura 15: Artesã Maria Amélia Evangelista de Sousa



Fonte: Arquivo fotográfico da autora da pesquisa (2022).

Maria Amélia Evangelista de Sousa

Maria Amélia Evangelista de Sousa, nasceu dia 07 de abril de 1953, em São João dos Patos, no povoado Malhada da Areia, onde passou parte da sua infância. Filha de Leônidas Evangelista de Sousa e Adélia Evangelista de Sousa, seus pais eram primos de primeiro grau e tiveram 8 filhos juntos.

Após o falecimento de sua mãe, seu pai se casou e com uma nova esposa e teve mais 2 filhos. A família era sustentada principalmente a partir da lavoura, seu pai plantava arroz, mandioca, algodão, feijão e outras variedades. Dos 10 filhos, uma se suicidou.

Maria Amélia não teve uma infância de muitas brincadeiras, por causa das constantes gestações de sua mãe, ela tinha que assumir muitas responsabilidades que devido ao patriarcado são infelizmente consideradas exclusivamente femininas, como a comida, limpeza, organização da casa, lavar roupas entre outros.

Ela apresentou muita dificuldade em conciliar a vida estudantil com a vida doméstica, além disso seu pai dizia que não deixaria as filhas mulheres estudarem em outra cidade, enquanto os homens podiam. O primogênito, por exemplo Jocilé, estudou em Teresina.

A vida de Maria Amélia foi marcada por mudanças, uma delas foi quando, umas das amantes de seu pai foi embora para Santa Inês, ele fez de tudo para ir atrás dela, e lá passaram de 4 a 5 anos, voltando para São João dos Patos.

Maria Amélia, para se sustentar começou a fazer enxovais e logo passou a confeccionar o crochê, aprendeu a arte observando os outros que a faziam. Assim, ajudou a fazer os enxovais dos seus netos e irmãos. Nunca teve interesse em se casar, e isso se deu principalmente, pelo exemplo que seu pai dava como marido, o mesmo traía a sua primeira e segunda esposa. Seu pai sempre pedia o dinheiro dos seus lucros dos bordados, isso afetou negativamente sua vida, já que todo o seu dinheiro era gasto com mulheres prostituídas e jogos, fazendo com que ela não tivesse nada, praticamente, tal situação fez com que ela saísse de casa, gerando um escândalo familiar. Maria Amélia morou 1 ano e 2 meses de aluguel e só depois, graças aos seus trabalhos e muito esforço conseguiu sua casa própria, sua vida passou a ter base no bordado, chegando a não dar conta de atender a demanda, vendia até

mesmo para outras cidades, como Brejo - MA, por várias vezes viajou para São Luís e Teresina, além de receber clientes de outros lugares interessados em suas peças.

O negócio foi tão lucrativo que ajudou a criar seus irmãos, e na verdade o bordado se tornou a fonte de renda da família, suas irmãs e sobrinhas também aprenderam a arte de bordar. Foi uma das primeiras mulheres a se associar a Casa dos Bordados e até os dias atuais ela, frequenta o local, afirma ainda que o bordado é sua paixão e que apesar da sua capacidade limitada de bordar por conta da idade, não quer que tirem o artesanato de sua vida.

EQUIPE: 4

Figura 16: Artesã Ceres Maria Galvão Brito



Fonte: Arquivo fotográfico da autora da pesquisa (2022).

Ceres Maria Galvão Brito

Ceres Maria Galvão Brito nasceu em 7 de abril de 1958, na cidade de Alto Parnaíba, Maranhão. Ela é filha de Antônia Pereira Galvão e Salomão Galvão Brito. Quando tinha 13 anos, Ceres precisou se mudar para a cidade de São João dos Patos – MA, devido às atribuições de sua mãe, que agora praticaria suas atividades como professora na nova localidade. Acompanhada por sua mãe e seus três irmãos, Godofredo, Salomão e Maria Zoé, estabeleceram residência fixa em São João dos Patos. Ceres deu continuidade aos seus estudos no Colégio Patoense, na mesma cidade buscando ampliar seu conhecimento e desenvolver-se academicamente.

Por mais de 20 anos, Ceres trabalhou como manicure na cidade de São João dos Patos – MA. Foi nesse contexto que, em 1982, ela descobriu sua paixão pelo bordado. No entanto, um fato marcante em sua vida foi sua intensa dedicação aos cuidados com a saúde de sua mãe. Sendo solteira e a terceira filha, Ceres assumiu a responsabilidade de trabalhar e cuidar da sua mãe e das tarefas domésticas.

Sobre aprendizagem dos bordados, Ceres aprendeu a arte do bordado com Dona Tena e com uma professora de artes. Um dos primeiros bordados que realizou foi uma camisinha. Com o tempo, Ceres passou a dominar a técnica do ponto de cruz, que se tornou sua especialidade. Além disso, Ceres também dominou a produção de bordados em máquinas, como o Richelieu, o crivo e a matriz.

Atualmente, Ceres Maria é membro ativo da Casa dos Bordados, frequentando o local um dia e meio por semana. Ela se tornou sócia da instituição, e o bordado se tornou uma fonte de renda significativa em sua vida. Ceres Maria passou a utilizar os recursos financeiros provenientes do bordado para pagar sua previdência e se aposentar como artesã. Destaca ainda, que embora o dinheiro dos bordados fosse considerado baixo para época foi significante para sua vida, porque foi com esses dinheiros que ela conseguiu se aposentar. Ceres é um exemplo inspirador de como uma habilidade artesanal pode impactar positivamente a vida de uma pessoa.

EQUIPE: 5

A produção das minibiografias das mulheres bordadeiras é uma maneira essencial de dar visibilidade àquelas que são responsáveis por um dos principais produtos econômicos da cidade. Além de destacar sua contribuição para a economia local, as minibiografias também desempenham um papel significativo na esfera social. Conforme observado por Margareth Rago (2018, p.210), a biografia ao "dar publicidade à própria vida é uma maneira de existir no mundo, de inscrever-se socialmente, de adquirir existência pública; é uma questão de reconhecimento social e direitos". Dessa forma, as minibiografias não apenas celebram a vida das mulheres bordadeiras, mas também contribuem para o reconhecimento de sua existência e ampliam suas percepções sobre diversos contextos sociais e culturais.

A construção dessas minibiografias constitui uma parte essencial de um conjunto de memórias que, quando acessadas e organizadas, revelam os aspectos mais íntimos das mulheres bordadeiras. Essas narrativas carregam consigo as marcas de dor e superação de um passado. Conforme destacado por Alessandro Portelli (2016), ao explorarmos essas memórias, somos confrontados com relatos vívidos, espontâneos e dolorosos que não apenas deixaram uma impressão profunda no passado, mas continuam a moldar e influenciar suas vidas até o presente. Dessa forma, por meio do resgate dessas memórias, mergulhamos profundamente nas vivências pessoais dessas mulheres, compreendendo não apenas suas habilidades artísticas, mas também os desafios que enfrentaram e superaram ao longo do tempo.

É importante reconhecer que as memórias expressas nas minibiografias são fragmentos selecionados das narrativas fornecidas pelas mulheres bordadeiras durante as entrevistas orais. Essas lembranças refletem uma escolha consciente das experiências compartilhadas por elas durante os relatos. Como destaca Michel Pollak (1992, p. 5), a memória é um processo complexo que envolve "grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização".

Portanto, tanto a memória individual quanto a coletiva são seletivas, influenciadas pelo contexto e momento vivido pelo sujeito investigado no presente.

Como mencionado anteriormente, o processo de elaboração das minibiografias das mulheres bordadeiras estão intrinsecamente ligados à seleção cuidadosa de eventos que moldaram suas vidas. Essa seleção de memórias, como discutido, é resultado das narrativas compartilhadas pelas próprias mulheres durante as entrevistas orais. Portanto, as minibiografias não apenas documentam suas experiências, mas também refletem a escolha consciente das histórias que desejam compartilhar, proporcionando uma visão íntima e autêntica de suas vidas e trajetórias

Desse modo, as memórias das mulheres bordadeiras ao serem reveladas, evidenciam as suas experiências de vida e contribuem para uma melhor compreensão do presente a partir de suas lembranças. Sendo assim, as memórias individuais somadas com às memórias coletivas ajudam-nos a contar a história local, sob uma perspectiva da memória contra hegemônica¹⁸, essa acaba nos revelando assim, as histórias de mulheres que resistem e persistem com sua arte em prol da subsistência das suas famílias. O processo de elaboração das biografias das mulheres bordadeiras está intrinsicamente ligado à seleção cuidadosa de eventos que moldaram suas vidas. Essa seleção de memórias, como discutido, é resultado das narrativas compartilhadas pelas próprias mulheres durante as entrevistas orais. Portanto, as minibiografias não apenas documentam suas experiências, mas também refletem a escolha consciente das histórias que desejam compartilhar, proporcionando uma visão íntima e autêntica de suas vidas e trajetórias.

¹⁸ De acordo com Cláudia Miranda e Helena Araújo (2019, p.385): “As memórias contra-hegemônicas nascem no movimento de coletivos interessados em apresentar referências da história local, de modo a permitir que seus moradores reflitam sobre essas questões e se envolva nesse processo.” Ainda sobre este aspecto, as autoras enfatizam que as memórias contra - hegemônicas, visam sobretudo evidenciar as memórias de sujeitos e grupos marginalizados pela história colonialista marcada pela ação do poder e dominação sobre os grupos historicamente oprimidos e subjugados.

CAPÍTULO 3: EXPERIÊNCIA DIDÁTICA: ROMPENDO SILÊNCIOS DAS MULHERES BORDADEIRAS

3.1 Ensino de história em diálogo com interculturalidade crítica e a pedagogia decolonial

Propor o Ensino de História a partir das mulheres bordadeiras, na perspectiva de análise decolonial e contra hegemônica, alinha-se com a pedagogia libertadora em diálogo com a interculturalidade crítica. Este conceito surge das lutas de classe e dos movimentos sociais em busca do reconhecimento de suas histórias, culturas e práticas de saberes. Ao mesmo tempo, prega-se pela integração cultural por meio do diálogo, onde as diferenças são evidenciadas e respeitadas. Dessa maneira, conforme observado por Ivonilde Oliveira (2015), a interculturalidade crítica se estabelece na educação a partir do reconhecimento do outro e do diálogo com as diferenças dos grupos culturais.

Essa abordagem contempla o que Boaventura Santos (2007) chama de ecologia dos saberes, que emerge a partir do reconhecimento dos saberes de grupos que foram historicamente silenciados. Contudo, a ecologia dos saberes não tem a pretensão de acabar com o conhecimento eurocêntrico, mas sim, estabelecer uma relação dialógica entre o saber científico e o saber popular, de forma que esse diálogo proporcione visibilidade e reconhecimento aos saberes das minorias sociais.

Alinhado a essa perspectiva, o pensamento decolonial propõe a construção de um raciocínio teórico que se diferencia das tradições universitárias europeias. Desta forma, a decolonialidade passa a destacar e problematizar questões relevantes para grupos subalternos que foram invisibilizados e silenciados, como mulheres, negros e indígenas etc. De acordo com João Colares da Mota Neto (2021) a decolonialidade.

Designa o questionamento radical e a busca de superação das mais distintas formas de opressão perpetradas contra as classes e os grupos subalternos pelo conjunto de agentes, relações e mecanismos de controle, discriminação e negação da modernidade/colonialidade (MOTA NETO, 2021, p. 39).

Nesse sentido, Catherine Walsh (2009) apresenta a possibilidade de se aplicar as discussões decoloniais ao ensino de História, a partir das pedagogias decoloniais. Elas advêm de reflexões e discussões, acerca da influência da colonialidade sobre a

racialização de povos originários, africanos, mestiços e mulheres que historicamente foram e são inferiorizadas, aspirando com isso uma política educacional que preze pela equidade, diversidade e o diálogo com as diferenças culturais, vindo a desenvolver uma aprendizagem crítica, significativa e intercultural.

Catherine Walsh (2009), considera a Interculturalidade Crítica (pensada como um braço do pensamento decolonial) um importante “ferramenta pedagógica”. Pois, de acordo com Mignolo (2008, p.293) “A matriz racial de poder é um mecanismo pelo qual não somente as pessoas, mas as línguas e as religiões, conhecimentos e regiões do poder são racializados”. Para ela:

[...] a interculturalidade crítica como ferramenta pedagógica que questiona continuamente a racialização, subalternização, inferiorização e seus padrões de poder, visibiliza maneiras diferentes de ser, viver e saber e busca o desenvolvimento e criação de compreensões e condições que não só articulam e fazem dialogar com as diferenças, mas que alentam a criação de modos outros de pensar, ser, estar, aprender, ensinar (WALSH, 2009, p. 25).

A pedagogia decolonial e a interculturalidade aplicada ao ensino de História, exigirá dos educadores um novo agir e pensar de suas práticas pedagógicas. Catherine Walsh (2009) ao mencionar Fanon (2001) evidencia que:

A descolonização não passa jamais inadvertida, já que afeta o ser, modifica fundamentalmente o ser, transforma os espectadores oprimidos pela falta de essência nos atores privilegiados, recolhidos de maneira quase grandiosa pela foice da história. Introduce no ser um ritmo próprio, como contribuição dos novos homens, uma nova linguagem, uma nova humanidade. A descolonização é criação de homens novos. Mas esta criação não recebe a legitimidade de nenhuma potência sobrenatural: a ‘coisa’ colonizada se converte em homem no processo pelo qual se liberta (WALSH, 2009, pág 35 *apud* FANON, 1963/2001, p.31).

Enfrentar o processo de descolonização é uma experiência libertadora, que nos leva a novos lugares, apresenta-nos novos sujeitos, histórias e conhecimentos que foram por muito tempo ignorados para agora serem tornados públicos, mostrando como o sistema de opressão colonialista funciona. A pedagogia decolonial está fundamentada na educação crítica e libertadora, onde os valores de amor, respeito e solidariedade sejam preponderantes, baseado no reconhecimento dos diversos tipos de conhecimentos de grupos humanos, que foram subestimados pelo ideal de modernidade/colonialidade (MOTA NETO, 2021).

Para Catherine Walsh (2009), as pedagogias decoloniais emanam de um princípio educacional de transmissão de conhecimento e saberes, que considerem os aspectos sócio-políticos de formação dos grupos populacionais, visando com isso a tomada de consciência, por uma ação reflexiva sobre a formação da sociedade marcada pela estrutura de dominação colonial. O que, certamente, exige romper com uma estrutura colonialista e eurocentrada que ainda envolve os currículos e o espaço da escola que tenta silenciar¹⁹ os sujeitos em uma tentativa de homogeneização destes.

Para Vera Candau (2011), as diferenças de raça, gênero, classe, religião, orientação sexual, precisam ser reconhecidas e valorizadas, pois estas, quando bem planejadas e discutidas no espaço escolar, contribui para uma aprendizagem crítica. Seguindo essa visão Ivanilde Oliveira (2015, p. 65) afirma que:

A igualdade não está oposta a diferença e sim à desigualdade. Diferença não se opõe à igualdade e sim a padronização, á produção em série, a tudo o “mesmo”, á “mesmice” (2008b, p.109) Por isso, ação política consiste em negar a padronização e a desigualdade e lutar pela igualdade e reconhecimento das diferenças (OLIVEIRA, 2015, p. 65).

A afirmação da autora tem por finalidade mostrar que as diferenças presentes no contexto escolar e na sociedade devem ser vistas com "bons olhos", pois essas ações podem gerar reflexões de caráter político, social e educacional. Ignorar essas diferenças é ocultar e silenciar as vozes que sofrem com as padronizações impostas pela sociedade e que interferem diretamente na dinâmica escolar. Haja vista que esta tende a propagar o discurso de que todos são iguais, mas que na verdade todos são diferentes, e são justamente essas diferenças que tornam os estudantes especiais.

Pensando por este viés de reconhecimento de diversidade, Ivanilde Oliveira (2015), destaca a importância de se respeitar a cultura dos estudantes, os seus saberes e formas distintas de se comportarem e falarem, apresentando a estes um novo universo de possibilidades de aprendizagem, pautado na relação de intercâmbio entre o saber científico e o saber popular, por uma ação dialógica onde a diversidade cultural e as diferenças deverão ser respeitadas.

¹⁹ O Silenciamento expresso no ambiente escolar se consiste em tentar negar a existência de diferenças raciais, religiosa, cultural, através de discursos igualitário onde os estudantes são tratados de formas idênticas sem levar em consideração suas histórias e vivências.

bell hooks (2017) em seu livro “Ensinado a transgredir: a educação como prática da liberdade”, enfatiza a necessidade de reconhecer a realidade do estudantes, quanto a diversidade de cultura expressa pela multiculturalidade, não restringindo em apenas conhecer, mas compreender as diferenças e problematizá-las, numa educação dialógica e libertadora o que exige um repensar da prática docente, reconduzido assim, o processo de aprendizagem a um caminho de diálogo pautado no reconhecimento da existência dos estudantes e de suas histórias de vida e saberes.

Assim, o reconhecimento dos saberes dos/as educandos/as não apenas representa uma entrada valiosa para uma educação libertadora, mas também desencadeiam um processo dialógico transformador. Nesse contexto, o educador tornar-se um intermediador, facilitador do processo de aprendizagem, sendo este o responsável por estabelecer o diálogo entre o saber científico e o saber popular. Esse papel de intermediador cria um ambiente propício para uma troca de saberes enriquecedora para ambos.

Dessa forma, a educação fundamentada na interculturalidade crítica e libertadora reconhece as diferenças como elementos essenciais para o desenvolvimento de uma aprendizagem crítica. Alinhada com a realidade social dos estudantes, essa perspectiva possibilita que essas diferenças sejam devidamente problematizadas e discutidas no contexto escolar.

Contudo para implementar essa mudança, os educadores precisam não apenas compreender os fundamentos teóricos da pedagogia decolonial e da interculturalidade, mas também, implementar práticas pedagógicas que reflitam esses princípios. Isso pode incluir a utilização de materiais didáticos alternativos, a adoção de metodologias de ensino participativas e inclusivas, a promoção de um ambiente escolar que celebre a diversidade e valorize os saberes dos estudantes. Desta forma, com base nessa abordagem teórica apresentamos como proposta de ensino uma sequência didática pautada no reconhecimento dos saberes das mulheres bordadeiras, tendo como finalidade promover um aprendizado crítico, capaz de dialogar com a realidade social dos estudantes.

3.2 Prática educativa em diálogo com a pedagogia decolonial e Interculturalidade

Para desenvolver uma prática educativa que dialogue com a pedagogia decolonial e a interculturalidade crítica, é necessário, antes de tudo, entender que a pedagogia decolonial visa a libertação de grupos historicamente oprimidos e marginalizados, a partir do reconhecimento dos mais variados saberes de grupos humanos que foram historicamente subalternizados pela modernidade/colonialidade.

Desta forma, pode-se entender as pedagogias decoloniais como um ato de resistência e reconhecimento dos saberes e tradições de grupos que foram invisibilizados em detrimento de uma cultura hegemônica (MOTA NETO, 2021). É sob essa perspectiva que propiciamos um diálogo com as mulheres bordadeiras de São João dos Patos.

Pensando o desenvolvimento de ações educativas para uma educação crítica e libertadora, tomamos como ponto de partida a busca de temas geradores capazes de dialogar com os estudantes acerca da realidade social e cultural na qual estão inseridos, visando, com isso, uma aprendizagem crítica e significativa. De acordo com Paulo Freire (2021.p 136): “investigar o tema gerador²⁰, repitamos, o pensar dos homens referindo a realidade, é investigar seu atuar sobre a realidade que é sua práxis”. Corroborando com o pensamento de Paulo Freire, bell hooks (2017) afirma que:

Quando alguém fala desde o ponto de vista das suas experiências imediatas, algo se cria para os alunos na sala de aula, às vezes pela primeiríssima vez. O enfoque da experiência permite aos alunos tomarem posse de uma base de conhecimento a partir da qual podem falar (HOOKS, 2017. p. 198).

Dessa maneira, de acordo com bell hooks (2017) é possível compreender que a educação como prática libertadora emerge diante do reconhecimento da diversidade de sujeitos que compõem o espaço escolar, tornando este, um local apto para promover a problematização e reflexão acerca da realidade. E é sobre esse universo

²⁰ De acordo com Paulo Freire (2021) a busca do tema gerado tem como finalidade apresentar aos indivíduos dimensões significativas de sua realidade, cujo a análise, crítica lhes possibilite reconhecer a interação de suas partes. Dessa forma o tema gerador vem a emergir mediante as relações estabelecidas entre o indivíduo e a sociedade.

que emanam inúmeras possibilidades de reflexões que, juntas, podem nos direcionar para conhecimentos significativos e relevantes para a vida dos educandos.

bell hooks (2017), ao propor um ensino crítico e significativo, enfatiza que é essencial problematizar e vincular a teoria à prática dos estudantes. Isso deve ser correlacionado com as experiências de vida dos alunos, proporcionando-lhes a oportunidade de aplicar e dar sentido aos conteúdos estudados em suas vidas. Dessa forma, estabelecer esse tipo de ensino é nos desafiar a sair da nossa zona de conforto do que é a "educação bancária" e partirmos para a dialogicidade Freiriana, onde o estudante torna-se o protagonista do processo de ensino e aprendizagem.

3.3 Prática docente e o desenvolvimento da sequência didática.

Desenvolver práticas de ensino que envolvam e inspirem os estudantes é um desafio constante para nós, educadores. Essas práticas não apenas transformam o processo de ensino e aprendizagem, mas também os tornam significativo, tanto para quem ensina, quanto para quem aprende. Nesse contexto desafiador, encontramos na sequência didática uma possibilidade de promover uma educação libertadora, capaz de proporcionar aos estudantes uma aprendizagem prazerosa.

Com foco na perspectiva de ensino e aprendizagem, o material se baseia em uma sequência didática como fundamento metodológico, visando, com isso, o desenvolvimento de novas competências e habilidades. Antoni Zabala (1998), define sequência didática como uma ação planejada voltada para conteúdos didáticos específicos. A proposta envolve uma série de atividades coordenadas pelo professor, com o objetivo de alcançar metas específicas que atendam tanto às necessidades educacionais da turma quanto aos interesses pessoais dos estudantes. Sendo assim, a sequência didática, quando bem planejada, é capaz de proporcionar um aprendizado crítico ao dialogar com temas contemporâneos inerentes, ao universo dos educandos.

Dessa maneira ao ser cuidadosamente elaborada, a sequência didática se apresenta como um instrumento eficaz para estimular o desenvolvimento crítico. Ela não apenas atende às demandas da turma, mas também, reconhece as particularidades e necessidades individuais educacionais dos estudantes. Neste contexto, o papel do educador torna-se essencial tanto na elaboração, quanto na

execução da sequência didática, haja vista, que estes reconhecem as necessidades de aprendizagem do estudante.

Em concordância com o pensamento de Zabala (1998), Maria Oliveira (2013) define sequência didática como um conjunto de atividades interligadas, planejadas para serem desenvolvidas em módulos sequenciais. Estas atividades, associadas aos conteúdos didáticos, visam principalmente fortalecer o aprendizado.

Contudo a autora passa a definir uma estrutura organizacional de elaboração de uma sequência didática, no qual vem a definir os seguintes passos básicos:

- Escolha do tema a ser trabalhado;
- questionamentos para problematização do assunto a ser trabalhado;
- planejamento dos conteúdos;
- objetivos a serem atingidos no processo ensino-aprendizagem;
- delimitação da sequência de atividades, levando-se em consideração a formação de grupos, material didático, cronograma, integração entre cada atividade e etapas, e avaliação dos resultados (OLIVEIRA, 2013, p. 40).

Ao observar a estrutura organizacional da sequência didática, reconhecemos o potencial educacional dessa prática de ensino. Quando bem planejada, ela pode nos levar a temas correlatos que promovem uma ação interdisciplinar com diversas áreas de conhecimento. Propor esse tipo de ação didática fortalece as relações entre professor e aluno por meio da dialogicidade freiriana, conduzindo todo o processo de ensino e aprendizagem através da troca de conhecimentos.

Assim, a sequência didática “Ensino de História entre Agulhas e Linhas: As Narrativas de Mulheres Bordadeiras de São João dos Patos - MA” está organizada em cinco módulos sequenciais²¹, desenvolvidos ao longo de 14 aulas. A descrição do processo dos módulos será apresentada em etapas de desenvolvimento, com os seguintes objetivos centrais:

- Conhecer a história local, destacando o papel da mulher bordadeira para a economia da cidade.
- Identificar e analisar os tipos de fontes históricas.

²¹Entende-se por modulo sequencial as etapas de desenvolvimento da sequência didática que poderá também ser chamado de unidade didática. Os módulos sequenciais têm como finalidade apresentar os conteúdos a serem estudados bem como descrever a metodologia de ensino adotada em cada aula, como também estabelecer os procedimentos avaliativos que poderão ser aplicados aos estudantes.

- Estimular os discentes a produzir minibiografias de vida das mulheres bordadeiras, a partir das entrevistas de história de vida.
- Problematizar sobre o processo de criação da Casa dos Bordados e como as mulheres bordadeiras atuaram nessa formação.
- Realizar visita de campo à Associação Casa dos Bordados Fios e Formas.
- Elaborar oficinas de bordados, visando o reconhecimento dos saberes das mulheres bordadeiras, como também as experiências e trocas de saberes entre os estudantes acerca do universo dos bordados.

Módulo I: São João dos Patos e a Mulher bordadeira

Inicialmente, buscou-se promover uma reflexão introdutória sobre a invisibilidade da mulher na história. Em seguida, foi introduzido o assunto o papel da mulher bordadeira na história local. Dedicamos duas aulas consecutivas para explorar esse tema. A música “Pra todas as Mulheres” da compositora Mariana Nolasco foi utilizada como ponto de partida. A proposta de usar essa canção visa problematizar a invisibilidade da mulher na história e estabelecer uma conexão com a invisibilidade da mulher bordadeira Patoense na história local.

Pra todas as mulheres

Abafaram nossa voz
 Mas se esqueceram de que não estamos sós
 Abafaram nossa voz
 Mas se esqueceram de que não estamos sós
 Essa vai
 Pra todas as mulheres
 Marianas, índias, brancas
 Negras, pardas, indianas
 Essa vai pra você que sentiu aí no peito
 O quanto é essencial ter no mínimo respeito
 Essa dor é secular e em algum momento a de curar
 Diga sim para o fim de uma era irracional, patriarcal
 Abafaram nossa voz
 Mas se esqueceram de que não estamos sós
 Abafaram nossa voz
 Mas se esqueceram de que não estamos sós [...]
 (Mariana Nolasco, 2020)

Após a apreciação musical, foi levantado o seguinte questionamento para os estudantes: ‘Vocês consideram que as mulheres foram silenciadas ao longo da

história? Indiquem apenas um motivo que pode ter levado à invisibilidade das mulheres na história.’ As perguntas feitas foram abordadas separadamente, permitindo assim a análise e o registro das respostas.

Para a coleta dessas primeiras informações, adotou-se uma abordagem dialogada com os estudantes. Estes responderam de maneira unânime à primeira questão, afirmando que as mulheres foram silenciadas pela história. Quanto à segunda pergunta, as respostas foram as mais variadas possíveis, sendo estas observadas no quadro abaixo:

Quadro 5 - Motivos apontados pelos estudantes pelos quais as mulheres são invisibilizadas

INDIQUE APENAS UM MOTIVO QUE PODE TER LEVADO A INVISIBILIDADE DAS MULHERES NA HISTÓRIA?	
Estudantes	Motivos apontados
Estudantes A	É por conta do Machismo que as mulheres são invisibilizadas.
Estudantes B	O Patriarcado que impõe o lugar da mulher o que acaba invisibilizando ela da história.
Estudantes C	O foi o fato dos homens possuírem mais direitos que as mulheres, o que acabou dando aos homens o protagonismo.
Estudantes D	É por causa da fragilidade do sexo feminino que levara a invisibilidade.

Fonte: Autora da pesquisa (2022).

As respostas obtidas demonstram que os estudantes reconhecem que a invisibilidade da mulher na história está relacionada a uma dominação e opressão masculina, que estabelece os espaços os quais as mulheres devem ocupar, sendo estas submetidas a um sistema patriarcal.

Quanto às colocações expressas pelos educandos, pode-se perceber a forma como a colonialidade do poder e do gênero tornou-se responsável pelo estabelecimento de espaços sociais em que os gêneros deveriam ocupar. Este é marcado pela presença da interseccionalidade, na qual as relações de poder são constituídas por um padrão rigidamente hierarquizado, heteronormativo, branco e

masculino, no qual as mulheres foram obrigadas e subjugadas a seguir o ideal da modernidade colonialidade europeia, levando-as a um total silenciamento quanto à sua existência na história (LUGONES, 2020).

A ação dialógica estabelecida nesse primeiro momento com os educandos, nos direcionou para uma comunidade pedagógica. Sobre a comunidade pedagógica, bell hooks (2017) enfatiza o diálogo como porta de abertura para rompimento de barreiras que foram construídas entre docentes e discentes. Assim, a ação dialógica leva-nos a um processo de aprendizado crítico. Nesse processo, o poder de fala deve estar articulado com a habilidade de ouvir diferentes pontos de vista. Após essas reflexões, foi explicado aos estudantes os motivos que levaram as mulheres a serem silenciadas e tornadas invisíveis na história.

Figura 17: Professora dialogando com os discentes



Fonte: Arquivo fotográfico da autora da pesquisa.

Dando sequência a aula, passamos a inserir a História Local, como de ponto de partida para ampliar as discussões acerca da mulher na história. De acordo com Aryana Costa:

Fazer/ ensinar/ estudar História Local pressupõe tomá-la como objeto do conhecimento (quando concentramos em escalas “menores” e mais próximas a nós nos recortes, como bairro, a Cidade, o Estado, mas também a grupos sociais e cultura material que não necessariamente corresponde aos limites geográficos e políticos dos lugares) ou como lugares que partem o conhecimento (dos próprios professores e alunos, da comunidade, de associações e organizações locais, das universidades (COSTA, 2019, p. 132).

Trabalhar com o Ensino de História Local possibilita um desenvolvimento de ensino e aprendizado mais significativo, devido à proximidade que essa abordagem pode despertar nos estudantes. Isso envolve problematizar a presença da mulher bordadeira na história local. Perguntei aos estudantes se eles consideravam que as mulheres bordadeiras faziam parte da História Local, e solicitei que aqueles que concordavam levantassem a mão.

Para minha surpresa, todos levantaram a mão. Foi um momento de grande satisfação, pois indicava que estudantes reconheciam a importância das mulheres bordadeiras na história local. Isso reforçou a ideia de que a mulher bordadeira é parte integrante da nossa história local. Diante dessas primeiras impressões provocadas pelo questionamento, dei sequência à aula, apresentando a história local de São João dos Patos, desde o surgimento da cidade aos aspectos políticos e econômicos, que envolviam o comércio, agricultura, pecuária e a produção dos bordados.

Ao destacar os bordados, foi evidenciado que essa é uma atividade tipicamente do sertão nordestino, sendo uma fonte de renda de famílias desafortunadas e feita em sua maioria por mulheres. Esta função permite às mulheres a conciliação entre os afazeres domésticos e a maternidade, motivo que permitiu a popularização dos bordados na cidade de São João dos Patos. Diante da explicação, os estudantes acabaram compreendendo que as mulheres bordadeiras também são importantes para a construção da história da cidade a partir do viés econômico.

Em seguida, foi exibido um fragmento de uma reportagem feita pelo programa de TV Repórter Mirante, sobre os bordados patoense. Após a exibição, foi aplicada uma atividade escrita e, após a resolução dos questionamentos, os estudantes vieram a compartilhar suas respostas em um círculo dialógico. A primeira pergunta feita foi: 'Quais os principais motivos que levaram as mulheres patoenses a trabalharem com os bordados?' As respostas que se seguiram foram:

Quadro 6 - Justificativa apontada pelos estudantes sobre os motivos que levaram as mulheres bordadeiras a trabalharem com os bordados

Quais os principais motivos que levaram as mulheres Patoenses a trabalharem com os bordados?	
Estudantes	Respostas
Estudantes A	Por falta de oportunidade de estudo o bordado se tornou uma das únicas rendas das mulheres que vivem na periferia da cidade.
Estudantes B	A dificuldade financeira é uma delas.
Estudantes C	A busca pelo sustento da família, que através dos bordados várias mulheres conseguiram levar o sustento para suas famílias, e outras por não terem estudos e um emprego garantido, sendo assim tendo que trabalhar com os bordados.
Estudantes D	Falta de oportunidade e de recursos.
Estudantes E	Por falta de trabalho para as mulheres na cidade e a única opção para elas era os bordados.

Fonte: Autora da pesquisa

Diante das falas dos/as educandos/as pode-se perceber, que os mesmos ao assistirem a reportagem, identificaram os principais motivos que levaram as mulheres a recorrerem aos bordados como fonte de trabalho e renda, sendo os principais motivos apontados por eles; a falta de emprego formal na cidade, bem como a falta de oportunidades de prosseguimento aos estudos.

Esses posicionamentos nos fazem refletir sobre as desigualdades sociais que vêm afetando a vida da população local, sobretudo a mulher patoense. De acordo com Segadilha e Nascimento (2014), o desinteresse em investimentos na cidade está associado ao pouco poder de compra dos cidadãos da cidade, esses que vivem com uma renda média mensal de apenas um salário-mínimo. O que tem feito com que muitos homens e mulheres migrem para outros estados em busca de oportunidades de trabalho. Já aqueles cidadãos que resistem e permanecem na cidade, acabam se inserindo no trabalho público ou mercado de trabalho informal.

Retornando aos posicionamentos dos estudantes, quanto à questão da falta de oportunidade em prosseguimento aos estudos, podemos entender que este é também um dos fatores que muito contribui para a falta de investimentos empresariais e industriais na cidade, pois isso vem significar a falta de mão de obra qualificada para o mercado de trabalho, tudo isso em decorrência da ausência de escolas tanto de nível superior quanto profissionalizante. Contudo, de acordo com Daniela Segadilha (2014), este cenário nos últimos treze anos vem de maneira gradativa se transformando em decorrência da implantação do Instituto Federal do Maranhão

(IFMA) campus de São João dos Patos, instituição pensada na promoção do desenvolvimento regional do médio sertão maranhense, por meio da formação superior e técnico profissionalizante.

Todavia, apesar desses pequenos avanços apontados por Segadilha (2014), a falta de oportunidade que as mulheres enfrentaram e enfrentam na cidade, é nesse contexto que o bordado, transmitido de geração em geração, surge como uma alternativa de trabalho para sustentar a si e suas famílias. Tornando-se uma das principais atividades para obtenção de recursos financeiros permitindo a elas redefinirem as rotas de suas vidas através da arte de bordar.

Seguindo a sequência da atividade proposta, foi perguntado aos educandos: 'Quais as principais dificuldades que as mulheres bordadeiras estão encontrando para dar continuidade à tradição dos bordados?' As respostas obtidas giraram em torno de dois eixos, sendo estes evidenciados pelas falas e posicionamento marcante de dois grupos de estudantes.

Quadro 7- Análise das respostas dos educandos que elucidam os desafios enfrentados pelas mulheres bordadeiras na preservação da tradição do bordado

Quais as principais dificuldades que as mulheres bordadeiras estão encontrando para dar continuidade à tradição dos bordados?	
Grupo – A	O desinteresse dos jovens em não querer aprender a arte dos Bordados.
Grupo - B	O desenvolvimento industrial como o principal motivo que vem levando o desaparecimento do artesanato bem como a tradição dos bordados na cidade de São João dos Patos, em virtude da indústria conseguir reproduzir os mesmos estilos de bordados produzidos pelas mulheres com um custo de produção mais em conta.

Fonte: Autora da pesquisa.

A compreensão dos estudantes, mostra-nos que estes reconhecem que o desenvolvimento industrial tem levado o desaparecimento de práticas artesanais, como a produção dos bordados que estão sendo gradativamente substituídos por produtos de origem industrial, que apresentam características semelhantes ao artesanal, mas com a qualidade inferior e com um valor comercial bem mais em conta. Além dos mais, os estudantes perceberam que boa parte dos jovens na cidade não tem o interesse em dar continuidade à tradição dos bordados.

As reflexões dos educandos/as se alinham com as das mulheres bordadeiras de São João dos Patos. Quando questionadas se a prática do bordado está desaparecendo, elas enfatizaram que sim, devido à falta de interesse dos jovens e à escassez de matéria-prima para a produção do artesanato. De acordo com Maria Amélia (2022), “A geração mais nova não quer bordar, e a matéria prima utilizada que é o linho desapareceu, está difícil de encontrar”. Nota-se, pela fala da senhora Maria Amélia, uma correlação com os apontamentos levantados pelos estudantes sendo estes os dois principais motivos que tende a levar o desaparecimento da prática do bordado na cidade, bem como o ofício de bordadeira.

Módulo II – Fundamentos para construção da História das mulheres bordadeira: Fontes Históricas.

Com a turma organizada em cinco equipes, foi dada a continuidade à sequência didática, para isso destinou-se 2 aulas para o desenvolvimento deste módulo. Inicialmente, uma breve recapitulação, a continuidade da aplicação da sequência se sucedeu a partir de uma pergunta problematizadora em torno do ofício do historiador. A pergunta direcionada às cinco equipes foi: ‘Como ocorre o processo de construção da narrativa histórica e quais são as ferramentas utilizadas pelo historiador em seu trabalho?’ As respostas obtidas foram extraídas das cinco equipes, sendo que estas deram respostas diversas.

Quadro 8 - A Análise das respostas das equipes sobre o processo de construção da narrativa histórica

Como ocorre o processo de construção da narrativa histórica e quais são as ferramentas utilizadas pelo historiador em seu trabalho?	
EQUIPE	RESPOSTAS
EQUIPE 1	Através de documentos escritos e pela tradição oral.
EQUIPE 2	Se dá pela tradição da oralidade que é transmitida pelos pais.
EQUIPE 3	Pela análise de Cartas, diários e revistas.
EQUIPE 4	A história é passada de geração em geração, porém a científica se dá pela documentação, essa que comprova os fatos.
EQUIPE 5	Pela análise e observações de documentos, revistas e fotografias.

Fonte: Autora da pesquisa

As respostas obtidas, demonstram que os educandos/as conhecem algumas fontes históricas, porém, ao analisar as respostas, nota-se dois pontos que foram relevantes para a discussão. O primeiro ponto foi o reconhecimento das fontes documentais, o segundo ponto foi que alguns estudantes reconhecem a oralidade como fonte histórica. Contudo, o posicionamento da Equipe 4 chama atenção, por de certa forma desacreditar na oralidade como fonte histórica.

Diante da fala da equipe, foi perceptível que, para eles, a história só pode ser construída mediante o contato com documentos oficiais, ao mesmo tempo em que percebemos que esses posicionamentos são decorrentes de uma tradição de um ensino de história eurocentrado. Como professora, percebo a necessidade do desenvolvimento de aulas práticas, que possibilitem aos estudantes uma interação direta com as fontes históricas, recursos que passam a dar mais significado para o processo de ensino e aprendizado; capaz de possibilitar aos estudantes uma maior compreensão acerca do conhecimento histórico. De acordo com Marta Brodbeck (2012):

Na atualidade, o trabalho com fontes ou documentos históricos é considerado um dos procedimentos fundamentais em sala de aula, pois amplia o conhecimento sobre o trabalho do historiador, estimula a observação e permite uma maior reflexão sobre os conteúdos através dos documentos. (BRODBEK, 2012. p.34)

Dessa maneira, as fontes históricas podem servir como ponto de partida para o desenvolvimento de trabalhos didáticos em sala de aula. De acordo com a definição de José Barros (2019), essas fontes englobam todos os vestígios produzidos e deixados pelos seres humanos, proporcionando entendimentos valiosos sobre o passado. Esses vestígios podem se manifestar através dos documentos textuais, dos vestígios arqueológicos, da cultura material, das fontes imagéticas e dos relatos de história oral. A compreensão abrangente dessas diversas formas de fontes históricas amplia nossa capacidade de explorar e interpretar o passado de maneira mais completa.

Considerando as variações de fontes, estas foram exemplificadas para os estudantes durante uma atividade intitulada “Baú das Fontes”, com o objetivo de que eles pudessem reconhecer e analisar os diferentes tipos de fontes históricas. Para o desenvolvimento da atividade, foi confeccionado um baú de papelão e Etileno Acetato de Vinila (EVA), onde neste colocamos sacos de presentes contendo fontes históricas

diversas. A condução da atividade proposta se deu após a instrução da educadora, na qual solicitou que, de forma organizada, um integrante de cada equipe fosse retirar do baú um tesouro a ser analisado.

Figura 18: Atividade Baú das Fontes



Fonte: Arquivo fotográfico da autora da pesquisa (2022).

Para o desenvolvimento desta atividade, foi estipulado um tempo de 20 minutos para que cada equipe pudesse analisar as fontes históricas, bem como produzir uma apresentação acerca da interpretação das fontes (Do que se trata? Onde? Quando? Por quê?). Após o término do período designado, as equipes receberam cerca de 6 minutos para suas apresentações, cada equipe decidiu nomear um líder para expor suas perspectivas. As observações feitas pelas equipes sobre as fontes foram as seguintes:

Quadro 9 - Respostas da atividade Baú das Fontes

ATIVIDADE BAÚ DAS FONTES	
EQUIPES	RESPOSTAS DAS ANÁLISES E INTERPRETAÇÕES DAS FONTES
Equipe 1	As fontes que a nossa equipe conseguiu foram imagéticas, com representações de manifestações populares maranhenses como o Bumba meu Boi brincando no mês de Junho e o festejo de São Francisco. Esse festejo é um dos mais populares da nossa cidade. Pessoas simples celebram São Francisco vestindo marrom todos os anos. Essa foto representa a devoção de uma comunidade. Já a outra fonte, acredito que seja uma fonte histórica oral, por se tratar de uma entrevista com uma mulher bordadeira. O nome dela é Ceres Maria Galvão Brito. Pode perceber pelo relato dela que ela tem muito orgulho de ter se aposentado como artesã. Na entrevista, ela narra como aprendeu a bordar.
Equipe 2	A minha equipe ficou com as fontes materiais, sendo exemplificadas por um pires de cerâmica que se assemelha com os desenhos dos azulejos de São Luís e uma mini estátua de cavaleiro medieval. Além disso, pudemos ler uma entrevista que eu acho que é uma história oral. A entrevista é de uma senhora chamada Maria Cristina, uma mulher que é bordadeira e professora.
Equipe 3	A nossa equipe pegou os vestígios arqueológicos, que foram representados pelas fotografias do Parque Nacional da Serra da Capivara no Piauí. Além disso, veio no nosso saquinho uma entrevista que temos certeza de que é fonte oral. Reconhecemos pelo fato de ser uma entrevista de uma senhora que borda.
Equipe 4	A gente identificou as fontes documentais. A nossa equipe analisou recortes de um jornal antigo em que trazia a informação acerca da primeira prefeita do Brasil. Algo que nos chamou atenção foi o fato dela ser da nossa cidade. Também recebemos uma entrevista transcrita que reconhecemos como fonte histórica. Era da Senhora Maria Amélia Evangelista, uma mulher que ficou órfã de mãe ainda criança e ajudou a criar suas irmãs com o trabalho dos bordados. A vida dela foi bastante difícil.
Equipe 5	Professora, a nossa equipe analisou objetos da cultura material. Um suplar de crochê, acredito que foi produzido pelas mulheres bordadeiras da nossa cidade. Esse tipo de trabalho é muito comum aqui. Também identificamos cédulas de dinheiro antigas. O nome desse dinheiro era cruzeiro. Essa moeda estava em circulação nos anos de 1967 a 1972, época da ditadura militar. Além dessas coisas, também identificamos uma fonte oral. Era uma entrevista da senhora Rita de Carvalho, uma mulher bordadeira que tem uma trajetória de muito trabalho.

Fonte: Autora da pesquisa

Nota-se, pelas falas das equipes que os estudantes compreenderam o conceito de fontes históricas, bem como desenvolveram habilidades interpretativas e senso investigativo na busca pela compreensão das fontes analisadas. Percebe-se ainda que a aplicação da atividade proporcionou aos estudantes um ensino mais dinâmico e interativo.

Módulo III: Construção das Biografias das Mulheres Bordadeiras da Associação Casa dos Bordados Fios & Formas

Após o reconhecimento das fontes históricas e a compreensão de como se constrói a narrativa histórica, o prosseguimento da sequência didática se deu com a

apresentação do gênero textual biografia, e de como ele pode nos ajudar a compreender alguns acontecimentos históricos, bem como, as dinâmicas sociais e culturais inerentes a um determinado tempo e lugar. O desenvolvimento deste módulo foi planejado com um total de seis aulas, com o objetivo específico de aprofundar os estudos e estimular uma reflexão abrangente sobre a construção das minibiografias das mulheres bordadeiras.

Sobre a biografia, conforme Kalina Silva (2010, p. 13), ela é definida como “a escrita de uma história de vida”. A partir dessa definição, foi comunicado aos estudantes que a biografia é um gênero textual de natureza interdisciplinar, que vem a transitar por diversas áreas do conhecimento, como História e Literatura. No contexto histórico, a biografia surge como um método de investigação que permite revelar traços característicos de períodos específicos da história. Diante dessa explicação, foram destacados para os estudantes os principais elementos que caracterizam um texto biográfico.

Quadro 10 - Características de um texto biográfico

OS PRINCIPAIS ELEMENTOS QUE CARACTERIZAM UM TEXTO BIOGRÁFICO
<ol style="list-style-type: none"> 1.O texto é redigido na terceira pessoa. 2.É um gênero textual narrativo. 3.Segue uma ordem cronológica dos eventos, abrangendo aspectos como: nascimento, infância, juventude, convívio familiar, casamento, família, trabalho, superação e conquistas.

Fonte: Arquivo fotográfico da autora da pesquisa (2022).

Para exemplificar a importância da biografia para compreensão da história, evidenciamos a autobiografia de Carolina Maria de Jesus, mulher negra, favelada e escritora que, através de sua obra “Quarto de Despejo”, denunciou as mazelas da sociedade brasileira, da década de 1950. Esta obra é de extrema importância para o desenvolvimento e aprofundamento de pesquisas sociológicas, antropológicas e históricas, pois a narrativa de vida de Carolina Maria de Jesus expressa a opressão de raça, classe e gênero a qual ela era submetida. Foi exibido o documentário ‘Mulheres Fantásticas: Carolina de Jesus’. Após o debate, foi proposta a produção de minibiografias das mulheres bordadeiras de São João dos Patos.

A proposição da construção de minibiografias como atividade escolar tem como finalidade dar visibilidade a mulheres que foram silenciadas pela narrativa da história

local, e que tem suas histórias geralmente constituídas apenas por uma narrativa político administrativo e que acabaram invisibilizando assim a presença de outros sujeitos que também contribuíram com a formação da cidade. Ademais, a biografia proporciona uma redescoberta da história a partir da narrativa das mulheres invisibilizadas, revelando aspectos da sociedade correspondente ao cotidiano e da cultura local.

A importância de apresentar aos estudantes as narrativas das mulheres bordadeiras reside na conexão íntima que eles compartilham com essas mulheres. Muitos desses estudantes são filhos, sobrinhos ou netos de mulheres que bordam, tornando suas histórias ainda mais relevantes.

Distribuímos as entrevistas temáticas prontas, realizadas pela professora pesquisadora. As entrevistas foram feitas com cinco mulheres bordadeiras da associação Casa dos Bordados Fios & Formas, no ano de 2022. O teor das entrevistas temáticas realizadas com as mulheres bordadeiras, concentravam-se entorno de suas histórias de vida e suas relações com universo dos bordados. Esperou-se dos/as educandos/as um aprendizado crítico, como também a curiosidade e criatividade.

Em grupo, manteve-se a formação inicial das cinco equipes, tendo o desafio de construir uma minibiografia.

Figura 19: Produção de Minibiografias I



Fonte: Arquivo fotográfico da autora da pesquisa (2022).

Figura 20: Produção de Minibiografias II

Fonte: Arquivo fotográfico da autora da pesquisa (2022).

Para garantir o sucesso dessa atividade, é importante fornecer orientações claras aos discentes sobre como organizar as informações. Algumas sugestões incluem grifar os pontos mais importantes da entrevista, destacar a passagem temporal, como, por exemplo, infância, convívio com a família, trabalho, casamento e filhos. As equipes estavam com as cópias das entrevistas em mãos, além do áudio da entrevista correspondente à mulher a ser biografada.

Sobre as estratégias adotadas pelas equipes, pôde-se perceber que estas optaram pela leitura compartilhada, sendo notória a interação das equipes, grifando e anotando, bem como comentando os pontos em que havia suscetibilidade de dúvidas, sendo estas sanadas quando ouviam nos celulares os áudios das entrevistas fornecidas a eles. Após a leitura, os educandos tiveram um tempo destinado à escrita das minibiografias. Concluída a escrita, tiveram a oportunidade de apresentar para a turma as minibiografias, além de ressaltar os desafios e percepções que obtiveram com a realização da atividade.

Quadro 11- Análise das respostas das equipes acerca da experiência com a construção das minibiografias

ATIVIDADE CONSTRUÇÃO DAS MINEBIOGRAFIAS: RESPOSTAS DAS EQUIPES			
(Continuação)			
EQUIPE	BIOGRAFIA	DESAFIOS	PERCEPÇÕES
EQUIPE 1	Ceres Maria Galvão	“Foi organizar as ideias centrais da entrevista, respeitando a cronologia dos fatos”.	“Que a tradição dos bordados é passada de geração em geração e que no passado o ensino de bordados era comum nas escolas da cidade. Quanto a vida pessoal percebemos o abandono paterno na vida da senhora Ceres, sendo sua mãe a provedora do sustento do lar”.

ATIVIDADE CONSTRUÇÃO DAS MINEBIOGRAFIAS: RESPOSTAS DAS EQUIPES			
(conclusão)			
EQUIPE	BIOGRAFIA	DESAFIOS	PERCEPÇÕES
EQUIPE 2	Maria Cristina Silva de Araújo	“Para nós, o maior desafio foi analisar as entrevistas, pois requer de muita atenção”.	“A senhora Cristina aprendeu com sua mãe o bordado. Chama atenção a descrição minuciosa que ela faz da produção de uma rede e de como aprendeu E que desde nova trabalha com bordados. E que está também enfrentou os olhas da sociedade pelo fato de ter sido mãe solteira. Porém ela encarrou isso de cabeça em pé sem da ouvidos aos outros.”
EQUIPE 3	Antônia de Sá Correia	“O desafio maior foi analisar as entrevistas. Porque durante a análise percebemos que a entrevistada mudava facilmente o direcionamento da conversa. Além do áudio de gravação que evidenciava a rouquidão da sua fala o que deixava compreensão mais difícil.”	“São muitas coisas que nos chamaram atenção o fato dela ter aprendido em uma escola do interior e que na cidade ela fez um curso técnico de bordados de máquina. Além disso, foi com esse trabalho que ela juntamente com seu esposo criaram seus filhos”.
EQUIPE 4	Maria Amélia Evangelista de Sousa	“Para nossa equipe, o desafio foi analisar as entrevistas, pois consideramos a entrevista um grande quebra cabeça que tivemos que montar.”	“A vida da Senhora Maria Amélia, foi bastante difícil principalmente porque o pai explorava seu trabalho com os bordados e abusava do poder de pai que ele tinha sobre ela, exigindo o lucro dos seus bordados”
EQUIPE 5	Rita Carvalho Pereira	“Sem dúvida nenhuma, o maior desafio, para a nossa equipe foi analisar a entrevista, que era ricas em informações, porém tivemos que organizar de forma cronológica a narrativa da biografada.”	“Dona Rita, tem uma trajetória de vida bastante humilde, marcada por bastante trabalho; e que em alguns momentos seu esposo a impedia de viajar para vender seus bordados por conta dos ciúmes”.

Fonte: Autora da pesquisa

Ao analisar as respostas dos alunos, percebe-se alguns desafios comuns enfrentados durante a atividade. Um ponto notável é a ausência de uma sequência, pois os alunos buscavam respostas precisas e pontuais. Contudo, aos poucos, perceberam que se tratava de um diálogo roteirizado, porém flexível, e suscetível a novos redirecionamentos de acordo com a condução e o desejo do entrevistado de responder às perguntas, bem como se recusar a falar ou mudar de assunto quando lhe fosse conveniente.

Tal compreensão foi possível porque tiveram a oportunidade de apreciar tanto a transcrição das entrevistas quanto aos áudios. Embora a tarefa tenha sido desafiadora, demonstraram empenho ao montar as minibiografias de forma atenta, evidenciando pontos cruciais das vidas das entrevistadas, bem como da tradição dos bordados.

A atividade possibilitou aos estudantes compreenderem mais sobre a tradição dos bordados. Assim, a proposta não apenas atinge seus objetivos pedagógicos ao desenvolver habilidades textuais e interpretativas, mas também, destaca a importância de valorizar as vozes das mulheres bordadeiras, além de que, a participação ativa dos educandos, contribuiu para um aprendizado histórico mais significativo e para a compreensão mais profunda do contexto sociocultural local, despertando nos educandos/as a partir das histórias de vida biografadas, uma empatia e respeito às diferenças. Sendo assim, a atividade não só permitiu que os estudantes conhecessem a tradição dos bordados, mas também valorizassem e reconhecessem os saberes das mulheres bordadeiras, que são parte integrante do universo local.

Módulo IV: Visita de Campo a Associação Casa dos Bordados Fios & Formas

Para alcançar os objetivos de uma atividade externa na 'Associação Casa dos Bordados Fio & Formas', antes de tudo, é essencial seguirmos alguns passos. Primeiramente, é necessário compreender que uma visita técnica teve por finalidade a obtenção de conhecimentos acerca da história local, das pessoas que fazem parte da associação, bem como identificar e reconhecer os tipos de bordados produzidos pelas bordadeiras. Para o desenvolvimento desta atividade foram utilizadas duas aulas.

Nesse sentido, ao elaborar ações didáticas que transpassam os limites da sala de aula, rumo ao contexto social no qual estão inseridos os estudantes, estes serão levados a uma aprendizagem significativa. Isso ocorre porque essas ações, quando bem planejadas, ajudarão aos estudantes a refletirem sobre o seu cotidiano e o universo que os cerca, e de como esses contextos interferiram e interferem diretamente na vida de outras pessoas. Dessa maneira, de acordo com Schmidt e Cainelli (2009), atividades de visita a espaços públicos, a exemplo de visitas a museus, arquivos e monumentos históricos, permitirão que os estudantes possam desfrutar de uma experiência única.

Isso ocorre porque essas ações proporcionarão aos estudantes um contato direto com as memórias que foram preservadas, fazendo com que estes possam entender que a história também se faz fora da sala de aula, e que ela está presente em todos os espaços. Sendo assim, para a aplicação da ação didática proposta, seguimos então algumas estratégias consideradas essenciais para a realização dessa atividade:

- Agendar previamente com a direção e coordenação o dia da visitação.
- Enviar um termo de autorização dos pais por escrito.
- Enviar um ofício solicitando à Secretária Municipal de Educação o ônibus escolar.
- Enviar um ofício solicitando autorização para visitação.
- Verificar a disponibilidade das bordadeiras para dialogar com os educandos e o número permitido de visitantes.
- Preparar os educandos antecipadamente para a visitação com enfoque para o conteúdo que será exposto.
- Propor um relatório de visita de campo como proposta avaliativa.

Tomando como base o roteiro de planejamento, a ação proposta foi desenvolvida seguindo alguns passos. Primeiro Passo: apresentação do histórico da associação. Nesse momento, os estudantes, conduzidos pela educadora, receberam de maneira guiada as primeiras informações sobre a história da associação e tradição dos bordados na cidade de São João dos Patos. A seguir foi pontuado como a associação surgiu, bem como os tipos de bordados mais produzidos na cidade.

Figura 21: Apresentação do histórico da associação



Fonte: Arquivo fotográfico da autora da pesquisa (2022)

Atentos às primeiras informações, os estudantes registravam os dados por meio de anotações e registros fotográficos, visando obter informações fundamentais para a elaboração do relatório avaliativo da visita de campo, que foi desenvolvido em grupos. Para a execução dessa atividade, a turma foi dividida em três grupos, com destaque para a participação ativa dos integrantes na atribuição de tarefas, como fotografia e registro de anotações. Dando sequência à atividade de visitação, o segundo passo foi conhecer as mulheres bordadeiras. Nessa etapa, os estudantes tiveram a oportunidade de socializar com as mulheres bordadeiras, ao mesmo tempo em que exploravam o espaço da associação.

Figura 22: Visita técnica à associação Casa dos Bordados Fios de Formas com estudantes I



Fonte: Arquivo fotográfico da autora da pesquisa (2022).

Essa relação dialógica estabelecida com as mulheres bordadeiras permitiu que os estudantes tivessem a oportunidade de identificar os tipos de bordados, entender um pouco como se dá a produção dos principais bordados produzidos por elas, bem como, reconhecer suas respectivas especialidades quanto ao ato de bordar. Estes foram identificados como crochê, bordado de máquina e ponto cruz.

Figura 23: Visita técnica à associação Casa dos Bordados Fios de Formas com estudantes II



Fonte: Arquivo fotográfico da autora da pesquisa (2022).

Além desses aspectos explorados pelos estudantes, eles tiveram a oportunidade de fazer perguntas acerca das trajetórias de vida das bordadeiras, suscitando questões como: 'Com quem e como aprendeu a bordar?' 'O que o bordado representa para sua vida?' 'Quais as mudanças significativas que o trabalho com o bordado proporcionou às suas famílias?'

Figura 24: Visita técnica à associação Casa dos Bordados Fios de Formas com estudantes III





Fonte: Arquivo fotográfico da autora da pesquisa (2022).

Em suma, a visita de campo à Associação Casa dos Bordados Fios & Formas mostrou-se, como uma estratégia pedagógica capaz de proporcionar aos educandos uma experiência enriquecedora quanto ao aprofundamento do conhecimento acerca da história local e a tradição dos bordados. Tal percepção torna-se evidente quando são analisados os relatórios (ver Anexo G) produzidos pelos discentes, que relataram um ganho valioso de aprendizado e que acabaram os motivando a valorizar mais a história local a partir da perspectiva da história de vida das mulheres bordadeiras.

Portanto, cabe ressaltar que a ligação estabelecida entre a teoria e a prática, através de um roteiro de visitação à associação, proporcionou aos estudantes uma compreensão profunda sobre a importância da tradição dos bordados para a cidade, bem como o reconhecimento da existência de mulheres que contribuem diretamente para o desenvolvimento local, que através dos seus saberes mantêm suas famílias e impulsionam a economia da cidade.

Módulo V: Oficinas de Bordados na Escola

Nesse módulo foi organizado oficinas de bordados, ministradas pelas mulheres bordadeiras na escola, com o objetivo de promover a valorização do conhecimento dos saberes dessas artesãs. Os materiais para essa atividade incluíram: étamine, tesoura, linha, agulha e agulha de crochê.

Figura 25: Kit de materiais utilizados na oficina de bordados



Fonte: Arquivo fotográfico da autora da pesquisa (2022).

A aplicação da oficina de bordados ocorreu no espaço escolar. A introdução da atividade foi marcada pelas falas de apresentação das mulheres bordadeiras, onde elas tiveram a oportunidade de relatar um pouco sobre como os bordados passaram a fazer parte de suas vidas. Após a apresentação, as mulheres bordadeiras explicaram os tipos de bordados que seriam trabalhados durante as oficinas, destacando-se as duas atividades artesanais mais populares na cidade: o ponto cruz e o crochê.

Com essas informações, os estudantes puderam escolher a oficina que mais despertou seu interesse. Pode-se perceber a interação e a cumplicidade estabelecida entre as mulheres bordadeiras e seus/suas aprendizes. Estes, atentos, executavam os comandos dados por elas, a fim de obter o resultado de uma fruta em ponto cruz e uma traça em crochê.

Figura 26: Oficina de bordados: produção de ponto cruz e crochê I



Fonte: Arquivo fotográfico da autora da pesquisa (2022).

Figura 27: Oficina de bordados: produção de ponto cruz e crochê II



Fonte: Arquivo fotográfico da autora da pesquisa (2022).

Figura 28: Oficina de bordados: produção de ponto cruz e crochê III



Fonte: Arquivo fotográfico da autora da pesquisa (2022).

Durante o desenvolvimento da atividade, foi perceptível a familiaridade e habilidade que alguns discentes dispunham com a prática do bordado. De tal maneira que, em determinados momentos, estes ajudavam seus colegas, ensinando-os a bordar.

Figura 29: Oficina de bordados: produção de ponto cruz e crochê IV



Fonte: Arquivo fotográfico da autora da pesquisa (2022).

A interação estabelecida entre as mulheres bordadeiras e os/as aprendizes trouxe à tona memórias individuais dos discentes, as quais evidenciavam aspectos da sua infância, do seu contexto familiar e sua ligação com os bordados. O comportamento dos/as aprendizes chamou a atenção pela dedicação e interesse em querer aprender o artesanato, que muitas vezes ajudou no sustento dos lares de suas famílias. Por fim, todos/as conseguiram executar com êxito a atividade proposta, chegando ao resultado esperado.

A oficina de bordados proporcionou aos educandos/as uma conexão com a tradição histórica e cultural local, através do reconhecimento dos saberes das mulheres bordadeiras. A interação direta com as bordadeiras permitiu aos estudantes identificarem os diferentes tipos de bordados e entender o processo de produção. Além disso, essa interação promoveu uma valiosa conexão humana. A presença das artesãs na escola, com seus conhecimentos e trajetórias, não apenas permitiu uma interação direta, mas também revelou que a opção decolonial é humanizadora.

Figura 30: Resultado da oficina de bordados

Fonte: Arquivo fotográfico da autora da pesquisa (2022).

Grupo Focal: Avaliando o processo

Para avaliar todo o processo realizado através da sequência didática, aplicamos a técnica do grupo focal. Este, pode ser entendido, de acordo com Arnaldo Szlachta Junior (2018), como uma técnica de pesquisa qualitativa de investigação social, planejada para permitir, por meio de uma roda de conversa, a discussão e compartilhamento de opiniões e experiências, a fim de obter informações sobre os impactos que uma pesquisa aplicada pode ter na vida dos sujeitos participantes da pesquisa. De cada uma dessas equipes, foram selecionados dois estudantes, permitindo assim obter uma avaliação dos processos realizados. A figura da moderadora (autora da pesquisa). A ação proposta foi planejada para uma única sessão de duração de 1 hora.

A aplicação do grupo focal ocorreu no espaço da biblioteca do Centro Educa Mais Josélia Almeida Ramos, com data e horário marcados com os/as educandos. As ferramentas adotadas para a coleta de dados foram o gravador de voz e um roteiro guia de temas que foram discutidos ao longo da sessão. O roteiro foi dividido em quatro blocos temáticos, organizados de acordo com as seguintes temáticas: História da cidade, produção de biografias, visita de campo à casa dos bordados e oficina de bordados.

Em seguida, utilizamos o data *show* e o computador para a exibição dos blocos temáticos, na sequência os estudantes foram consultados se preferiam seguir a sequência dos blocos temáticos. Definida a sequência dos blocos temáticos, a primeira rodada de discussão foi em torno da temática história da cidade.

Quadro 12 - Análise das respostas do grupo focal: Bloco Temático I

Bloco temático I: História da cidade	
De que maneira a história das bordadeiras contribui para o enriquecimento da história da cidade?	
Estudantes	Respostas
Estudante A	As histórias das mulheres bordadeiras nos permitiu compreender um pouco mais sobre os aspectos sociais da cidade e como as mulheres eram submetidas a um sistema patriarcal, em um determinado período da história.
Estudante B	Durante a sequência didática, podemos aprender mais sobre a história da cidade ao mesmo tempo que percebemos como essas mulheres são importantes para economia local.
Estudante C	Através das histórias de vida das mulheres bordadeiras, podemos perceber que os bordados produzidos por elas ajudaram na formação da identidade local.
Estudante D	Que as mulheres bordadeira contribuem com a redá de suas famílias e que os artesanatos produzidos por elas acabam de certa forma ajudado na economia local.
Estudantes E	Essas mulheres são verdadeiras guerreiras. Elas ajudam suas famílias como também são capazes de movimentar a economia local.

Fonte: Autora da pesquisa

As falas dos alunos revelaram que eles consideram de grande importância o papel das mulheres bordadeiras para a história da cidade. As narrativas de vida das bordadeiras permitiram-lhes compreender mais sobre a dinâmica social e cultural da cidade e como estas contribuíram diretamente para a formação da identidade local, sendo sua atuação a base de um dos principais produtos econômicos da cidade. Dessa maneira, pode-se perceber que os estudantes não apenas reconheceram, mas também valorizaram as mulheres bordadeiras como parte integrante da história local.

Dando prosseguimento ao grupo focal, o segundo bloco de perguntas foi direcionado a segunda temática, que procurou discutir a produção de biografias. Foi possível com o seguinte questionamento: “Considerando a experiência adquirida na produção das biografias, você acredita que a narrativa biográfica foi eficaz como meio de aprendizado histórico?”.

Quadro 13 - Análise das respostas do grupo focal: Bloco Temático II

Bloco temático 2: Produção de biografias Considerando a experiência adquirida na produção das biografias, você acredita que a narrativa biográfica foi eficaz como meio de aprendizado histórico?	
Estudantes	Respostas
Estudante A	Sim, porque nos ajudou a ver a história local por meio de outros olhares, que não fosse dos políticos.
Estudante B	Sim, e até mais interessante, pois a biografia nos mostrou a história local pelo olhar de mulheres, essa abordagem foi capaz de nos mostrar aspectos sociais da cidade.
Estudante C	Sim, pois a biografia não traz informações apenas sobre as pessoas, mas também elas trazem informações sobre os aspectos culturais da cidade. Um ponto que me chamou muito atenção nas biografias foi relato das mulheres dizendo que nas escolas da cidade se ensinava os bordados.
Estudante D	Sim, a biografia me fez perceber o quanto é importante para cidade os bordados, pois essa prática tonou-se parte da identidade cultural da cidade.
Estudantes E	Sim, eu gostei da abordagem biográfica ela mostra a cidade por outros olhares.

Fonte: Autora da pesquisa.

As declarações dos estudantes nos mostraram o potencial didático do uso das biografias quando aplicado ao ensino de história local. Essa abordagem revelou aos estudantes que a história local transcende a narrativa política e administrativa, englobando as ações diretas da população, possibilitando destacar indivíduos historicamente marginalizados.

Além disso, os alunos e alunas conseguiram, por meio das biografias, compreender os aspectos sociais e culturais da cidade de São João dos Patos, destacando fatos que eles consideraram importantes sobre a história da cidade. Em última análise, as biografias não apenas enriqueceram o entendimento dos estudantes sobre a história local, mas também se mostraram como uma ferramenta didática capaz de promover uma educação histórica, inclusiva e significativa.

A fim de entendermos melhor os aprendizados dos estudantes sobre a visita de campo, foi colocada em discussão no grupo focal a seguinte questão: “Quais foram as informações que mais lhe chamaram atenção durante a visita de campo?”.

Quadro 14 - Análise das respostas do grupo focal: Bloco Temático III

Bloco temático 3: Visita a Casa dos Bordados Quais foram as informações que mais lhe chamaram atenção durante a visita de campo?	
Estudantes	Respostas
Estudante A	Eu considero que a visitação foi muito boa, pois podemos conhecer mais sobre a história da criação da associação o seu funcionamento. Também pude apreender com as bordadeiras o nome dos tipos de bordados.
Estudante B	Foi muito bom poder apreender história fora da sala de aula. Na visita apreendi que a tradição dos bordados se iniciou no município no início do século XIX com a presença dos portugueses. Outro ponto legal da visita foi poder conversar com as bordadeiras aprender mais sobre os bordados com elas.
Estudante C	Eu acho que deveria ter outras atividades como essa, eu aprendi um pouco mais sobre como o município se tornou reconhecido como capital dos bordados. Sem dúvidas nenhuma os trabalhos feitos pelas bordadeiras contribuíram na formação da identidade local.
Estudante D	Com a visita eu pude aprender um pouco sobre a história associação, o seu funcionamento, como a cidade se tornou reconhecida como capital dos bordados. Além de poder conversar com a bordadeira dona Cleonice ela é muito legal e nos mostrou como fazer um caju de crochê.
Estudantes E	Eu gostei da visita, lá eu tive a oportunidade de conhecer mais sobre a história dos bordados no nosso município.

Fonte: Autora da pesquisa

Percebe-se pelo posicionamento dos estudantes o quanto uma visita de campo pode proporcionar aos discentes uma experiência única, capaz de propiciar um aprendizado crítico e significativo. Quanto ao aprendizado obtido pelos estudantes, nota-se que eles conseguiram absorver informações valiosas sobre a história dos bordados no município, sobre a fundação da associação e os principais tipos de bordados. Além desses aspectos, pode-se perceber que através do diálogo estabelecido entre os estudantes e as mulheres bordadeiras, os alunos e alunas passaram a valorizar e a reconhecer o trabalho dessas mulheres.

Transitando agora para a última etapa do grupo focal, os estudantes puderam relatar suas percepções e reflexões sobre a oficina de bordados a partir da seguinte pergunta: 'O que vocês acharam da oficina de bordados?'

Quadro 15 - Análise das respostas do grupo focal: Bloco Temático IV

Bloco temático 4: Oficina de Bordados O que você achou da oficina de bordados?	
Estudantes	Respostas
Estudante A	Eu achei muito bom, as bordadeiras eram muito habilidosas no ensinar. As falas delas durante a apresentação foram marcantes pois essas mulheres conseguiram criar os filhos com ajuda do bordado.
Estudante B	Foi bastante legal. Elas ensinam muito bem. Com a oficina eu pude lembrar da primeira vez que aprendi a bordar. Foi durante a pandemia no interior, eu aprendi com minha tia
Estudante C	Foi prazerosos a atividade, nunca tinha feitos, mas não encontrei muita dificuldade, pois as mulheres bordadeiras ensinavam muito bem. Durante a oficina eu recordei de um momento da minha infância em que minha mãe fez uma toalhinha em ponto cruz para mim.
Estudante D	Eu já sabia fazer um pouco de crochê, a minha avó me ensinou, porém a minha tia proibiu minha avó de me ensinar, porque ela disse que era coisa de mulher. Mas eu gostei muito da oficina de crochê dona Rita foi bastante atenciosa no ensinar. Hoje tenho a consciência que atividade artesanal não tem gênero e que todo mundo pode fazer.
Estudantes E	Foi legal a oficina, eu já sabia fazer eu aprendi com a madrinha da minha irmã. Durante a oficina eu pude compartilhar meu conhecimento com os meus colegas ensinando a fazer ponto cruz.

Fonte: Autora da pesquisa

Além desses aspectos, um fator que chamou a atenção foi que, com a prática da oficina, a memória individual dos estudantes foi despertada. Ao longo das oficinas, os alunos/as acabaram revelando que aprenderam com seus familiares a bordar, reforçando aquilo que já se sabia, que a tradição dos bordados na cidade se dá pela oralidade e que é um conhecimento transmitido de geração em geração.

Contudo, uma fala se destacou das demais quando o estudante "D" recordou que sua tia o proibiu de aprender a fazer crochê quando criança, pois ela dizia que era atividade de mulher. Nota-se que este jovem sofreu uma opressão de gênero em virtude dos padrões sociais estabelecidos na sociedade. Contudo, percebe-se que este estudante tem a compreensão de que atividades artesanais não possuem gênero e que ele pode produzir crochê se quiser.

Refletindo sobre toda a trajetória da sequência didática, percebe-se que os objetivos propostos foram alcançados. O ensino de história tornou-se mais significativo para a vida dos estudantes quando passou a dialogar com o universo social e cultural deles. Ao longo da pesquisa, eles ampliaram seus conhecimentos sobre a história local, passando a valorizar e reconhecer a sabedoria e os saberes das mulheres bordadeiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir esta dissertação, após percorrer toda uma trajetória delineada por leituras, reflexões e práticas de ensino, é possível constatar que há muito ainda a ser pensado e problematizado sobre a temática feminina e o ensino de História. Em virtude de uma perspectiva eurocêntrica de ensino, os currículos de História, durante muito tempo, reforçaram e supervalorizaram os grandes feitos e conquistas do homem branco colonizador. Assim, ao incorporar a colonialidade do poder como chave explicativa os (as) professores-pesquisadores começam a perceber o quanto o sistema moderno colonial tem conexão profunda com os papéis de gênero, com a ideologia racista, com a heterossexualidade e a exploração capitalista.

Ao propor o ensino de história local a partir da história das mulheres bordadeiras de São João dos Patos - MA, buscou-se contribuir com a crítica modernidade/colonialidade, compreendendo como uma racionalidade de organização global profundamente atrelada à conquista, ainda presente no nosso currículo. O currículo eurocêntrico não dá conta da experiência vivida pelas mulheres da região.

Pensamos não só como produzir conhecimento, mas também propor metodologias de ensino a partir da perspectiva intercultural e da pedagogia decolonial. Trata-se, portanto, de uma contribuição ética e política que, enfim, integra mulheres na história local. Ambos, mulheres bordadeiras e estudantes, saem do anonimato para se tornarem protagonistas do ensino-aprendizagem da história. Levar os estudantes para conhecer o espaço da associação e conversar com as mulheres bordadeiras, levar as bordadeiras para o espaço escolar e ali partilhar seus saberes, foram desafios enfrentados pela professora-pesquisadora na tentativa de “descolonizar saberes” e sujeitos.

A trajetória das mulheres da Associação Casa dos Bordados Fios & Formas representa um reflexo do perfil social, racial e cultural da cidade. Suas trajetórias de vida são marcadas por lutas relacionadas aos desafios do cotidiano doméstico, à criação dos filhos e, em algumas situações, ao enfrentamento direto do abuso psicológico perpetrado por figuras paternas ou esposos.

É importante apontar que a atividade exercida por essas mulheres, a arte do bordado, foi sendo transmitida oralmente e passada de geração em geração pelas matriarcas das famílias, especialmente quando não era ensinada por instituições de

ensino. A arte de bordar conforme evidenciado no estudo foi sendo adquirido durante a transição da infância para a adolescência, quando muitas jovens, devido às necessidades financeiras de suas famílias, passaram a contribuir com a renda familiar a partir da produção de bordados.

Ademais, conforme constatado na fala das mulheres, a associação se tornou muito mais que um espaço de empreendedorismo; tornou-se um espaço de integração social, resistência e empoderamento para essas mulheres, proporcionando um ambiente de acolhimento, compreensão e troca de conhecimentos, ou seja, aberto a amplificação de vozes femininas.

Ao reconhecer as contribuições das mulheres bordadeiras, não apenas como artesãs, mas como agentes ativos na construção da identidade cultural e histórica da comunidade patoense, lançamos um apelo por transformações mais profundas na educação e na sociedade como um todo. Trata-se de um convite à reflexão contínua, à constante reavaliação e à promoção de narrativas inclusivas, onde cada fio da história seja entrelaçado com a riqueza das experiências humanas.

Ao longo da implementação do processo de pesquisa por meio de um diálogo com a interculturalidade crítica, tornaram-se evidentes as possibilidades de direcionar novos olhares sobre o processo histórico da formação identitária local. Este novo olhar nos levou a propor ações educacionais que visam dar visibilidade a sujeitos que historicamente foram marginalizados e subjugados pela modernidade e colonialidade europeia, e que, em algum momento, tiveram suas histórias e saberes invisibilizados e silenciados.

Além disso, essa perspectiva, centrada nas narrativas de vida das mulheres bordadeiras, mostrou-se um caminho profícuo para a compreensão dos aspectos sociais e culturais da cidade, especialmente em torno da prática do bordado. Esse enfoque permitiu que os estudantes participantes do estudo viessem a reconhecer e valorizar os saberes de mulheres antes invisibilizadas.

Assim, ao construir as minibiografias das mulheres bordadeiras, os estudantes passaram a compreender o processo identitário da cultura local. Este processo foi vivenciado e assimilado pelos educandos/as de maneira gradual, ao longo da pesquisa e em diferentes etapas. Inicialmente, culminou no reconhecimento de que a tradição dos bordados na cidade se deu pela oralidade e pela transmissão de geração

em geração, desde a chegada dos primeiros imigrantes portugueses na região, no início do século XIX.

Ao entrarem em contato com as fontes históricas para a elaboração das minibiografias das mulheres bordadeiras, os estudantes compreenderam a importância desses recursos na construção das narrativas históricas. Esse processo de reconhecimento das fontes históricas levou os educandos/as a identificarem a fonte oral como uma possibilidade para compreender a história local por meio das narrativas de vida das mulheres bordadeiras, que estabeleceram relações diretas com o local estudado, o que lhes proporcionou a compreensão de que a história local não é construída apenas pela perspectiva de grandes figuras políticas, mas também pelas pessoas comuns que integraram e ocuparam a cidade.

Em relação a construção das minibiografias das mulheres bordadeiras a atividade mostrou-se promissora, em virtude dessa abordagem, possibilitou um diálogo interdisciplinar com outras áreas do saber, ampliou o leque de competências e habilidades a serem desenvolvidas, além de promover a problematização das relações de gênero instituídas na sociedade patoense.

Embora a atividade seja vista como promissora, também foi marcada por desafios que os educandos conseguiram superar. Os desafios enfrentados na construção das minibiografias estão associados à interpretação e análise das fontes orais. Em momentos específicos das atividades, os estudantes solicitaram ajuda para compreendê-las melhor, pois relataram ter achado um pouco confusas as respostas das senhoras entrevistadas. Tal alegação é justificada pelo rompimento da linearidade nas falas das entrevistadas. No entanto, apesar das dificuldades relatadas quanto à linearidade das falas, os educandos perceberam que essas entrevistas constituíam um diálogo roteirizado, que poderia ser adaptado de acordo com o interesse das entrevistadas. Apesar dos obstáculos mencionados, os educandos conseguiram produzir as minibiografias com sucesso.

Quanto a visita guiada à associação possibilitou uma relação dialogada com as mulheres bordadeiras, que compartilharam não apenas os diversos tipos de bordados, mas também suas experiências de vida, o que fez com que os estudantes reconhecessem o espaço da associação como um lugar de memórias que expressam a representatividade identitária cultural da cidade. Já a oficina de bordados propiciou

aos estudantes reconhecerem e aprenderem a arte dos bordados, com as mulheres bordadeiras, no espaço escolar.

Durante a oficina de bordado, foi notável como os estudantes de ambos os sexos interagiram com as mulheres bordadeiras. A recepção da proposta foi positiva, e ao longo da execução, os educandos lembraram de maneira enfática passagens de suas vidas em que o bordado esteve presente, bem como palavras associadas aos tipos de pontos de bordados. Um aspecto interessante a ser destacado é o comportamento dos educandos do sexo masculino, que não mostraram objeção à proposta didática. Esse comportamento é curioso em virtude de uma cultura colonialista na qual as atividades laborais são frequentemente definidas pelo sexo. Hipoteticamente, esse comportamento foi compreendido como uma forma de reconhecer e valorizar as histórias e saberes das mulheres bordadeiras.

Cabe pontuar que a sequência didática, em sua totalidade, fundamentou-se na dialogicidade freiriana como princípio norteador. Dialogicidade que foi essencial para estimular os estudantes a compartilharem suas compreensões sobre o tema estudado, promovendo, assim, uma aprendizagem crítica. Ao analisarmos as falas dos estudantes, percebe-se que foi possível, por meio dessa abordagem, estabelecer uma conexão direta com o universo que os cerca, pois muitos estudantes são filhos, sobrinhos e netos de mulheres que bordam.

Assim, a sequência didática utilizada durante o estudo mostrou-se eficaz ao proporcionar uma aprendizagem crítica por meio de reflexões sobre o papel de mulheres que bordam e sua relevância para a história local, pois proporcionou aos educandos/os uma reflexão sobre a invisibilidade da mulher bordadeira na história local.

Frisa-se que essa perspectiva de abordagem didática pode ser explorada não apenas com mulheres bordadeiras, mas também com outros sujeitos e grupos sociais, desde que adaptada à realidade sociocultural dos estudantes. Essa flexibilidade permite que o conteúdo seja ajustado conforme necessário para melhor atender às necessidades e interesses dos educandos.

Apesar das limitações, acredita-se que a pesquisa proposta pode contribuir para a elaboração de ações pedagógicas que apoiem a aplicação do uso das biografias na prática do ensino de História. Nesse sentido, entendemos que o estudo pode nortear outros trabalhos que se assentem no uso de biografias e minibiografias

no ensino de História, visto que outras questões podem ser levantadas possibilitando estudos futuros.

Por fim, é necessário compreender que os bordados fazem parte do cotidiano dos estudantes e docentes patoenses, sendo necessário a promoção de uma formação crítica que vislumbre a visibilidade das mulheres que bordam e constituem o processo histórico e social de formação da cidade de São João dos Patos.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006
- AMADO, Janaina. FERREIRA, Marieta de Moraes. **Uso & Abuso da história Oral**. 6ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- ANTONI, Edson; PAIM, Elison Antonio; ARAUJO, Helena Maria Marques. Insurgências no Ensino de História: narrativas e saberes decoloniais. In: CESCO, Susana; MAGALHÃES, Aline Montenegro; AGUIAR, Leila Bianchi; ALVES JR, Alexandre G. da Cruz. **Ensino de História: reflexões e práticas decoloniais**. Porto Alegre: Letra 1, 2021, p. 23-38.
- ARILHA, Margareth. **Nações Unidas, populações e gênero: homens em perspectiva**. Jundiaí: Editora IN House, 2010.
- AVELAR, Alexandre de Sá. Escrita da História, Escrita Biográfica: das possibilidades de Sentido. IN: AVELAR, Alexandre de Sá e SCHMIDT, Benito Bisso. **Grafia da Vida: Reflexões e experiências com a escrita biográfica**. – São Paulo: Letra e Voz, 2012. P. 63 – 80.
- AZEVEDO, Cecília. Identidades Compartilhadas a identidade nacional em questão. IN: ABREU, Martha. SOIHET, Rachel. **Ensino de História: Conceito, temáticas e metodologias**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009. P.38-54.
- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista brasileira de ciência política**, p. 89-117, 2013.
- BARROS, José D'Assunção. História local e história regional – a historiografia do pequeno espaço. **Revista Tamoios**, [S.l.], v. 18, n. 2, jul. 2022.
- BITTENCOURT, Cicer Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão Biográfica. IN: AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Uso & abuso da história Oral**. 6 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p. 181- 191.
- BRASIL, CAPES. **Grupo de trabalho Produção Técnica**. Brasília, 2019b.
- BRODBEK, Marta de Sousa Lima. **Vivenciando a História: Metodologia de Ensino de História**. Curitiba: Base Editorial, 2012
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças Culturais, Cotidiano Escolar e Práticas Pedagógicas. **Currículo sem fronteiras**, V11, n.2, pp240-255, Jul/Des 2011.

CORRÊA, Anderson Romário Pereira. História Local e Micro-História: encontros e desencontros. **Revista Do Instituto Histórico E Geográfico Do Rio Grande Do Sul. n. 146.** (2012). Publicado em 2015-08-03.

DA SILVA, Luísa Saraiva Leão Leite. **Do bordado tradicional ao contemporâneo: processos de ressignificação.** 2021. Dissertação de Mestrado. Universidade da Beira Interior (Portugal).

DE OLIVEIRA, Maria Marly. **Sequência didática interativa no processo de formação de professores.** Editora Vozes Limitada, 2013.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. **Dicio.** Disponível em: <https://www.dicio.com.br/tecendo>. Acesso em: 27 de julho de 2023.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: Escrever uma Vida.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 79ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREITAS, Rony. Produtos educacionais na área de ensino da CAPES: o que há além da forma? **Educação Profissional e Tecnológica em Revista.** Brasília, v. 5, n. 2, p. 1-16. 2021.

GALVÃO, Jerônimo Adelino Pereira Cisneiros. **Biografia na sala de aula: a construção de saberes históricos a partir do trabalho com histórias de vida.** 2019 Dissertação (Mestrado em Ensino de História) Universidade Federal De Pernambuco, Programa de Pós – Graduação Profissional em Ensino de História, Recife – PE, 2019.

HOOKS, Bell. **Ensinado Transgredir: a educação como prática da liberdade.** 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. **Cidade São João dos Patos - MA.** Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/sao-joao-dos-patos/panorama>. Acesso em: 01 de agosto de 2023.

INSTITUTO DE CORRESPONDÊNCIA EDUCACIONAL DO BRASIL. ICE. **Escola da Escolha.** Disponível em: <https://icebrasil.org.br/escola-da-escolha/>. Acesso em: 10 de agosto de 2023, às 11:02.

LEVI, Giovanni. Usos da Biografia. IN: AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Uso & abuso da história Oral.** 6 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p. 167- 182.

LIMA, Normandia de Oliveira. **Realidade Ambiental, social e cultural e econômico município de São João dos Patos – MA.** São Luís: Universidade Federal do Maranhão - UFMA, 2004.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática es estilos de pesquisa na história oral. IN: AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Uso & abuso da história Oral**. 6- ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p.15-25

LUGONES, Maria. Colonialidade e Gênero. In: VAREJÃO, Adriana et al. **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2020.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista estudos feministas**, Florianópolis, Setembro-dezembro 2014.

MATOS, Maria Izilda. BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado feminino. In: PINSKY, Carla Bassanezi. PEDRO, Joana Maria. **Nova História das Mulheres**. – São Paulo: Contexto, 2013, p.126 – 147.

MENDES, Denise. A História estudada a partir da mulher. IN: CATELLI JUNIOR, Roberto. **Temas e Linguagens da História: ferramenta para sala de aula no ensino médio**. São Paulo: Scipione, 2009.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Trad. Marco Oliveira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 32, nº 94, jun, 2017, p. 01-17.

_____. Desobediência epistêmica: opção descolonial e o significado de identidade em política. **Caderno de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, Língua e identidade**, n.34, 2008, p.287-324.

MIGNOLO, Walter D. Desafios Decoloniais Hoje. **Epistemologias do Sul**, vol 1, n.1, 2017, p. 12-32.

MIRANDA, Claudia., ARAUJO, Helena Maria Marques. **Memória contra - hegemônicas e educação para as relações étnicos – raciais: Práticas decoloniais em contextos periféricos**. Perspectiva, Florianópolis, v.37, n.2, p.378 - 397, abr./ jun.2019.

MOREIRA, Viviane da Silva. **Ensinar Mulheres Na História: Aborgagens Biográficas**. 2018. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós – Graduação Profissional em Ensino de História, Florianópolis – SC, 2018.

MOTA NETO, João Colares da. **Paulo Freire e Orlando Fals Borda na Genealogia da Pedagogias Decolonial Latino – Americana**. In: ABREU, Waldir Ferreira e OLIVEIRA, Damião Bezerra. **Pedagogias Decoloniais, decolonialidade e práticas formativas na Amazônia**. – Curitiba: CRV, 2021.

MYRTE BALDO, Bruna. **Mulheres de Mato Grosso: A utilização de Biografias femininas no Ensino de História**. 2021. Dissertação (Mestrado em Ensino de

História) Universidade Federal de Mato Grosso, Programa de Pós - Graduação Profissional em Ensino de História – Cuiabá – MT, 2021.

NADAI, Elza. O ensino de História no Brasil: Trajetória e perspectivas. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 13, n. 25/26, p. 143-162, set. 92/ago.93.

NEVES, Joana. **História Local e Construção da identidade Social**. Saculum. Jan/Dez/1997, p13-27

OLIVEIRA, Ivanilde Apolceno de. **Paulo Freire: Gênese da educação Intercultural no Brasil**. Curitiba, PR: CRV,2015.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Pedagogia Decolonial e Educação Antirracista e Intercultural no Brasil**. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 01

PAIM, Elison Antonio, ARAÚJO, Helena Maria Marques. **Diálogos possíveis entre produzir, ensinar e aprender histórias decoloniais**. In: Ensino de História e suas práticas de pesquisa. 2. ed. [e-book]. /Organizadores: Juliana Alves de Andrade e Nilton Mullet Pereira –São Leopoldo: Oikos, 2021. p. 31-44.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 2.ed.– São Paulo: Contexto,2013.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social. Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, Vol. 5, n. 10, 1992, p.200 – 212.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

Prefeitura Municipal de São João dos Patos. **São João dos Patos mostra suas belezas reais traduzidas nas artes e no labor**. São Luís: SIOGE, 1992.

PRIORE, Mary Del. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. **Topoi**, V10, n.19, jul-dez 2009, p.7 – 16.

PRIORE, Mary Del. História das mulheres: as vozes do silêncio. IN: FREITAS, Marcos Cezar. **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. 7.ed.– São Paulo: Contexto, 2014. p. 217-235.

QUIJANO. Aníbal. Colonialidade, poder, globalização e democracia. **Novos Rumos**, ano 17, n 37, 2002.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (ed.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: Clacso, 2005. pp. 117-142.

QUIJANO, Anibal. Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina. **Estudos Avançados** dossiê América Latina, 19, n.55, 2005 (b), p.9-31.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009, p. 73-118.

RAGO, Margareth. Autobiografia, Gênero e Escrita de Si: Nos Bastidores da Pesquisa. IN: AVELAR, Alexandre de Sá e SCHMIDT, Benito Bisso. **O que pode a biografia**. São Paulo (SP): Letra e Voz, 2018.p. 205 – 222.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: UNICAMP, 2007.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. **História oral na sala de aula**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. E-book.

SANTOS NETO, Antonio Fonseca dos. **Memória das Passagens: (da Franca, dos Aranins, da Manga, do TUY, dos Picos, da Madre Deus, Dos Patos, da Queimadas, do Tremenda e dos Pastos Bons)**. – Teresina: EDUFPI/ Academia de Letras, História e Ecologia de Pastos Bons, 2006).

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos estudos CEBRAP**, p. 71-94, 2007.

SCHMIDT, Maria. CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2009.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. HISTÓRIA DO ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL: UMA PROPOSTA DE PERIODIZAÇÃO. **Revista História da Educação – RHE**. Porto Alegre. v.16, n.37, Maio/ago.2012. p. 73-91.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Biografia como gênero e problema. História social: **Revista Pós-graduandos em História da UNICAP**. Nº24; p. 51 - 63 jan/jul.2013.

SEGADILHA, Daniele B.; NASCIMENTO, Sandra Maria S. **MEMÓRIAS FEITAS À MÃO: MULHERES QUE BORDAM EM SÃO JOÃO DOS PATOS-MARANHÃO**. Encontro da Associação Brasileira de História Oral, v. 12. 2014.

SEGADILHA, Daniele Bastos. **Lembranças feitas à mão: mulheres que bordam em São João dos Patos – MA**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, 2014.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **A Virada testemunhal e decolonial do saber histórico**. Campinas: Ed Unicamp, 2021.

SILVA, Kalina Vanderlei. Biografias. IN: PINSKY, Carla Bassanezi. **Novos temas nas aulas de história**. 2ª Reimpresão. São Paulo: Contexto, 2010.

SOIHET, Rachel. Mulheres e biografia: Significados para a História. **Locus: Revista de História**, v. 9, n. 1, 2003.

SOUZA, Andreia Costa. **Ensino de história e mulher negra: um olhar interseccional sobre as percepções de estudantes em conceição do Araguaia-PA.**2020. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós - Graduação Profissional em Ensino de História – Araguaína – TO, 2020.

SOUZA, Priscila Cabral de. **Memórias e narrativas de mulheres de Balsas – MA: estratégias para o ensino de história.** 2021. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós - Graduação Profissional em Ensino de História – Araguaína - TO, 2021.

SOUZA, Shirley Cláudia da Silva, RIBEIRO, Emilson Rosa. História Regional e Local: O que dizem os Professores e os estudantes. **CLIO: Revista de Pesquisa Histórica – CLIO** (Recife. Online), ISSN: 2525-5649, vol.39, Jul-Dez, 2021. p.186 – 2013.

TEIXEIRA, Juliana. **Trabalho doméstico.** São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado.** São Paulo: Paz e Terra, 1

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar.** Porto Alegre: ArtMed, 1998

Documentos

BRASIL. MEC. **Base Nacional Comum Curricular.** Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2017.

MARANHÃO. Assembleia Legislativa. **Projeto de Lei Ordinária nº 421, de 2019.** Concede ao Município de São João dos Patos - MA o título de Capital Estadual dos Bordados. Promulgada pela Lei nº 11.218/20. Diário Oficial do Estado do Maranhão nº 046 de 10 de Março de 2020.

_____. Diário Oficial. Anno XXVI. **Decreto. Nº132. De 12 de Junho de 1931.** Restabelece os municípios de São Pedro, Currealinhos e São João dos Patos. Diário Oficial do Estado do Maranhão, nº121 de 13 de Junho de 1931.

_____. Diário Oficial. **Decreto. Nº30.618. De 20 de Janeiro de 2015.** Dispõem-se sobre logradouros e prédios públicos sob o domínio ou gestão estadual, e dá outras providências. Diário Oficial do Estado do Maranhão, nº001 de 02 de Janeiro de 2015.

_____. Diário Oficial. **Decreto. Nº31.469. De 04 de Janeiro de 2016.** Altera o nome da rede pública estadual de ensino. Diário Oficial do Estado do Maranhão, nº034 de 23 de Fevereiro de 2016.

_____. Secretaria de Estado do Planejamento e Orçamento. **Regiões de Planejamento do Estado do Maranhão.** São Luís: SEPLAN, 2008.

MUNIZ, Luis Walter. [Correspondência]. Destinatário: Diretoria da Casa do Bordado. [S. L], 2004. 1 ofício.

Fontes Primarias

Entrevistada: Antônia de Sá Correia

Local: São João dos Patos - MA

Entrevistadora: Tainah Myrene de Lima Oliveira

Data: 10/09/2022 às 16:00 horas

CORREIA, Antônia de Sá. Roteiro de entrevista, [Entrevista cedida] Tainah Myrene de Lima Oliveira. **Ensino de História entre agulhas e linhas: As narrativas de mulheres bordadeiras de São João dos Patos – MA (2022-2024)**, São João dos Patos – MA, 10 de set. 2022.

Entrevistada: Maria Cristina Silva de Araújo

Local: São João dos Patos - MA

Entrevistadora: Tainah Myrene de Lima Oliveira

Data: 13/09/2022 às 18:00 horas

ARAÚJO, Maria Cristina Silva de. Roteiro de entrevista, [Entrevista cedida] Tainah Myrene de Lima Oliveira. **Ensino de História entre agulhas e linhas: As narrativas de mulheres bordadeiras de São João dos Patos – MA (2022-2024)**, São João dos Patos – MA, 13 de ago.2022.

Entrevistada: Rita Carvalho Pereira

Local: São João dos Patos - MA

Entrevistadora: Tainah Myrene de Lima Oliveira

Data: 16/09/2022 às 16:00 horas

PEREIRA, Rita Carvalho. Roteiro de entrevista, [Entrevista cedida] Tainah Myrene de Lima Oliveira. **Ensino de História entre agulhas e linhas: As narrativas de mulheres bordadeiras de São João dos Patos – MA (2022-2024)**, São João dos Patos – MA, 16 de set.2022.

Entrevistada: Maria Amélia Evangelista de Sousa

Local: São João dos Patos - MA

Entrevistadora: Tainah Myrene de Lima Oliveira

Data: 13/10/2022 às 9:00 horas

SOUZA, Maria Amélia Evangelista de. Roteiro de entrevista, [Entrevista cedida] Tainah Myrene de Lima Oliveira. **Ensino de História entre agulhas e linhas: As narrativas de mulheres bordadeiras de São João dos Patos – MA (2022-2024)**, São João dos Patos – MA, 13 de out. 2022.

Entrevistada: Ceres Maria Galvão Brito

Local: São João dos Patos - MA

Entrevistadora: Tainah Myrene de Lima Oliveira

Data :13/10/2022 às 16:00 horas

BRITO, Ceres Maria Galvão. Roteiro de entrevista, [Entrevista cedida] Tainah Myrene de Lima Oliveira. **Ensino de História entre agulhas e linhas: As narrativas de mulheres bordadeiras de São João dos Patos – MA (2022-2024)**, São João dos Patos – MA, 13 de out.2022.

Entrevistada: Raimundo Nonato Alves de Carvalho

Local: São João dos Patos - MA

Entrevistadora: Tainah Myrene de Lima Oliveira

Data: 03/08/2023 às 16:00 horas

CARVALHO, Raimundo Nonato Alves de. Roteiro de entrevista, [Entrevista cedida] Tainah Myrene de Lima Oliveira. **Ensino de História entre agulhas e linhas: As narrativas de mulheres bordadeiras de São João dos Patos – MA (2022-2024)**, São João dos Patos – MA, 03 de ago.2023.

Entrevistada: Sílvia Lyra da Rocha Santos

Local: São João dos Patos - MA

Entrevistadora: Tainah Myrene de Lima Oliveira

Data: 02/09/2023 às 9:00 horas

SANTOS, Sílvia Lyra da Rocha. Roteiro de entrevista, [Entrevista cedida] Tainah Myrene de Lima Oliveira. **Ensino de História entre agulhas e linhas: As narrativas de mulheres bordadeiras de São João dos Patos – MA (2022-2024)**, São João dos Patos – MA, 02 de set.2023.

APÊNDICE

Ensino de História entre agulhas e linhas:
As narrativas de mulheres bordadeiras de
São João dos Patos-MA



Mestranda: Tainah Myrene de Lima Oliveira
Orientadora: Vera Lúcia Caixeta

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	3
SEQUÊNCIA DIDÁTICA COMO PROPOSTA DE ENSINO	4
ORIENTAÇÕES INICIAIS	7
MÓDULO I - SÃO JOÃO DOS PATOS E A MULHER BORDADEIRA	7
Planejamento.....	7
Desenvolvimento.....	8
Para Refletir.....	8
Texto De Apoio: São João Dos Patos e a Tradição dos Bordados.....	9
Avaliação.....	15
MÓDULO II – FUNDAMENTOS PARA CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DAS MULHERES BORDADEIRAS: FONTES HISTÓRICAS	16
Planejamento.....	16
Desenvolvimento.....	17
Texto de Apoio: Fonte Histórica/Documento Histórico.....	17
Avaliação.....	19
MÓDULO III: CONSTRUÇÃO DAS BIOGRAFIAS DAS MULHERES BORDADEIRAS DA ASSOCIAÇÃO CASA DOS BORDADOS FIOS E FORMAS	20
Planejamento.....	21
Desenvolvimento.....	21
Avaliação.....	22
MÓDULO IV: VISITA DE CAMPO A ASSOCIAÇÃO CASA DOS BORDADOS FIOS & FORMAS	25
Planejamento.....	25
Desenvolvimento.....	26
Texto De Apoio: Casa Dos Bordados Como Tudo Começou.....	27
Avaliação.....	33
MÓDULO V: OFICINAS DE BORDADOS	33
Planejamento.....	33
Desenvolvimento.....	34
Avaliação.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	39

APRESENTAÇÃO

Prezados professores e professoras,

Apresentamos a vocês um roteiro de orientações didáticas sobre como abordar a história local a partir das narrativas de vida das mulheres bordadeiras da cidade de São João dos Patos- MA. Este trabalho, é o resultado de uma pesquisa realizada no período de 2022 a 2024, e representa a parte propositiva da dissertação realizada no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA) da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) – Campus Araguaína - TO. O título da dissertação é "ENSINO DE HISTÓRIA ENTRE AGULHAS E LINHAS: AS NARRATIVAS DE MULHERES BORDADEIRAS DE SÃO JOÃO DOS PATOS – MA (2022-2024)".

Neste material, você encontrará uma proposta de sequência didática que auxiliará na construção de um ensino de história voltado para a interculturalidade crítica, baseada na dialogicidade freiriana e nas biografias de vida das mulheres bordadeiras. Isso poderá auxiliá-los no processo de desenvolvimento de um ensino e aprendizagem com base no reconhecimento das histórias e saberes das mulheres que bordam.

Além disso, o material inclui sugestões de textos complementares, vídeos e músicas que podem ser utilizados para promover uma aprendizagem crítica. Dessa forma, você professor ou professora, poderá promover reflexões junto com os estudantes sobre a história da cidade e das mulheres bordadeiras.

Desejamos uma boa leitura e um bom trabalho.



SEQUÊNCIA DIDÁTICA COMO PROPOSTA DE ENSINO

Desenvolver práticas de ensino que envolvam e inspirem os estudantes é um desafio constante para nós, educadores. Essas práticas não apenas transformam o processo de ensino e aprendizagem, mas também o tornam significativo tanto para quem ensina quanto para quem aprende. Nesse contexto desafiador, encontramos na sequência didática uma possibilidade de promover uma educação libertadora, capaz de proporcionar aos educandos uma aprendizagem prazerosa.

Pensando nessa perspectiva de ensino e aprendizagem, este material tem como fundamento metodológico de ensino a sequência didática, visando, com isso, o desenvolvimento de novas competências e habilidades. Sobre sequência didática, Antoni Zabala (1998) define-a como uma ação planejada, voltada para conteúdos didáticos específicos, tendo como proposta uma série de atividades coordenadas pelo professor, visando com isso, alcançar objetivos específicos que possam atender às necessidades tanto da turma quanto aos interesses pessoais dos educandos. Sendo assim, a sequência didática, quando bem planejada, é capaz de proporcionar um aprendizado crítico ao dialogar com temas contemporâneos inerentes, ao universo dos educandos.

Dessa maneira, ao ser cuidadosamente elaborada, a sequência didática se apresenta como uma ferramenta eficaz para estimular o desenvolvimento crítico. Ela não apenas atende às demandas da turma, mas também reconhece as particularidades e necessidades individuais educacionais dos estudantes. Neste contexto, o papel do educador torna-se essencial tanto na elaboração quanto na execução da sequência didática haja vista, que estes reconhecem as necessidades de aprendizagem do educando.

Corroborando com o pensamento de Zabala (1998) e Maria Oliveira (2013), as quais definem a sequência didática como conjunto de atividades interligadas umas com as outras, e planejadas para serem desenvolvidas em módulos sequenciais¹ a serem trabalhados, associadas com os conteúdos didáticos, visando sobretudo fortalecer o aprendizado. Contudo, a autora passa a definir uma estrutura organizacional de elaboração de uma sequência didática, no qual define os seguintes passos básicos:



Escolha do tema a ser trabalhado;
Questionamentos para problematização do assunto a ser trabalhado;
Planejamento dos conteúdos;
Objetivos a serem atingidos no processo ensino-aprendizagem;
Delimitação da sequência de atividades, levando-se em consideração a formação de grupos, material didático, cronograma, integração entre cada atividade e etapas, e avaliação dos resultados (OLIVEIRA, 2013, p. 40).

Diante da estruturação organizacional da sequência didática, passamos a reconhecer nessa organização o potencial educacional dessa prática de ensino, que quando bem planejado, poderá nos levar a temas correlatos que poderão promover uma ação interdisciplinar com diversas áreas de conhecimento. Além disso, propor esse tipo de ação didática fortalecerá as relações entre professor e educando por meio da dialogicidade freiriana, que conduzirá todo o processo de ensino e aprendizagem através da troca de conhecimentos.

Dessa maneira, a sequência didática “Ensino de História entre Agulhas e Linhas: As Narrativas de Mulheres Bordadeiras de São João dos Patos – MA, está organizada em 5 módulos sequenciais que serão desenvolvidos ao longo de 14 aulas. O processo de descrição dos módulos serão apresentados em etapas de desenvolvimento, cujos objetivos centrais são:

- Conhecer a história local, destacando o papel da mulher bordadeira para a economia cidade.
- Identificar e analisar os tipos de fontes históricas.
- Estimular os discentes a produzir minibiografias de vida das mulheres bordadeiras, a partir das entrevistas de história de vida.
- Realizar visita de campo a Associação Casa dos Bordados Fios e Formas.
- Elaborar oficinas de bordados, visando o reconhecimento dos saberes das mulheres bordadeiras, como também as experiências e trocas de saberes entre os estudantes acerca do universo dos bordados.

Para o desenvolvimento dos conteúdos a serem abordados nos módulos, utilizar-se-á textos complementares e recursos tecnológicos audiovisuais. Esses recursos ajudarão no processo de codificação e decodificação das informações apresentadas, dinamizando assim, o processo de ensino e aprendizagem.



No que diz respeito ao processo de avaliação, este será contínuo e envolverá a avaliação das participações e interações com os educandos, além das entregas e resoluções de atividades escritas. Instigamos os educadores a explorarem e adaptarem esses métodos avaliativos, reconhecendo que cada turma é única, e as experiências variam. Esta abordagem flexível proporcionará uma avaliação autêntica, alinhada aos objetivos específicos de aprendizagem da sequência didática “Ensino de História entre Agulhas e Linhas: As Narrativas de Mulheres Bordadeiras de São João dos Patos – MA”. Estamos confiantes de que, ao aplicar essa proposta,



ORIENTAÇÕES INICIAIS

Olá, professores e professoras! Estamos prestes a iniciar o desenvolvimento da sequência didática. Antes de aplicá-la, faz-se necessário explicar aos educandos o que é uma sequência didática. Para isso, você pode iniciar sua abordagem perguntando à turma: o que é uma sequência didática? Propor este questionamento é necessário, pois a turma é diversa e talvez alguns alunos nunca tenham ouvido falar em sequência didática.

MÓDULO I - SÃO JOÃO DOS PATOS E A MULHER BORDADEIRA

Planejamento

Duração da aula: 2 aulas

Objetivos:

- Problematizar a invisibilidade das mulheres na história, sobretudo das mulheres bordadeiras Patoenses.
- Destacar a contribuição das Mulheres Bordadeiras de São João dos Patos – MA, para a economia local.

Recursos necessários:

- Celular;
- Data Show;
- Caixa de som;
- Texto complementar.

Competências específicas da área de ciências humanas e sociais aplicadas:

Competência 1: Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir de procedimentos epistemológicos e científicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente com relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.

Competência 4: Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades.

Habilidade em ciências humanas e sociais aplicadas:

EM13CHS103: Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de natureza qualitativa e quantitativa (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos, gráficos, mapas, tabelas etc.).

EM13CHS104: Analisar objetos de cultura material e imaterial como suporte de conhecimentos, valores, crenças e práticas que singularizam diferentes sociedades inseridas em tempo e espaço.



EM13CHS402: Analisar e comparar indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços, escalas e tempos, associando-os a processo de estratificação e desigualdades socioeconômicas.

EM13CHS403: Caracterizar e analisar processos próprios da contemporaneidade, com ênfase nas transformações tecnológicas e das relações sociais e de trabalho, para propor ações que visem à superação de situações de opressão e violação dos Direitos Humanos.

EM13CHS502: Analisar situações da vida cotidiana (estilos de vida, valores, condutas etc.), desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade e preconceito, e propor ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às escolhas individuais.

Desenvolvimento

Para o desenvolvimento da proposta didática, utilizamos a música “Pra todas as Mulheres” como introdução ao conteúdo desta aula, sendo exposto apenas o primeiro 1 minuto da canção. Recomenda-se que os educandos tenham a letra da canção em mãos durante a apreciação musical, a fim de possibilitar uma compreensão mais aprofundada do que a letra da canção aborda.

Para refletir

Pra todas as mulheres

Canção de Mariana Nolasco

Letra

Abafaram nossa voz

Mas esqueceram de que não estamos sós

Abafaram nossa voz

Mas esqueceram de que não estamos sós

Essa vai pra todas as mulheres

Marianas, índias, brancas, negras, pardas, indianas

Essa vai pra você que sentiu aí no peito

O quanto é essencial ter, no mínimo, respeito

Essa dor é secular e em algum momento há de curar

Diga sim para o fim de uma era irracional, patriarcal [...]

Disponível em: <https://youtu.be/sURA8RSUELg?si=tV-HnrqytpTVi-qO>

QUESTIONAMENTOS PARA REFLETIR E RESPONDER!

1º) Você considera que as mulheres foram invisibilizadas e silenciadas na história?

Explique seu ponto de vista.

2º) E a mulher bordadeira Patoense está na narrativa da História local?



Em seguida, tem-se como proposição de atividade introdutória o tópico “Questionamentos para refletir e responder”, questões que terão como foco de reflexão a temática feminina abordada na canção. Para maior dinamicidade e interatividade, recursos educativos digitais poderão ser utilizados, como sugestão o Mentimeter, mediante disponibilidade de internet e celulares. Caso contrário, na mesma folha em que foi impressa a canção, poderá ser editada as perguntas a serem respondidas.

Tal ação visa introduzir o conteúdo por meio da dialogicidade, tendo como finalidade conhecer o posicionamento e a criticidade dos educandos sobre a presença da mulher na história e a sua invisibilidade. As respostas obtidas deverão ser socializadas entre os colegas, a fim de conhecer o posicionamento dos estudantes.

Após as reflexões levantadas entorno da canção apreciada, problematize a seguinte questão: A mulher Bordadeira Patoense faz parte da história local? Quem são essas mulheres bordadeiras? E qual a sua importância para cidade? O levantamento dessa problematização irá direcionar a temática da aula, para história local; pois é a partir dessas reflexões que será introduzido o conteúdo SÃO JOÃO DOS PATOS E A MULHER BORDADEIRA.

Para a introdução do conteúdo faz se necessário conhecer a história local e a sua relação com o universo dos bordados. Para isso sugerimos o aprofundamento deste conhecimento a partir da leitura do texto em destaque intitulado “São João dos Patos e a Tradição dos Bordados”, este que deverá ser explanado para os estudantes, através de uma aula expositiva e dialogada. Para dinamização da aula sugerimos a esquematização do conteúdo do texto em slides, bem como a cópia do texto principal para os educandos, a fim que estes possam acompanhar a aula.

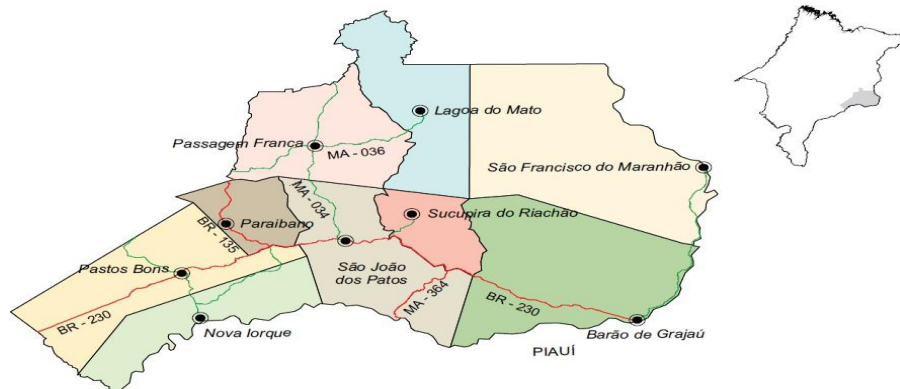
Texto de Apoio: São João dos Patos e a tradição dos bordados

São João dos Patos – MA, está localizada na mesorregião leste do estado do Maranhão. A cidade é cortada pela BR-230 e integra a Mesorregião das Chapadas do Alto Itapeuru. Uma das principais vias hídricas de São João dos Patos é o rio Parnaíba, que, mesmo estando a 35 km de distância, é considerado uma das principais portas de entrada dos desbravadores do estado. Atualmente, o rio é utilizado pelos moradores locais como área de lazer e socialização (SEGADILHA, 2014, p.73 -74).



O município de São João dos Patos tem uma área de 1.483,255 km², conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023). Limita-se ao norte com a cidade de Passagem Franca, ao oeste com Paraibano, Pastos Bons e Nova Iorque do Maranhão, e ao sul com Sucupira do Riachão e Barão de Grajaú (LIMA, 2004, p. 31).

Figura 1 - Região de Planejamento do Sertão Maranhense



Fonte: Maranhão, 2008.

A história do município remonta ao início do século XIX, quando lavradores e criadores de gado, oriundos do município de Passagem Franca atraídos pelas terras férteis propícias para a agricultura, estabeleceram-se nas imediações das lagoas dos Patos e de São João. Essa referência, influenciou diretamente a nomeação do município. A princípio, foi denominado "Lagoas", anos depois, em virtude da devoção da população local a São João Batista, passou a ser chamado de São João dos Patos (Prefeitura Municipal de São João dos Patos, 1992).

O processo emancipatório da cidade ocorreu de forma gradativa. A princípio, a localidade foi reconhecida como distrito, no ano de 1892. Somente anos depois, em 12 de junho de 1931, recebeu o título de cidade. A atribuição desse título a São João dos Patos deve-se a diversos fatores sociais, dentre eles o crescimento populacional e econômico. Segundo o Diário Oficial do Estado do Maranhão:

Considerando que aqueles três municípios supridos demonstrarem exuberantes, em requerimento endereçado ao Governo, possuírem, além de amplos territórios e vida relativamente intensa rendas elevadas, por isso que todos eles as têm até superiores às dos municípios que foram anexados. Decreta:



Art1º- são restabelecidos os antigos municípios de São Pedro, Curralinhos e São João dos Patos, supridos pelo decreto n. 75 de 22 de abril último, e anexados, respectivamente, aos de Monção, Brurity e Barrão de Grajaú.

Art2º: Revogavam se as disposições

Em contrário Palácio do Governo do Estado do Maranhão, em São Luiz, 12 de junho de 1931. (MARANHÃO. Diário Oficial. 13 de jun. 1931).

Os aspectos econômicos desempenharam um papel fundamental no processo emancipatório da cidade, dada a sua notável performance econômica em comparação com o município de Barão de Grajaú, ao qual estava anexada. No entanto, um ponto intrigante nesse processo é a lacuna interpretativa temporal presente no documento. Este indica que São João dos Patos já havia sido reconhecida como cidade, mas perdeu tal status, recuperando-o somente em 12 de junho de 1931. As razões para essas alterações são desconhecidas. Porém, a partir desse documento, pode-se inferir hipoteticamente que, em algum momento, o governo do estado do Maranhão pode não ter considerado significativa a renda local. O processo de reconhecimento do município só foi oficializado em 02 de março de 1938. Nesta data, o Governo Federal, por meio da Lei nº 311, legalizou as novas demarcações do estado do Maranhão. Conforme Normandia Lima:

Com o crescimento populacional, e com uma boa estrutura funcional, houve a necessidade de elevar a vila à categoria de cidade, fato que ocorreu segundo Cardoso (2001), pelo Decreto de Lei nº 311 de 02 de março de 1938 do Governo Federal, (MARANHÃO, 1938a), confirmada pelo Decreto Lei nº 45 de Março de 1938, do governo Estadual que dá execução ao Decreto Lei Nacional (MARANHÃO, 1938b) e reafirmada pelo Decreto Lei nº 159, de 16 de dezembro de 1938 que fixou a divisão territorial do Estado (MARANHÃO, 1938c) (LIMA, 2004, p. 49-50).

Os aspectos econômicos são, sem dúvida, um dos elementos determinantes para o processo emancipatório. Sobre a rentabilidade da economia local no início do século XX, Antônio Santos Neto destaca que:

Nessas povoações rurais moravam e trabalhavam em 1950, cerca de 85% da população municipal, isto indica que a principal atividade econômica, da época local, era a produção do setor primário que apresenta (1955) o seguinte quadro: a) Algodão (em caroço 11900 arrobas = Cr \$ 1,07 mi, e em pluma, 970 600kg = Cr\$ 10,64mi); b) arroz (pilado = Cr\$ 4.59 mi, e em casca 161005/ 60km = Cr\$ 2,89). Dados de 1956 indicam que um terceiro produto se destacou, o babaçu, que alcançou uma renda de Cr\$1,53 mi, ao passo que a pecuária apresentava um rebanho de cerca de 13950 bovinos,7680 suínos e 6000 caprinos” (SANTOS NETO, 2002, p. 133).



Sustentada pela agricultura e pecuária, atividades que permanecem como pilares da economia local até os dias atuais, coexistindo com outros segmentos, como o comércio e o artesanato, em especial, o bordado. Conforme o IBGE no Censo Agropecuário de 2017, a produção agropecuária mais expressiva para a economia local baseia-se na produção de grãos como milho, feijão e arroz. Em relação à pecuária, o censo de 2021 indica que se concentra na criação de gado, caprinos, galináceos e suínos (IBGE, 2017,2021)

Quanto ao setor comercial, o IBGE, no levantamento do Cadastro Central de Empresas de 2021, identificou 453 unidades empregatícias na cidade. Essas englobam segmentos variados, como agricultura, pecuária, serviço público e diversas atividades comerciais. Entre elas, incluem-se setores relacionados à arte, cultura e esporte. Dentro dessa nomenclatura do IBGE, enquadra-se a produção de bordados associada a entidades organizadas. No entanto, é importante ressaltar que não há um levantamento detalhado do IBGE sobre o número total de associações de bordados na cidade, nem sobre o valor efetivo das vendas dessa produção.

Contudo, no Censo de Amostragem de Trabalho de 2010, o IBGE categorizou uma classe de "trabalhadores, operários e artes da construção, das artes mecânicas e outros ofícios". Dessa classificação, 924 são do sexo masculino e 1.137 do sexo feminino. Entretanto, a descrição precisa das atividades desempenhadas por esses gêneros no segmento de trabalho é vaga e podem estar relacionadas à carpintaria, cerâmica ou bordado, por exemplo.

Refletir sobre esses dados é fundamental, especialmente considerando que a cidade foi reconhecida como a "capital maranhense dos bordados" por meio da Lei Estadual Nº 11.218, de 10 de março de 2020. Esse título foi conferido devido à significativa contribuição econômica do bordado ao município, em especial para as famílias em situação de vulnerabilidade, que veem nessa atividade uma fonte vital de renda e subsistência.

Quanto à origem da prática do bordado na cidade, não se tem uma definição precisa de quando e como começou. Entretanto, trabalhamos com duas hipóteses sobre o surgimento dessa tradição local. A primeira hipótese que apresento é defendida pela pesquisadora Daniela Segadilha (2014). Em sua pesquisa de mestrado intitulada "LEMBRANÇAS FEITAS A MÃO: mulheres que bordam em São João dos Patos – MA", ela resalta que não há uma data precisa para o surgimento da tradição dos bordados na cidade.



No entanto, a autora propõe como início dessa tradição a década de 1960, quando Dona Cocora teria iniciado essa prática, transmitindo-a a seus familiares e conhecidos. Contudo, Segadilha (2014) enfatiza que tais informações foram obtidas por meio de entrevistas orais com as bordadeiras mais antigas da cidade.

No entanto, ao confrontar esses dados com as narrativas das mulheres da Associação "Casa dos Bordados Fios e Formas", torna-se evidente que essa tradição na cidade remonta a um período mais antigo do que se supunha anteriormente. As senhoras entrevistadas da Associação, assim como Dona Cocora, vivenciaram a década de 1960, período em que adquiriram suas habilidades em bordado, tanto pela transmissão materna quanto pelo sistema educacional da época. Esse aspecto, fica evidente ao analisarmos o caderno de bordados da Sra. Maria de Lourdes Lopes, ex-proprietária de uma loja de armarinhos na cidade. Os registros de seus trabalhos escolares datam de 1946, mostrando que a educação feminina daquele tempo já incluía o ensino de bordado como parte do currículo em artes.

Figura 2- Album de trabalhos artesanais da Senhora Maria de Lourdes Lopes



Fonte: Arquivo privado de Sílvia Lyra da Rocha Santos

Todavia, Sílvia Lyra da Rocha Santos, uma das memorialistas da cidade e detentora de um arquivo privado sobre a história local, em uma entrevista ressaltou que o bordado pode ter sido introduzido no município de São João dos Patos – MA, no século XIX. Sobre isso, Sílvia Santos afirma que:

A tradição dos bordados iniciou-se por volta do século XIX quando a cidade possuía dentre seus habitantes o imigrante português João da Rocha Santos, que se estabeleceu na cidade no ano de 1880 e que ao visitarem seus familiares na Europa, traziam consigo álbuns e revistas com modelos de bordados e que eram rapidamente difundidos e copiados entre as moças bordadeiras da cidade. (SANTOS, Sílvia Lyra da Rocha. Entrevista concedida a Tainah Myrene de Lima Oliveira. São João dos Patos, 02 de set de 2023).



Portanto, pode-se conjectura, que a inserção gradativa dos bordados em São João dos Patos – MA, ocorreu durante o século XIX, através da presença de migrantes Portugueses na região. Essa conclusão é embasada na compreensão obtida a partir da fala da Senhora Silvia Rocha Santos, em paralelo com reflexões feitas a partir da dissertação de Luísa da Silva (2021), intitulada “Do bordado tradicional ao contemporâneo: processos de ressignificação”, que possibilitou a comparação entre os bordados produzidos na Ilha da Madeira e os bordados produzidos pelas mulheres Patoenses. Desta dissertação, identificou-se similaridades nos pontos de bordados, destacando pontos como crivo e bainha aberta, como elementos em comum, de origem portuguesa, reproduzidos com perfeição pelas mulheres Patoenses. Tal descoberta, reforça a ideia de que a tradição dos bordados Patoenses tenha sido introduzida pelos portugueses.

Figura 3 - Bordado Madeira x Bordado de Sao Joao dos Patos



Bordado Madeira Fonte:
<https://bordadomadeira.com/galeria-de-fotos/bordado-madeira-cama>



Bordado de São Joao dos Patos
 Fonte: autora da pesquisa, 2023.

Quanto às características dos bordados, percebe-se que são praticamente as mesmas. No entanto, as bordadeiras de São João dos Patos – MA, nomeiam esse tipo de trabalho de acordo com o meio de produção adotado por elas, ou seja, as máquinas de costura. Eles são chamados e reconhecidos pela população local como "bordados de máquina", que se distinguem pela diferença de pontos e efeitos que as máquinas de costura podem criar. Enquanto em Portugal esse tipo de bordado de acordo com Luísa da Silva (2021), recebem o nome Ilha da Madeira em alusão a localidade no qual é produzido.



Quanto ao conhecimento e à transmissão desses saberes, na cidade de São João dos Patos - MA, eles foram se consolidando ao longo dos anos, sendo transmitidos de geração em geração por meio da oralidade e da observação do traçado e do feitio do bordado. Conforme Daniela Segadilha (2014, p. 100), “Na cidade, os ensinamentos das técnicas de bordar ocorrem no ambiente familiar, e as bordadeiras costumam trabalhar por encomenda.”

Os motivos para a popularização da atividade econômica dos bordados em São João dos Patos de acordo com Segadilha (2014), estão associados à escassez de ofertas de trabalho. Levando muitas mulheres a adotar o bordado como fonte de renda e sustento para suas famílias, facilitando a conciliação entre trabalho e maternidade.

Assim, ao longo do tempo, o trabalho dedicado das bordadeiras revelou-se como um elemento fundamental na construção da identidade cultural local. De fato, essa prática artesanal não apenas perdurou, mas também prosperou, contribuindo assim com economia da cidade. Dessa forma, o trabalho minucioso e apaixonado das bordadeiras transcendeu o âmbito econômico, deixando uma marcante influência cultural sobre o município.

Avaliação

Após uma explicação oral e dialogada, será exibida uma reportagem produzida pelo programa de TV Repórter Mirante sobre a arte dos bordados Patoenses. O vídeo apresenta a Associação Casa dos Bordados Fios & Formas e suas artesãs, bem com as trajetórias de vida marcadas por histórias de superações em virtude da arte dos bordados. O vídeo em questão possui 24 minutos e 45 segundos, dos quais apenas os primeiros 8 minutos serão exibidos. Logo em seguida, será realizada uma atividade a fim de verificar o entendimento e a compreensão tanto do texto de apoio quanto do vídeo assistido.



Atividade

Assista à reportagem e, em seguida, responda às questões.



<https://www.youtube.com/watch?v=-ZFGhtloNer0>

- 1ª) Como ocorre a difusão da tradição dos bordados na cidade de São João dos Patos - MA?
- 2ª) Quais os principais motivos que levaram as mulheres Patoenses a trabalharem com os bordados?
- 3ª) Quais as principais dificuldades que as para da continuidade a tradição dos bordados?

MÓDULO II - FUNDAMENTOS PARA CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DAS MULHERES BORDADEIRAS: FONTES HISTÓRICAS

PLANEJAMENTO

Duração da aula: 2 aulas

Objetivos:

- Explorar o conceito de fonte histórica, aprimorando a capacidade dos alunos para identificar, analisar e interpretar diversas fontes históricas.

Recursos necessários:

- Data Show;
- Caixa de som,
- Texto complementar,
- Baú confeccionado de papelão e EVA,
- envelopes,
- Objetos variados que venham lembrar os mais variados tipos de fontes históricas.

Competências específicas da área de ciências humanas e sociais aplicadas:

Competência 1: Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir de procedimentos epistemológicos e científicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente com relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.



HABILIDADE EM CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS:

EM13CHS101: Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão e à crítica de ideias filosóficas e processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

EM13CHS104: Analisar objetos de cultura material e imaterial como suporte de conhecimentos, valores, crenças e práticas que singularizam diferentes sociedades inseridas em tempo e espaço.

Desenvolvimento:

Com a turma organizada em cinco equipes, passamos a dar continuidade à sequência didática. O prosseguimento das aulas será marcado por uma breve revisão da aula anterior, a fim de verificar os pontos apreendidos pelos estudantes. Feita essa breve recapitulação, a continuidade da aplicação da sequência se sucedera a partir de uma pergunta problematizadora em torno do ofício do historiador. A pergunta direcionada às cinco equipes foram: Como ocorre o processo de construção da narrativa histórica, e quais são as ferramentas utilizadas pelo historiador em seu trabalho?

Após essas reflexões, a aula avançará com a introdução do conceito de fontes históricas, embasando-se no posicionamento do historiador José D'Assunção Barros. A explicação do tema, será conduzida utilizando-se um computador e um data show para a projeção de slides que continham informações esquematizadas retiradas do texto "FONTE HISTÓRICA/DOCUMENTO HISTÓRICO". Cada estudante recebeu uma cópia deste material para acompanhamento durante a explanação.

TEXTO DE APOIO: FONTE HISTÓRICA / DOCUMENTO HISTÓRICO

José D' Assunção Barros

1.1 Definição de fonte histórica

"Fonte histórica" é tudo aquilo que, por ter sido produzido pelos seres humanos ou por trazer vestígios de suas ações e interferência, pode proporcionar um acesso significativo à compreensão do passado humano e de seus desdobramentos no Presente. As fontes históricas são as marcas da história. Quando um indivíduo escreve um texto, ou retorce um galho de árvore de modo a que este sirva



de sinalização aos caminhantes em certa trilha; quando um povo constrói seus instrumentos e utensílios, mas, também nos momentos em que modifica a paisagem e o meio ambiente à sua volta em todas essas situações, e em muitas outras, homens e mulheres deixam vestígios, resíduos ou registros de suas ações no mundo social e natural.

Esse imenso conjunto de vestígios, dos mais simples aos mais complexos constitui o universo de possibilidades de onde os historiadores irão constituir suas fontes históricas. Também é verdade que os grandes processos naturais e planetários, mesmo sem a interferência originária do homem (mas incidindo sobre este), podem produzir vestígios que oportunamente poderão confirmar fontes históricas'. Por ora, vamos nos ater mais especificamente às fontes históricas produzidas diretamente pela ação e pela existência humanas.

No sentido que indicamos no parágrafo anterior, são fontes históricas os já tradicionais documentos textuais (crônicas, memórias, registros cartoriais processos criminais, cartas legislativas, jornais, obras de literatura, correspondências públicas e privadas e tantos mais) como também, quaisquer outros registros ou matérias que possam fornecer um testemunho ou um discurso proveniente do passado humano, da realidade que um dia foi vivida e que se apresenta como relevante para o presente do historiador. Incluem-se como possibilidades documentais (ou, mais precisamente, no âmbito do que chamamos de "fontes históricas") desde os vestígios arqueológicos e outras fontes de cultura material a arquitetura de um prédio, uma igreja, as ruas de uma cidade, monumentos, cerâmicas, utensílios da vida cotidiana, - até representações pictóricas, entre outras fontes imagéticas, e as chamadas fontes da história oral (testemunhos colhidos ou provocados pelo historiador). De igual maneira, as investigações sobre o genoma humano fizeram do corpo e da própria genética uma fonte histórica igualmente útil e confiável, que inclusive permitiu que os historiadores passassem a ter acesso aos primórdios da aventura humana sobre a Terra, forçando a que se problematizasse aquele antigo conceito de "pré-história" que antes sinalizava toda uma região da realidade um dia vivida que parecia até então interdita ao ofício dos historiadores. [...]

BARROS, José D' Assunção. **Fontes históricas: introdução aos seus usos historiográficos.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. P. 15- 16.

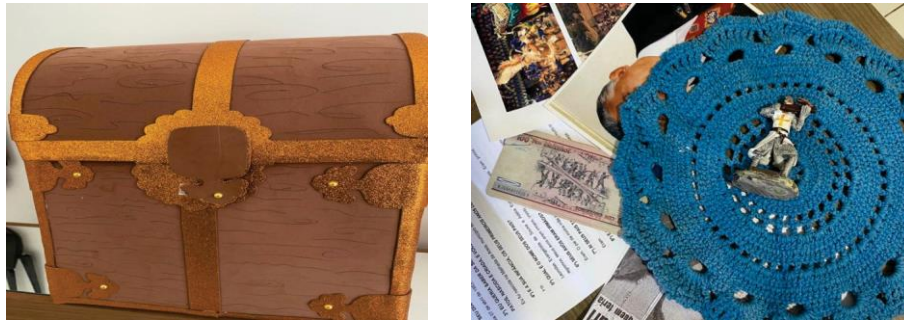


Avaliação

Diante das variações de fontes, que foram exemplificadas para os estudantes, e a fim de que estes possam reconhecer os tipos de fontes históricas, foi proposto para os educandos uma atividade intitulada “Baú das Fontes”. A fim de que estes, possam juntamente com suas equipes, reconhecer, analisar e interpretar as fontes históricas.

Para o desenvolvimento da atividade, foi confeccionado um baú de papelão e Etileno Acetato de Vinila (EVA), onde neste colocamos sacos de presentes contendo fontes históricas diversas. A condução da atividade proposta se deu após a instrução da educadora, na qual solicitou que, de forma organizada, um integrante de cada equipe fosse retirar do baú um “tesouro” a ser analisado. “Os tesouros” a serem analisados são as seguintes fontes: registros fotográficos, jornais antigos, cédulas de dinheiro, mini escultura de cavaleiro medieval, crochê, vestígios arqueológicos representados por fotografias e entrevistas orais sobre a história de vida de mulheres bordadeiras.

Figura 4 - Materiais utilizados para dinâmica: baú das fontes



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Para o desenvolvimento desta atividade, será estipulado um tempo de 20 minutos para que cada equipe possa analisar as fontes históricas, bem como produzir uma apresentação acerca da interpretação das fontes. Após o término do período designado, as equipes terão um tempo aproximadamente de 6 minutos para suas apresentações finais.



Figura 5: Aplicação da dinâmica baú das fontes



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Ao término da atividade, as equipes deverão ser informadas de que as estruturas das equipes deverão ser mantidas, bem como deverão trazer para a próxima aula as entrevistas orais por eles identificadas durante a dinâmica do "baú das fontes".

MÓDULO III: CONSTRUÇÃO DAS BIOGRAFIAS DAS MULHERES BORDADEIRAS DA ASSOCIAÇÃO CASA DOS BORDADOS FIOS E FORMAS

Planejamento

Duração da aula: 6 aulas

Objetivos:

- Produzir biografia de vida das mulheres bordadeiras da “Casa dos Bordados” de São João dos Patos – MA.
- Conhecer as histórias das mulheres bordadeiras através da leitura e interpretação das entrevistas e como estas se aproximaram do universo dos bordados.
- Identificar, por meio da produção de biografias, os desafios enfrentados e as conquistas alcançadas pelas mulheres da associação por meio do trabalho com bordados.

Recursos necessários:

- Data Show;
- Caixa de som;
- Entrevistas transcritas.

Competências específicas da área de ciências humanas e sociais aplicadas:

Competência 1: Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir de procedimentos epistemológicos e científicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente com relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.



Habilidade em ciências humanas e sociais aplicadas:

EM13CHS101: Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão e à crítica de ideias filosóficas e processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

EM13CHS104: Analisar objetos de cultura material e imaterial como suporte de conhecimentos, valores, crenças e práticas que singularizam diferentes sociedades inseridas em tempo e espaço.

EM13CHS502: Analisar situações da vida cotidiana (estilos de vida, valores, condutas etc.), desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade e preconceito, e propor ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às escolhas individuais.

EM13CHS503: Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas causas, significados e usos políticos, sociais e culturais, avaliando e propondo mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

Desenvolvimento:

Após o reconhecimento das fontes históricas e a compreensão de como se constrói a narrativa histórica, o prosseguimento da sequência didática se deu com a apresentação do gênero textual biográfico e de como este gênero pode ajudar a compreender alguns acontecimentos históricos, bem como as dinâmicas sociais e culturais inerentes a um determinado lugar.

De acordo com Kalina Silva (2010, p. 13), a biografia é definida como “a escrita de uma história de vida”. A partir dessa definição, foi comunicado aos estudantes que a biografia é um gênero textual de natureza interdisciplinar, que transita por diversas áreas do conhecimento, como História e Literatura. No contexto histórico, a biografia surge como um método de investigação que permite revelar traços característicos de períodos específicos da história. Diante dessa explicação, foram destacados para os estudantes os principais elementos que caracterizam um texto biográfico.

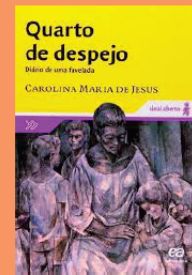
OS PRINCIPAIS ELEMENTOS QUE CARACTERIZAM UM TEXTO BIOGRÁFICO

1. O texto é redigido na terceira pessoa.
2. É um gênero textual narrativo.
3. Segue uma ordem cronológica dos eventos, abrangendo aspectos como: nascimento, infância, juventude, convívio familiar, casamento, família, trabalho, superação e conquistas.



Para exemplificar a importância do gênero textual biográfico, para compreensão da história, evidenciamos a autobiografia de Carolina Maria de Jesus, mulher negra e favelada que, através de sua obra “Quarto de Despejo”, denunciou as desigualdades sociais e mazelas da sociedade brasileira. Esta obra é de extrema importância para o desenvolvimento e aprofundamento de pesquisas sociológicas, antropológicas e históricas, pois a narrativa de vida de Carolina Maria de Jesus expressa a opressão social a qual ela era submetida, revelando com isso um panorama social no qual outras mulheres negras estavam inseridas. Diante dessa explicação, será exibido o reportagem: “Mulheres Fantásticas: Carolina de Jesus”.

Sugestão de leitura e vídeo:



<https://youtu.be/lufWv4430aA?si=KqjPCYAOn2nIPBHG>

Avaliação

Após a apreciação do documentário, foi proposta como atividade a produção de minibiografias¹ das mulheres bordadeiras de São João dos Patos - MA, tendo como objetivo conhecer as histórias de vida das mulheres bordadeiras, que assim como Carolina de Jesus, esta vieram sofrer com e a opressão social à qual estavam submetidas em virtude do seu gênero, classe e raça. A proposta da construção de minibiografias como atividade escolar tem como finalidade dar visibilidade às mulheres bordadeiras na história local.

Para o desenvolvimento da atividade proposta, optou-se pela utilização de entrevistas temáticas prontas, realizadas pela professora pesquisadora. As entrevistas foram feitas com cinco mulheres bordadeiras da associação “Casa dos Bordados fios & formas no ano de 2022”. O teor das entrevistas temáticas realizadas com as mulheres bordadeiras, concentravam-se entorno das histórias de vida e suas relações com universo dos bordados.

Trabalhar com fontes orais transcritas, se justificam pela dinamicidade e praticidades, quanto a sua aplicabilidade em sala de aula, além disso o contato dos educandos diretamente com elas, permitirão obter uma nova compreensão sobre a narrativa história.



Entrevistada: Maria Amélia Evangelista de Sousa (MS)

Local: São João dos Patos - MA

Entrevistadora: Tainah Myrene de Lima Oliveira (TO)

Data: 13/10/2022 às 9:00 horas

Duração da Entrevista: 35 minutos e 24 segundos

Tainah Oliveira: Boa Tarde! Primeiramente eu quero me apresentar: Eu sou Tainah Myrene de Lima Oliveira, acadêmica do Mestrado em Ensino de História, na Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT, da cidade de Araguaína. E desde já gostaria de lhe agradecer por me receber e topa contribuir com a pesquisa. Antes de começarmos, gostaria de conhecer melhor alguns detalhes sobre você. Poderia me fornecer seu nome completo e a data completa do seu aniversário? Além disso, para estabelecermos uma conexão mais pessoal, poderia compartilhar um pouco sobre sua cidade natal e sua trajetória?

Maria Sousa: Meu nome é Maria Amélia Evangelista de Sousa. 70 anos. Eu nasci no dia 07 de abril de 1953. Na Malhada da Areia, município de São João dos Patos.

TO: Qual é o nome dos seus pais?

MS: Leonidas Evangelista de Sousa e Adélia Evangelista de Sousa. Eram primos legítimos. Meus avós eram irmãos. (risos)

TO: Seus avós eram irmãos?

MS: Eram. O pai da minha mãe e o pai do meu pai. Eram irmãos. Primo, primo, primo.

TO: A senhora poderia compartilhar um pouco sobre seus primeiros anos ao lado de seus pais? Como foi a vida para vocês no interior e qual era a principal ocupação ou forma de sustento da família na época?

MS: Lá no interior, era da lavoura, meu pai plantava muito. Ele mexia muito com gado, com roça. A gente ia deixar comida na roça com a bacia na cabeça.

TO: Quantos irmãos a senhora tem?

MS: Nós somos do primeiro casamento é 8 e do segundo é 2. O Jocilé, é o mais velho, depois sou eu, depois a Corina, aquela que tava ali, depois a Claudete, depois a Araci, uma que faleceu, aí a Claudinete, e a Claudiva e o neto. [...]

SOUZA, Maria Amélia Evangelista de. Roteiro de entrevista, [Entrevista cedida] Tainah Myrene de Lima Oliveira. **Ensino de História entre agulhas e linhas: As narrativas de mulheres bordadeiras de São João dos Patos – MA (2022-2024)**, São João dos Patos – MA, 13 de out. 2022.

² As minibiografias podem ser compreendidas como textos que buscam explorar o período de vida do biografado ou concentrar-se em aspectos específicos do sujeito em questão.



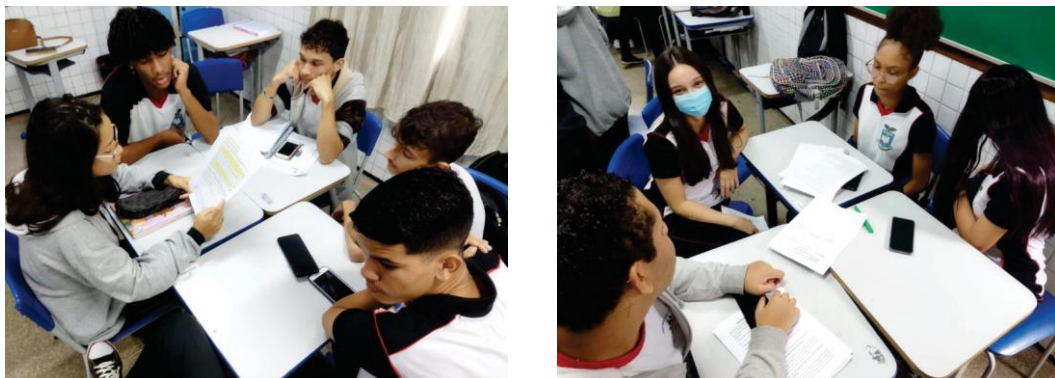
Antes de dar início à atividade, é imprescindível introduzir aos educandos o contexto das entrevistas, enfatizando informações fundamentais, como os responsáveis pela entrevista, seus nomes, a data, horário e local em que foram conduzidas. Além disso, é crucial fornecer uma breve síntese do conteúdo abordado durante as entrevistas. Possuir um conhecimento preliminar sobre o tema das entrevistas para que os educandos possam compreender de maneira mais abrangente e analítica o material que serão analisados.

A dinâmica sugerida, para essa atividade é em grupo, onde os estudantes estarão organizados em cinco equipes, terão como desafio analisar as entrevistas entregues e com isso construir uma minibiografia. De acordo com Santiago e Barbosa (2015):

A análise é o momento em que são buscados os sentidos de uma entrevista. Analisar significa, literalmente, decompor o todo em suas partes constituintes. Na entrevista, ela poderá ser aplicada como tentativa de compreensão dos seus significados intrínsecos e do estabelecimento de relações entre fontes e conteúdo de ensino.

Dessa maneira, a análise das entrevistas se constitui como uma das partes mais importantes para a construção das biografias. Contudo, para que essa atividade possa ocorrer com êxito, faz-se necessário que o educador(a) forneça orientações básicas sobre como os discentes deverão analisar as entrevistas, sendo propostas as seguintes sugestões: grifar os pontos mais importantes da entrevista, categorizar e destacar a passagem temporal que marca a fase de vida dos entrevistados, como, por exemplo, infância, convívio com a família, trabalho, casamento e filhos.

Figura 6 - Análise das entrevistas e produção de minibiografias



Fonte: Arquivo da pesquisadora



Após as análises das entrevistas, os educandos terão um tempo destinado à escrita das minibiografias. Concluída a redação, os estudantes deverão apresentar para a turma as biografias das mulheres bordadeiras, bem como destacar os desafios e percepções que obtiveram com a prática da atividade.

A partir da elaboração das biografias pelos estudantes, o(a) professor(a) poderá conduzir discussões com os discentes acerca dos aspectos históricos, sociais e culturais da cidade, com foco especial no trabalho desempenhado pelas mulheres bordadeiras. Possibilitando não apenas o conhecimento das histórias de vida dessas mulheres, mas também a compreensão da origem da tradição dos bordados na cidade e a formação da Associação “Casa dos Bordados Fios & Formas”. Além disso, essa abordagem propicia a reflexão e problematização das relações de gênero na sociedade Patoense.

Para obter detalhes adicionais sobre as minibiografias das mulheres bordadeiras, recomenda-se uma consulta à dissertação intitulada “Ensino de História entre Agulhas e Linhas: As Narrativas de Mulheres Bordadeiras de São João dos Patos – MA (2022-2024)”.

MÓDULO IV: VISITA DE CAMPO A ASSOCIAÇÃO CASA DOS BORDADOS FIOS & FORMAS

Planejamento

Duração da aula: 2 aulas

OBJETIVOS:

- Conhecer a “Casa dos Bordados” sua história e as mulheres artesã,
- Dialogar com as mulheres artesã,
- Identificar os tipos e modos de produção dos bordados,
- Registrar e documentar a visita técnica com fotos, vídeos e áudios.

Recursos necessários:

- Ônibus escolar.
- Caderno e caneta.
- Celular ou máquina de fotografar.

Competências específicas da área de ciências humanas e sociais aplicadas:

Competência 1: Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir de procedimentos epistemológicos e científicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente com relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.



Habilidade em ciências humanas e sociais aplicadas:

EM13CHS104: Analisar objetos da cultura material e imaterial como suporte de conhecimentos, valores, crenças e práticas que singularizam diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

EM13CHS404: Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes circunstâncias e contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens e as gerações futuras, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais.

Desenvolvimento:

Para alcançar os objetivos de uma atividade externa na “Associação Caso dos Bordados Fio & Formas”, antes de tudo, é essencial seguir alguns passos. Primeiramente, é necessário compreender que uma visita técnica tem por finalidade a obtenção de conhecimentos acerca da história local, das pessoas que fazem parte da associação, bem como identificar e reconhecer os tipos de bordados produzidos pelas bordadeiras.

Nesse sentido, ao elaborar ações didáticas que transpassam os limites da sala de aula, rumo ao contexto social no qual estão inseridos os educandos que serão levados a uma aprendizagem significativa. Tais essas ações ocorrem, quando bem planejadas levam os educandos a refletirem sobre seu cotidiano e o universo que os cerca, e de como esses contextos interferiram diretamente na vida de outras pessoas.

Dessa maneira, de acordo com Schmidt e Caninelli (2009), atividades de visitação a espaços públicos, a exemplo de visitas a museus, arquivos e monumentos históricos, permitirão que os educandos possam desfrutar de uma experiência única. Proporcionando aos estudantes, contato direto com as memórias que foram preservadas, fazendo com que estes possam entender que a história se faz fora da sala de aula e que ela está presente em todos os espaços.

Sendo assim, para a aplicação da ação didática proposta, seguimos então algumas estratégias consideradas essenciais para a realização dessa atividade:

- Agendar previamente com a direção e coordenação o dia da visitação.
- Enviar um termo de autorização dos pais por escrito.
- Enviar um ofício solicitando à Secretária Municipal de Educação o ônibus escolar.
- Enviar um ofício solicitando autorização para visitação.
- Verificar a disponibilidade das bordadeiras para dialogar com os educandos e o número permitido de visitantes.



- Preparar os educandos antecipadamente para a visita com enfoque para o conteúdo que será exposto.
- Propor um relatório de visita de campo como proposta avaliativa.

Baseando-se no roteiro de planejamento, a ação proposta seguirá alguns passos durante a visita. No primeiro passo, o educador(a), antes de iniciar a visita, informará os alunos sobre o procedimento avaliativo, que consistirá na elaboração de um relatório de campo.

Figura 7 -Apresentação do histórico da associação



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Quanto à condução da visita à associação, caberá ao educador(a) apresentar o histórico da associação de forma resumida para os educandos. Para isso, tem-se como sugestão a leitura para o professor, o texto de apoio “Casa dos Bordados: como tudo começou”, que poderá nortear as falas do educador(a) durante a visita.

Texto de apoio: Casa dos Bordados como tudo começou

Em 2007, um levantamento realizado pela Secretaria de Planejamento e Orçamento – SEPLAN listou as principais potencialidades econômicas do Sertão Maranhense, destacando o bordado como uma atividade potencial para o desenvolvimento econômico local. A SEPLAN, em suas deliberações, propôs ações para beneficiar a atividade dos bordados, com o objetivo principal de incentivar e ampliar a produção artesanal têxtil (MARANHÃO, 2008).



Essas ações ganharam impulso após uma série de investigações promovidas pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE – MA, no início dos anos 2000, com o apoio da Associação Comercial e Industrial Patoense – ACIPA. Ambas as instituições trabalharam para identificar o potencial econômico da cidade, constatando, por meio de pesquisas no contexto comercial local, que o maior fluxo de vendas e mercadorias estava ligado a artigos de tecidos, linhas e agulhas. Raimundo Nonato Alves de Carvalho, presidente da ACIPA, ao relatar o processo de criação das primeiras associações de bordadeiras na cidade, destaca o papel do SEBRAE:

Começou porque a gente via no comércio. O comércio via nas bordadeiras de São João dos Patos uma fonte de renda, que gerava uma renda para o município, que deixava, comprava os insumos para os bordados, seja as linhas, os tecidos de linho, brim. Para o comércio local e gerava renda. [...] Aí nós convidamos o SEBRAE para vir a São João dos Patos. Eles fizeram uma pesquisa (entre os comerciantes) e viram que realmente a maior fonte de renda de São João dos Patos era o artesanato. Foi feito esse trabalho onde foi selecionado que boa parte do dinheiro que circulava na cidade era através do artesanato, do artesanato local. Aí o (SEBRAE) percebeu que havia uma necessidade de organizar o artesanato e as artesãs e aquilo tudo. E com isso também o SEBRAE passou a funcionar dentro da associação (ACIPA), pois na cidade não existia polo (SEBRAE). Então emprestamos o local para o SEBRAE trabalhar com as artesãs. Aí saímos de casa em casa convidando as artesãs para participarem das palestras, que foram feitas dentro da associação (ACIPA). Trouxemos pessoas de fora para falar de associativismo, cooperativismo, de comércio para fazer o custo da mercadoria, pois muitas delas não sabiam o preço. O preço delas era na tora, pois não sabiam fazer o custo, para saber se estava dando lucro ou prejuízo. Foram dados vários cursos do SEBRAE, tudo dentro da associação (ACIPA). Passou mais ou menos 2 anos preparando as artesãs. Aí depois o Estado passou a oferecer palestras para as artesãs... o SEBRAE veio para ajudar a organizar a associação, fez até aquela etiqueta fios e formas. (CARVALHO, Raimundo Nonato Alves de. Entrevista concedida a Tainah Myrene de Lima Oliveira. São João dos Patos. 03 de ago. de 2023).

A respeito da criação da Casa dos Bordados Fios e Formas, a senhora Rita Pereira de Carvalho, sócia, relembra que as primeiras mobilizações na cidade em torno das bordadeiras foram organizadas pelo senhor Raimundo Nonato Alves de Carvalho, presidente da ACIPA nos anos 2000. Ele foi o responsável por convocar e reunir as mulheres bordadeiras da cidade, conforme relata Rita de Carvalho:

[...] Raimundo chamou, arrumou isso! Justamente o Sebrae pelo meio, e aí juntou um bocado de mulher, e eu fiquei sabendo disso. Outras me convidaram, aí eu fui. Eu sempre gostei, eu queria trabalhar, arrumar um meio de sobreviver, eu queria ajudar meu marido. [...]. Foi ele (o Raimundo) que começou isso no começo dos bordados em São João dos Patos, foi com Raimundo. O Raimundo e outros, mas isso já está trazendo gente do Sebrae para cá. (PEREIRA, Rita Carvalho. Entrevista concedida a Tainah Myrene de Lima Oliveira. São João dos Patos, 16 de set de 2022)



É importante ressaltar, que o papel do SEBRAE e da ACIPA foi crucial para a organização do trabalho das bordadeiras de São João dos Patos – MA. Estas instituições forneceram às mulheres conhecimentos sobre como criar suas próprias associações, resultando na fundação das entidades “Casa dos Bordados Fios e Formas” e “Casa do Bordado Patoense”. Também contribuíram para o fortalecimento de agremiações já existentes, a Associação Mulheres de Agulhas Criativas, orientando-as sobre vendas e comercialização de seus bordados em feiras e eventos em todo o país.

Dentre as iniciativas promovidas pelo SEBRAE-MA para fomentar o empreendedorismo das bordadeiras, destaca-se a "I Mostra dos Bordados de São João dos Patos: Linhas e Perfeição". O evento foi realizado na cidade de São Luís, no Shopping Center São Luís, em 2003. Conforme relatado pelo Jornal O Estado do Maranhão:

Bordadeiras farão mostra de trabalhos em São Luís

SÃO JOÃO DOS PATOS - Promovido pelo Projeto Empreender, programa de estímulo ao empreendedorismo, desenvolvido pelo Sebrae e Federação das Associações Empresariais do Maranhão (FAEM), e em parceria com a Associação Comercial Patoense, Prefeitura de São João dos Patos, Gerência de Artesanato e Desenvolvimento do Sertão Maranhense e Rotary Clube de São João dos Patos, será realizado de amanhã até o dia 9 de maio, no São Luís Shopping Center, a I Mostra dos Bordados de São João dos Patos: "Linhas e Perfeição".

A mostra reúne trabalhos de bordadeiras que compõem um grupo de 87 artistas, que exporão o melhor em bordado artesanal (O Estado do Maranhão, 01 de Maio de 2003).

Os produtos expostos nessa exposição consistiam em uma série de itens destinados ao cotidiano doméstico, os quais poderiam ser amplamente consumidos por setores de restaurantes e hotelaria, como guardanapos, lençóis, toalhas de banho e caminhos de mesa. A exposição contou com a presença de bordadeiras da cidade, que explicavam e apresentavam aos visitantes os mais variados tipos de bordados, como ponto de cruz, ponto cheio, Richelieu e o crochê.

Figura 1- Primeiras feiras de bordados



Fonte: Arquivo fotográfico da Associação Casa dos Bordados Fios & Formas



As fotos ilustram algumas das exposições nas quais as bordadeiras participaram. A respeito do sucesso desses primeiros eventos em que estiveram presentes, a senhora Antônia de Sá Correia relembra com certo saudosismo os anos áureos do bordado patoense.

Olha, teve uma viagem que, quando a gente foi, não sei se foi a primeira vez ou foi a segunda, a gente fez isso aqui (fez os gestos com os dedos da quantia vendida), só que foi de todo o mundo. Mas foi uma descrição boa, eu não gosto de falar, que eu não gosto de ser assim, mas foi esse valor, a venda foi boa. A primeira venda boa foi essa. Aí depois foi diminuído mais um pouquinho e tudo, mas menos de 9 e 10 mil nunca foi feito; sempre é daí pra frente, só que é de todo mundo, entendeu? Não é só de uma pessoa, é de todo o mundo que tá lá na associação. (CORREIA, Antônia de Sá. Entrevista concedida a Tainah Myrene de Lima Oliveira. São João dos Patos, 10 de set. de 2022).

O apoio do SEBRAE e da ACIPA nesses eventos incentivou essas mulheres a se mobilizarem e organizarem suas associações. Contudo, lamentavelmente, nem todas as agremiações perduraram ao longo do tempo, tendo algumas fechado as portas. Os motivos para o encerramento de tais grupos permanecem desconhecidos até o momento, com apenas a associação Casa dos Bordados Fios e Formas se mantendo ativa. Essa associação, teve forte influência do SEBRAE em sua consolidação.

Ao analisar uma correspondência enviada pelo SEBRAE-MA, à Associação Fios e Formas, é possível notar a preocupação dessa instituição com a continuidade da associação. O comunicado, destinado às bordadeiras, listava ações que deveriam ser discutidas entre elas, consideradas essenciais para a consolidação do grupo. Conforme o conteúdo da correspondência de autoria do senhor Luiz Walter Muniz, coordenador de Bordados do SEBRAE-MA, foram elencadas as seguintes pautas para discussão:

SOLICITAÇÃO DE REUNIÃO

ATT: Diretoria da Casa do Bordado

Gostaríamos de solicitar da Direção da Casa do Bordado, reunião com os sócios efetivos para tratar dos seguintes assuntos:

- 1- Número efetivo de participantes nas ações;
- 2- Aluguel Casa do Bordado;
- 3- Movimento de caixa do mês de Setembro;
- 4- II Mostra Fios e Formas SLZ Shopping;
- 5- Processo de treinamentos;



- 6- Aprovação do Estatuto e Regimento Interno;
- 7- Comunicado Sebrae;
- 8- Recesso para eleições.

Queríamos ainda informar que a referida reunião, conforme acordado, acontecerá no dia 25/09/04 às 16:00 nas dependências d Casa do Bordado.

Sem mais para o momento Subscrevo-me Luís Walter Muniz CR-Bordados / Sebrae-MA. (MUNIZ, Luís Walter. **[Correspondência]**. Destinatário: Diretoria da Casa do Bordado. [S. L], 2004. 1 ofício. (ver Anexo – D)

As pautas a serem discutidas referiam-se, principalmente, às despesas e à manutenção da associação. A agremiação precisava formalizar-se por meio da organização do seu estatuto e regimento interno, que regulamentaria a dinâmica do grupo de bordadeiras. Proporcionando às artesãs legalidade e reconhecimento em relação à associação, nesse contexto, o referido estatuto foi aprovado e registrado em 20 de julho de 2005.

Em relação à sede administrativa da Associação Casa dos Bordados Fios e Formas, inicialmente, funcionou em um prédio alugado e mantido pelas bordadeiras, localizado à margem da BR-230. A escolha desse local se deu por seu potencial visibilidade, pois a BR-230 tem um constante fluxo de viajantes que, ao passarem pela cidade, poderiam facilmente adquirir o artesanato local. Conforme relato de Raimundo Carvalho, a atual sede da Casa dos Bordados foi resultado de um esforço coletivo das bordadeiras e da ACIPA. Segundo Raimundo, o prédio:

[...] surgiu com a fundação do Banco do Brasil um dinheiro para construir o local onde deveria funcionar a associação das artesãs. Como as artesãs não tinham associação e a gente (ACIPA) estava dando apoio a elas e tudo, então nós corremos atrás para a prefeitura dar o local para construção. Aí fomos atrás e fizemos o projeto, entregamos o projeto, aí a gente conseguiu o recurso com a Fundação Banco do Brasil. Nosso projeto foi eleito pelo banco, aí veio o dinheiro para construir. Aí, como a associação ainda não existia de fato e de direito em registro de cartório, o dinheiro foi para conta da prefeitura, e a prefeitura fez o prédio da associação. (CARVALHO, Raimundo Nonato Alves de. Entrevista concedida a Tainah Myrene de Lima Oliveira. São João dos Patos. 03 de ago. de 2023).

A obtenção de um prédio próprio foi uma conquista notável para as bordadeiras. Elas foram orientadas pelo SEBRAE e ACIPA a elaborar um projeto para submissão a um edital do Banco do Brasil. Esta instituição tinha fundos destinados a projetos sociais que trouxe benefícios à comunidade, conhecidos como "Fundo Perdido"¹ ou "Programa de Subvenção Econômica".



Seguindo essa orientação, as bordadeiras elaboraram um projeto e foram contempladas pelo Banco do Brasil, que disponibilizou todo o montante para a construção do prédio. Assim, coube ao município apenas uma contrapartida: fornecer o terreno para a construção da Associação Casa dos Bordados Fios e Formas. Ao lembrar o processo de obtenção do imóvel da associação, a senhora Antônia de Sá Correia, comenta:

[...] veio um pessoal do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), juntou um bocado de mulher pra formar um grupo e dali foi começar a gente trabalhar. A gente alugou essa casa e botou lá. Aí depois, junto com o prefeito, o Banco do Brasil e parece que foi a Dona Marisa, se eu não me engano, foram essas três pessoas que se juntaram. Aí o governo veio com esse Fundo Perdido, não sei como é que chama direito, aí esse dinheiro eles fizeram a Casa dos Bordados, que não tem retorno o dinheiro. (CORREIA, Antônia de Sá. Entrevista concedida a Tainah Myrene de Lima Oliveira. São João dos Patos, 10 de set. de 2022).

A construção do prédio e a administração desses recursos ficaram sob responsabilidade do município. O edifício foi entregue às bordadeiras da “Associação Casa dos Bordados Fios e Formas” em 01 de setembro de 2007. Desde então, as artesãs expõem e vendem seus trabalhos na Associação, situada na Avenida Presidente Médici, à margem da BR-230.

Figura 2 - Primeira sede da associação casa dos bordados e sede atual da associação



Fonte: arquivo da associação.

Segundo passo: conhecer as mulheres bordadeiras. Nessa etapa, os estudantes terão a oportunidade de conhecer e socializarem com as mulheres bordadeiras, bem como fazerem perguntas sobre bordados, ao mesmo tempo em que exploravam o espaço da associação.



Figura 3 – Visita técnica à associação Casa dos Bordados Fios e Formas com estudantes.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Avaliação

Ao término da visita os educandos deverão ser novamente informados, sobre os procedimentos avaliativos entorno da visita, este consistirá na produção de um relatório de visita de campo e que deverá ser entregue no prazo estipulado pelo educador (a). Essa atividade poderá ser realizada de maneiras diversas, ficando a critério do discente decidir se será feita de forma individual ou em grupo.

MÓDULO V: OFICINAS DE BORDADOS

Planejamento

Duração da aula: 2 aulas

Objetivos:

- Conhecer as técnicas de bordados mais populares da cidade.
- Confeccionar Ponto Cruz e Crochê.
-

Recursos necessários:

- Linhas;
- Agulhas;
- Tesoura;
- Cesto de palha;
- Tecido Êtamine
- Deposito de plástico.



Competências específicas da área de ciências humanas e sociais aplicadas:

Competência 1: Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir de procedimentos epistemológicos e científicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente com relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.

Habilidade em ciências humanas e sociais aplicadas:

EM13CHS104: Analisar objetos da cultura material e imaterial como suporte de conhecimentos, valores, crenças e práticas que singularizam diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

EM13CHS404: Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes circunstâncias e contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens e as gerações futuras, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais.

Desenvolvimento:

Visando o prosseguimento da sequência didática, serão oferecidos para os estudantes oficinas de bordados, que serão ministradas pelas mulheres bordadeiras da associação; com o objetivo de promover a valorização do conhecimento dos saberes dessas artesãs. Para a realização desta ação, foi necessária a organização dos materiais a serem utilizados na prática artesanal, os materiais previstos para essa atividade incluíram: étamine, tesoura, linha, agulha e agulha de crochê.

Figura 11 – Kit de materiais utilizados na oficina de bordados



Fonte: Arquivo da pesquisadora

O espaço para desenvolvimento da atividade, poderá ser a sala de aula ou auditório da escola, desde que este espaço comporte perfeitamente todos os estudantes que estarão organizados em equipes. A estratégia adotada visava facilitar condução da oficina pelas mulheres bordadeiras.



Figura 31 - Oficina de bordados: produção de ponto cruz e crochê



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Avaliação

A avaliação desta atividade será contínua, abrangendo tanto o processo de produção do artesanato quanto o comportamento e a interação com as mulheres bordadeiras.

Figura 13 - Resultado da oficina de bordados



Fonte: Arquivo da pesquisadora



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A implementação da sequência didática, intitulada "Ensino de História entre Agulhas e Linhas: As Narrativas de Mulheres Bordadeiras de São João dos Patos – MA", proporcionou uma reorientação do nosso olhar em direção à história local por meio de um diálogo com interculturalidade crítica. Essa abordagem, propõe ações educacionais que visam dar visibilidade a sujeitos que historicamente foram marginalizados e subjugados pela modernidade e colonialidade europeia, e que, em algum momento, tiveram suas histórias e saberes invisibilizados e silenciados.

Além disso, essa perspectiva, centrada nas narrativas de vida das mulheres bordadeiras, revelou-se uma via reveladora para a compreensão dos aspectos sociais e culturais da cidade, especialmente em torno da prática do bordado. Nesse processo, destacou-se de maneira notável a significativa contribuição das mulheres na formação da identidade cultural local, trazendo à tona a riqueza de suas experiências e narrativas a partir da construção das minibiografias. Esse enfoque permitiu que os educandos viessem a reconhecer e valorizar os saberes das mulheres que bordam.

O desenvolvimento desse entendimento ocorreu por meio da estruturação de etapas de ensino cuja abordagem estava centrada na história local e sua interconexão com as mulheres bordadeiras. O processo teve início com o reconhecimento da história local e sua vinculação com a tradição dos bordados, a partir da temática "São João dos Patos e Mulher bordadeira". Sendo possível a partir dessa abordagem reconhecer que a tradição dos bordados se dá pela oralidade sendo transmitida de geração à geração, no qual teve seu marco temporal de introdução o início do século XIX, com a presença dos primeiros imigrantes portugueses que se estabeleceram na região.

A segunda etapa, intitulada "Fundamentos para Construção da História das Mulheres Bordadeiras: Fontes Históricas", teve como objetivo preparar os educandos para a elaboração das minibiografias das mulheres bordadeiras. Para isso, tornou-se necessário o reconhecimento das fontes históricas. O contato com essas fontes, permitiu que os educandos identificassem uma variedade de fontes históricas e compreendessem a importância desses recursos na construção da narrativa histórica. O processo de reconhecimento das fontes históricas levou os educandos a identificarem a fonte oral como uma possibilidade para compreender a história local por meio das narrativas de vida das mulheres bordadeiras, que diretamente estabeleceram relações com o local estudado. Isso proporcionou aos educandos a



compreensão de que a história local não é construída apenas pela perspectiva de grandes figuras políticas, mas sim desenhada pelas pessoas simples que integraram e ocuparam a cidade.

A construção das minibiografias das mulheres bordadeiras, mostrou-se ser uma atividade promissora, em virtude dessa abordagem possibilitar um diálogo interdisciplinar com outras áreas do saber, ampliando assim o leque de competências e habilidades a serem desenvolvidas nos educandos. Além disso, a produção das minibiografias torna-se relevante por proporcionar aos educandos um conhecimento sobre a história local a partir da narrativa de vida das mulheres bordadeiras, que viveram um determinado contexto histórico da cidade e que por muito tempo foram silenciadas. A abordagem em si tem o potencial de promover reflexões acerca dos aspectos sociais e culturais da cidade, levando-se também à reflexão e problematização das relações de gênero instituídas na sociedade Patoense. Vindo assim a contribuir para uma educação mais crítica e contextualizada.

A visita de campo à Associação Casa dos Bordados Fios & Formas e à oficina de bordados revelou-se uma atividade enriquecedora, repleta de significado para os educandos. Durante a visita, os alunos tiveram a oportunidade de compreender a origem e o funcionamento da associação. Além disso, estabeleceram uma relação dialogada com as mulheres bordadeiras, que compartilharam não apenas os diversos tipos de bordados, mas também suas experiências de vida.

A oficina de bordados permitiu que as mulheres bordadeiras compartilhassem suas experiências com pontos cruzados e crochê. Essa atividade levou os educandos a reconhecer e valorizar os conhecimentos das mulheres bordadeiras, além de reconhecer o papel fundamental delas na história local.

A sequência didática, em sua totalidade, fundamentou-se na dialogicidade freiriana como princípio norteador. Essa abordagem foi essencial para estimular os estudantes a compartilharem suas compreensões e entendimentos sobre o tema estudado, promovendo, assim, uma aprendizagem crítica.

Quanto a relevância dessa abordagem para a vida dos educandos, a sequência didática destacou-se como altamente pertinente. Essa proposta de ensino estabelece uma conexão direta com o universo dos estudantes, muitos dos quais são filhos, sobrinhos netos de mulheres bordadeiras.



As atividades elaboradas desempenharam um papel significativo ao incentivar os educandos a reconhecerem a importância da mulher bordadeira para a história local, bem como para formação da identidade cultural da cidade. Além disso, a abordagem revelou-se eficaz na promoção da valorização dos saberes das mulheres que bordam.

Em suma, a sequência didática mostra-se eficaz ao proporcionar uma aprendizagem crítica por meio de reflexões sobre a mulher bordadeira e sua relevância para a história local. Esta abordagem foi capaz de proporcionar aos educandos uma reflexão sobre a invisibilidade da mulher bordadeira na história local. E que agora por meio dessa prática de ensino, elas emergem como protagonistas essenciais da narrativa histórica local. Este processo não apenas resgata a valorização de suas contribuições, mas também transforma a perspectiva dos estudantes, proporcionando uma compreensão mais rica e respeitosa da importância dessas mulheres para a comunidade e sua identidade cultural.



REFERÊNCIAS

BARROS, José D' Assunção. **Fontes históricas: introdução aos seus usos historiográficos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. P. 15- 16.

DA SILVA, Luísa Saraiva Leão Leite. **Do bordado tradicional ao contemporâneo: processos de resignificação**. 2021. Tese de Doutorado. Universidade da Beira Interior (Portugal).

DE OLIVEIRA, Maria Marly. **Sequência didática interativa no processo de formação de professores**. Editora Vozes Limitada, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. **Cidade São João dos Patos - MA**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/sao-joao-dos-patos/panorama>. Acesso em: 01 de agosto de 2023

LIMA, Normandia de Oliveira. **Realidade Ambiental, social e cultural e econômica do município de São João dos Patos – MA**. São Luís: Universidade Federal do Maranhão - UFMA, 2004.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista estudos feministas**, Florianópolis, Setembro-dezembro 2014.

MIGNOLO, Walter D . Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Trad. Marco Oliveira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 32, nº 94, jun, 2017, p. 01-17.

Prefeitura Municipal de São João dos Patos. **São João dos Patos mostra suas belezas reais traduzidas nas artes e no labor**. São Luís: SIOGE, 1992.

SANTOS NETO, Antonio Fonseca dos. **Memória das Passagens: (da Franca, dos Aranins, da Manga, do TUY, dos Picos, da Madre Deus, Dos Patos, da Queimadas, do Tremenda e dos Pastos Bons)**. – Teresina: EDUFPI/ Academia de Letras, História e Ecologia de Pastos Bons, 2006).

SANTOS, Sílvia Lyra da Rocha. Roteiro de entrevista, [Entrevista cedida] Tainah Myrene de Lima Oliveira. **Ensino de História entre agulhas e linhas: As narrativas de mulheres bordadeiras de São João dos Patos – MA (2022-2024)**, São João dos Patos – MA, 02 de set.2023.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar história**. São Paulo: Scipione, 2004.

DE OLIVEIRA, Maria Marly. **Sequência didática interativa no processo de formação de professores**. Editora Vozes Limitada, 2013.



ANEXOS

ANEXO A - São João dos Patos torna-se Capital maranhense dos bordados, através da Lei estadual Nº 11.218 de 10 de março de 2020.



ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO MARANHÃO
Estado de Maranhão

Relatório de Matérias

PLO 490 2019 - Projeto de Lei Ordinária

INSTITUI DIRETRIZES PARA A PRESTAÇÃO DE AUXÍLIO, PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA A POLICIAIS, SERVIDORES QUE ATUEM NA SEGURANÇA PÚBLICA DO MARANHÃO E SEUS FAMILIARES, VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA NO EXERCÍCIO DE SUAS FUNÇÕES OU EM DECORRÊNCIA DELA.

Autor: DR. YGLÉSIO
Localização Atual: Documentação e Registro
Situação: Proposição arquivada
Última Ação: A DDR P/ ARQUIVAR EM 20/11/19

PLO 450 2019 - Projeto de Lei Ordinária

ACRESCE CRITÉRIO DE DESEMPATE AOS PROCESSOS LICITATÓRIOS REALIZADOS ENTRE EMPRESAS PRIVADAS E O ESTADO DO MARANHÃO.

Autor: DR. YGLÉSIO
Localização Atual: Documentação e Registro
Situação: Parecer contrário da comissão de mérito
Última Ação: O AUTOR RECORREU ATRAVÉS DO REQUERIMENTO Nº 010/2021. MANTIDO O PARECER CONTRÁRIO EM 23/02/2021. À DDR EM 06/05/2021.

PLO 421 2019 - Projeto de Lei Ordinária

CONFERE AO MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO DOS PATOS - MA O TÍTULO DE CAPITAL ESTADUAL DOS BORDADOS.

Autor: DR. YGLÉSIO
Localização Atual: Documentação e Registro
Situação: Proposição transformada em lei
Última Ação: Promulgada pela Lei nº 11.218/20 , publicado no D.O nº 046 de 10/03/2020

PLO 420 2019 - Projeto de Lei Ordinária

REGULAMENTA O ATENDIMENTO REMO EM ESTABELECIMENTOS FARMACÊUTICOS NO ESTADO DO MARANHÃO E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

Autor: DR. YGLÉSIO
Localização Atual: Diretoria Legislativa
Situação: Aguardando emissão de parecer da comissão
Última Ação: P/ PARECER EM 28/08/2019.

ANEXO B – Projeto Empreender SEBRAE e ACIPA

ARTESANATO : BORDADOS DE SÃO JOÃO DOS PATOS

1-ANTECEDENTES

O SEBRAE-MA, através da ar-caxias e do programa artesanato , desenvolveu um conjunto de ações (mobilização , capacitação , comercialização , etc) para o publico vinculado as 3 (três) associações de confeccionista e bordadeiras existentes no município de São João dos Patos. Estas ações e os resultados alcançados foram comprometidos principalmente pelo vinculo entre as associações e a política partidária local e pela interferência influente e constante do atravessador.

2-SITUAÇÃO ATUAL

O SEBRAE-MA modificou a forma de atuar em relação ao publico alvo (associações x bordadeiras) realizando um novo procedimento com ações que visavam o fortalecimento e independência do grupo de bordadeiras com reuniões de trabalho ,apoio a comercialização, formação de parcerias ,etc . O apoio do técnico contratado pelo Projeto Empreender (parceria SEBRAE / ACIPA), Gerencia de Art. e Desv. do Médio Sertão Maranhense e da Prefeitura estão sendo de grande importância nos resultados alcançados. Hoje existe um grupo formado com 99 (noventa e nove) bordadeiras filiadas à ACIPA (Associação Comercial e Industrial Patoense) que estão tentando formar uma CENTRAL DE ARTESANATO PATOENSE

3-AÇÕES / RESULTADOS ALCANÇADOS

EVENTO: REUNIÕES DE TRABALHO

PARTICIPANTES: Bordadeiras de São João dos Patos

APOIO: Sebrae-Ma ,Projeto Empreender e ACIPA

DATA: Quizenamente

LOCAL: ACIPA

HORÁRIO: das 18:00 às 20:00 horas

EVENTO: RIO BIO- DINÂMICO: O ITAPECURU

PARTICIPANTES: 28 Bordadeiras São João dos Patos

APOIO: Sebrae-Ma ,ACIPA e Ger. De Art. e Desv. Do Sertão Maranhense

DATA: 29 à 31.01.2003

LOCAL: Maciel Eventos - São Luís

HORÁRIO: das 10:00 às 22:00 horas

ANEXO B – Projeto Empreender SEBRAE e ACIPA

EVENTO: EXPOSIÇÃO DE BORDADOS DE SÃO JOÃO DOS PATOS

PARTICIPANTES: 17 Bordadeiras São João dos Patos
APOIO: Sebrae-Ma, ACIPA e Ger. De Art. e Desv. Do Sertão Maranhense
DATA: 01 (um) mês - fevereiro
LOCAL: Central de Serviços Turísticos - São Luís
HORÁRIO: das 08:00 às 18:00 horas

EVENTO: PALESTRA SOBRE ARTESANATO E EXPOSIÇÃO DE BORDADOS

PARTICIPANTES: 06 Bordadeiras de Barão de Grajaú e 12 de São João dos Patos
APOIO: Sebrae-Ma, Prefeituras de Barão de Grajaú e São João dos Patos e Fundação Paveo
DATA: 29/03/2003
LOCAL: CÂMARA MUNICIPAL - Barão de Grajaú
HORÁRIO: das 17:00 às 22:00 horas

EVENTO: I MOSTRA DOS BORDADOS DE SÃO JOÃO DOS PATOS

PARTICIPANTES: 30 Bordadeiras São João dos Patos
APOIO: Sebrae-Ma, Prefeitura São João dos Patos, ACIPA, Gerencia do governo, São Luís Shopping, Louvre Magazine, Aromas Naturais, Renata Garcês, Colonial Buffet e Oxente Restaurante
DATA: de 02 a 09.05.2003
LOCAL: São Luís Shopping - São Luís
HORÁRIO: das 10:00 às 22:00 horas

EVENTO: PALESTRAS E EXPOSIÇÃO DE BORDADOS

PARTICIPANTES: 67 Bordadeiras São João dos Patos
APOIO: Sebrae-Ma (Artesanato, Empreender, Crédito, Cooperação, Comercialização) e ACIPA
DATA: outubro / 2002
LOCAL: ACIPA
HORÁRIO: das 16:00 às 22:00 horas

EVENTO: EXPOSIÇÃO DE BORDADOS DE SÃO JOÃO DOS PATOS

PARTICIPANTES: Bordadeiras São João dos Patos
APOIO: Sebrae-Ma e ACIPA
DATA: de 19/05/2003 a 22/05/2003
LOCAL: Agrobalsas - Balsas
HORÁRIO: das 10:00 às 20:00 horas

4-EXPECTATIVAS

A conscientização e o fortalecimento do grupo de bordadeiras exige do sebrae-ma nova forma de agir na oferta de produtos e serviços compatíveis com esse desenvolvimento alcançado. Precisamos realizar reuniões de planejamento com todos os parceiros envolvidos e o grupo de bordadeiras para dar continuidade nas ações e divulgar melhor os resultados alcançados.

Observação : O PRESIDENTE DO CONDEL AUTORIZOU A CONTATAÇÃO DE UM DOCUMENTÁRIO E UM CATALOGO PARA AS BORDADEIRAS E OS PREFEITOS DA AMMSM ESTÃO MANIFESTANDO INTERESSE EM CRIAR GRUPOS DE BORDADEIRAS NOS MUNICÍPIOS VIZINHOS

ANEXO B – Projeto Empreender SEBRAE e ACIPA

BORDEDEIRAS FILIADAS - ACIPA

1. AURICILENE EVANGELISTA DE SOUSA
2. ALBERTINA EVANGELISTA CORREA
3. AUREA DE REIS DE SOUSA NOLETO
4. ALDECY EVANGELISTA DE SOUSA CORREA
5. ADELICE BARBOSA CABRAL
6. ANGELA NOLETO DA LUZ
7. ANGELA MARIA SANTANA D. BEZERRA
8. AURENICE CARVALHO LIMA
9. ALDINÊ PEREIRA DA SILVA
10. AUREA CÉLIA DE SOUSA E SILVA
11. BEATRIZ GUIMARÃES ARAUJO
12. CLAUDENES C. DE AS ANDRADE
13. CLINAURA MARIA NOLETO CARVALHO
14. ANTONIA DE S. CORREA
15. CICERA TERESA ARAUJO DE SOUSA
16. CLAUDINETE EVANGELISTA DE OLIVEIRA
17. CERES MARIA GALVÃO BRITO
18. CORINA EVANGELISTA DE SOUSA
19. CARMEM LÚCIA DIAS SOUSA
20. CLAUDIA DE JESUS DA COSTA SANTOS
21. CLEDIMAR DA COSTA DA COSTA
22. DIANA M.P.DE AS
23. DAMIANA DIAS FERREIRA
24. DAMIANA DE CARVALHO DA SILVA
25. DAYANE DA SILVA
26. DELMIRA DIAS FERREIRA
27. DALVA PERES
28. EVA MARIA VILARINHO CORREA
29. ELOSINA FREITAS NOLETO
30. EDNA FERREIRA JUSTO DE CARVALHO
31. FRANCISCA PAIVA BARBOSA
32. FRANCISCA LIMA TORRES
33. FRANCILENE MADEIRA COELHO
34. FRANCILEIDE DE JESUS SILVA
35. FARNCISCA BARBOSA MIRANDA
36. FRANCISCA DE CARVALHO NOLETO
37. FRANCISCA LIMA CORREA
38. FRANCISCA DA COSTA CORREA
39. FLORACI S. NOLETO
40. GIRLENE BESERRA DE SOUSA

ANEXO B – Projeto Empreender SEBRAE e ACIPA

44. JOSILDETE OLIVEIRA NOLETO
45. JOSE ALMEIDA VIEIRA DE SOUSA
46. JOSEFA DA CONCEIÇÃO SOUSA CRUZ
47. JORDÂNIA MARIA CARVALHO DA SILVA ROCHA
48. JOANICE RIBEIRO DA ARAUJO
49. JOSEFA DE SOUSA CARVALHO
50. JOSELIA PAIVA DA SILVA
51. JOANA DAR'C CARVALHO DE S.
52. JANETE PEREIRA DA SILVA
53. JORDÂNIA SOUSA DE L. BELCHIOR
54. JOANA GOMES DE SOUSA
55. LUZINEIDE PEREIRA DE S.
56. LUZIA NOLETO MENDES DE SOUSA
57. LAURA CELESTINO RAMOS GUIMARÃES
58. MARIA EDITE CORREA
59. MARIA ELUINA SILVA DOS SANTOS
60. MARIA ELIZABETH R. DA SILVA
61. MARIA DA CRUZ ALVES DOS REIS
62. MARIA DA CONCEIÇÃO CARVALHO DE SOUSA
63. MARIA ZOE PEREIRA GALVÃO
64. MARIA MADALENA DIAS
65. MARIA AMELIA EVANGELISTA DE SOUSA
66. MARIA JOSE BALSANULFA DE FREITAS
67. MARIA AMÉLIA S. CORREA
68. MARIA NILZA DOS SANTOS SOUSA
69. MARIA DA GUIA COELHO DE SOUSA
70. MARIA DA PAZ RIBEIRO LEAL
71. MARIA DA GUIA SOUSA SANTOS
72. MARIA DO SOCORRO DA SILVA BRITO
73. MARIA MADALENA RODRIGUES DIAS
74. MARIA GUIMARÃES DE SOUSA
75. MARIA SILVANICE ALVES DE SOUSA
76. MARIA GUALBERTO DA ARAUJO
77. MARIA DELU DA COSTA
78. MARIA MADALENA DE ARAUJO E SILVA
79. MARIA JOSE P. SANTOS SILVA
80. MARIA LJMA DA SILVA
81. MARIA SAMIA DE SOUSA LOPES
82. MARIA DE JESUS DIAS FERREIRA
83. MARIA LUZIA TAVARES DE OLIVEIRA
84. MARIA DO SOCORRO DA SILVA BRITO
85. MARTA MARIA DA SILVA BRITO
86. NICIEL DE FREITAS QUEIROZ
87. RAIMUNDA OLIVEIRA DA SILVA
88. ROSEMBERG COELHO SILVA
89. ROSANGELA ALVES SANDES
90. RITA C. PEREIRA

ANEXO C – “I Mostra dos Bordados de São João dos Patos: Linhas e Perfeição”, realizada na cidade de São Luís, no Shopping Center São Luís, no ano de 2003. Jornal O Estado do Maranhão.

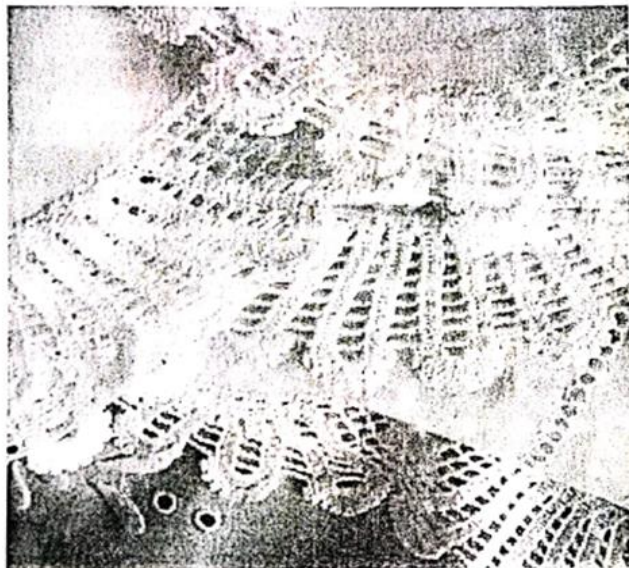
I Mostra dos Bordados de São João dos Patos
“Linhas e Perfeição” - 02 à 09 de maio 2003 - São Luís Shopping

Bordadeiras farão mostra de trabalhos em São Luís

SÃO JOÃO DOS PATOS - Promovido pelo Projeto Empreender, programa de estímulo ao empreendedorismo, desenvolvido pelo Sebrae e Federação das Associações Empresariais do Maranhão (FAEM), e em parceria com a Associação Comercial Patoense, Prefeitura de São João dos Patos, Gerência de Artesanato e Desenvolvimento do Sertão Maranhense e Rotary Clube de São João dos Patos, será realizado de amanhã até o dia 9 de maio, no São Luís Shopping Center, a I Mostra dos Bordados de São João dos Patos: “Linhas e Perfeição”.

A mostra reúne trabalhos de bordadeiras que compõem um grupo de 87 artistas, que exporão o melhor em bordado artesanal. As técnicas mais utilizadas são as de ponto cruz, ponto cheio e richelieu. Serão apresentadas peças como guardanapos de diversos tamanhos, toalhas e caminhos de mesa, jogos americanos, jogos para cozinha e banheiro, jogos para almofada, colchas, sachês, toalhas e roupão de banho, rede de tear com linha e até roupas bordadas artesanalmente.

Segundo Oficina Piorski, consultora do Projeto Empreender, algumas peças serão bordadas durante o período da mostra, a partir de modelo e cor de preferência dos clientes pelas bordadeiras que estarão presentes. “A mostra, além de ter bonitos presentes para as mães e



BORDADO feito por artesãs de São João dos Patos, que estará à venda

belos artigos decorativos, é uma excelente oportunidade para boutiques, buffets, restaurantes e hotéis fecharem bons negócios diretamente com as bordadeiras”, diz a consultora.

POTENCIAL - Localizado a 570 km da capital, o município de São João dos Patos é conhecido pela beleza e qualidade dos seus bordados. Por tamanha potencialidade, estes bordados hoje começam a ganhar mercado, já sendo admira-

do e valorizado também em outros países.

Tradição que existe há décadas na região, as técnicas de bordado passaram de mãe para filha, de esposa para marido e de avó para neta, sendo produzidas nos melhores linhos e com extrema perfeição nos pontos. Difícil imaginar na região uma família que não tenha pelo menos uma bordadeira. “É uma tradição que passa de mãe para filha”, conta Oficina Piorski.

O Estado do Maranhão - 01.05.2003

ANEXO D - Ofício de solicitação de reunião emitida pelo SEBRAE a associação Casa do Bordado Fios e Formas.



SOLICITAÇÃO DE REUNIÃO

ATT: Diretoria da Casa do Bordado

Gostaríamos de solicitar da Direção da Casa do Bordado, reunião com os sócios efetivos para tratar dos seguintes assuntos:

- 1- Número efetivo de participantes nas ações; ✓
- 2- Aluguel Casa do Bordado; ✓
- 3- Movimento de caixa do mês de Setembro; ✓
- 4- II Mostra Fios e Formas SLZ Shopping; ✓
- 5- Processo de treinamentos; ✓
- 6- Aprovação do Estatuto e Regimento Interno; ✓
- 7- Comunicado Sebrae; ✓
- 8- Recesso para eleições ✓

Queríamos ainda informar que a referida reunião, conforme acordado, acontecerá no dia **25/09/04 às 16:00** nas dependências da Casa do Bordado.

Sem mais para o momento
Subscrevo-me


Luís Walter Muniz
CR-Bordados / Sebrae-MA

ANEXO E – Estatuto da Associação Casa dos Bordados Fios e Formas de São João dos Patos.

ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO CASA DE BORDADOS FIOS E FORMAS DE SÃO JOAO DOS PATOS

CAPÍTULO I

DA DENOMINAÇÃO, SEDE, DURAÇÃO E OBJETIVO.

ART 1º - A ASSOCIAÇÃO CASA DE BORDADOS FIOS E FORMAS DE SÃO JOAO DOS PATOS é uma sociedade civil, sem fins lucrativos, que se regerá por este Estatuto e pelas disposições legais aplicáveis.

ART 2º - A Associação terá sua sede a Av. Presidente Médici, S N, cidade de São João dos Patos, CEP 65.665-000, município do mesmo nome e foro jurídico na Comarca de São João dos Patos, Estado do Maranhão.

ART 3º - O prazo de duração da associação é por tempo indeterminado e o exercício social coincidirá com o ano civil.

ART 4º - É objetivo da associação congregar artesãos que trabalham com a arte de bordados, para o desenvolvimento de suas atividades, bem como a defesa das atividades econômicas, sociais e culturais de seus associados.

ART 5º - Para consecução do seu objetivo, a associação poderá:

- a) Promover a capacitação associativista e profissional do quadro social, funcional, técnico, executivo e diretivo da Associação;
- b) Proporcionar, através de convênios com organizações governamentais (municipais, estaduais e federais) e não-governamentais, serviços de assessoramento técnico, gerencial e jurídico e assistência social e de saúde aos seus associados;
- c) Representar os associados coletivamente, agindo como sua mandatária, nos contratos e convênios firmados;
- d) Adquirir, construir ou alugar os imóveis necessários ao desenvolvimento de suas instalações administrativas e técnicas;
- e) Adquirir bens e materiais para uso comum de seus associados;
- h) Trabalhar para o desenvolvimento sustentado da sua comunidade, mediante políticas aprovadas pelos membros;
- i) Manter serviços próprios de recreação, assistência educacional e jurídica, constituindo-se, neste particular, em mandatária dos associados no que diz respeito à ecologia, ao meio ambiente, limpeza pública e a defesa do consumidor.

CAPÍTULO II

DOS ASSOCIADOS

SEÇÃO I

DA ADMISSÃO, DEMISÃO, ELIMINAÇÃO E EXCLUSÃO

ART 6º - Podem ingressar na associação, todos os profissionais de bordados do município de São João dos Patos, que concordem com as disposições deste Estatuto e que, pela ajuda mútua deseje contribuir para a consecução dos objetivos da sociedade.

Parágrafo Único - A admissão poderá ficar condicionada à capacidade técnica de prestação de serviços.

ANEXO E – Estatuto da Associação Casa dos Bordados Fios e Formas de São João dos Patos.

ART 7º - A demissão dar-se-á a pedido do associado, mediante carta dirigida ao Presidente, não podendo ser negado, permanecendo o associado responsável por obrigações financeiras assumidas até a data da demissão.

ART 8º - A eliminação será aplicada pela Diretoria ao associado que infringir qualquer disposição legal ou estatutária, depois do infrator ter sido notificado por escrito.

- O atingido poderá recorrer para a Assembléia Geral dentro do prazo de 30 (trinta) dias, contados da data do recebimento da notificação.
- O recurso terá efeito suspensivo até a realização da primeira Assembléia Geral.
- A eliminação considerar-se-á definitiva se o associado não tiver recorrido da penalidade, no prazo previsto no item a deste artigo.

Art.9º - A exclusão do associado ocorrerá por morte, incapacidade física não suprida, ou ainda por deixar de atender aos requisitos exigidos para a sua admissão ou permanência na associação.

SEÇÃO II

DOS DIREITOS, DEVERES E RESPONSABILIDADES.

ART 10º - São direitos do associado:

- Gozar de todas as vantagens e benefícios que a associação venha a conceder;
- Votar e ser votado para membro da Diretoria ou do Conselho Fiscal, desde que esteja em dias com suas obrigações como associado;
- Participar das reuniões da Assembléia Geral, discutindo e votando os assuntos que nelas se tratarem;
- Consultar os livros e documentos da associação, em épocas próprias;
- Solicitar, a qualquer tempo sob compromisso de sigilo, esclarecimentos e informações sobre as atividades da associação e propor medidas que julgue de interesse para o seu aperfeiçoamento e desenvolvimento;
- Convocar a Assembléia Geral e fazer-se nela representar, nos termos e nas condições previstas neste Estatuto;
- Demitir-se da associação quando lhe convier.

Parágrafo Único - O associado que aceitar estabelecer relação empregatícia com a associação, perde o direito de votar e ser votado, até que sejam aprovadas as contas do exercício em que deixar o emprego.

ART. 11º - São deveres do associado:

- Observar as disposições legais e estatutárias, o regimento interno, bem como as deliberações, regularmente tomadas pela Diretoria e pela Assembléia Geral;
- Respeitar os compromissos assumidos para com a associação;
- Manter em dia as suas contribuições;
- Contribuir, por todos os meios ao seu alcance, para o bom nome e para o progresso da associação.

ART.12º - Os associados não responderão, ainda que subsidiariamente, pelas obrigações contraídas pela associação salvo aquelas deliberadas em Assembléia Geral e na forma em que o forem.

CAPÍTULO III

DO PATRIMÔNIO

ART. 13º - O patrimônio da associação será constituído:

ANEXO E – Estatuto da Associação Casa dos Bordados Fios e Formas de São João dos Patos.

- a. Pelos bens de sua propriedade;
- b. Pelos auxílios, doações ou subvenções provenientes de qualquer entidade pública ou privada;
- c. Pelas contribuições dos próprios associados, estabelecidas anualmente pela Assembléia Geral;
- d. Pelas receitas provenientes da prestação de serviços.

CAPÍTULO IV

ÓRGÃOS SOCIAIS

SEÇÃO I

ASSEMBLÉIA GERAL

ART. 14º - A Assembléia Geral dos associados é o órgão supremo da associação, e dentro dos limites legais, deste Estatuto, poderá tomar toda e qualquer decisão de interesse para a sociedade e, suas deliberações vinculam e obrigam a todos, ainda que ausentes ou discordantes.

ART.15º - A Assembléia Geral reunir-se-á ordinariamente, uma vez por ano, no decorrer do 1º trimestre e, extraordinariamente, sempre que for julgado conveniente.

ART.16º - Compete à Assembléia Geral Ordinária, em especial:

- a. Apreciar e votar o relatório, balanço e contas da Diretoria e o parecer do Conselho Fiscal;
- b. Eleger e empossar os membros da Diretoria e do Conselho Fiscal;
- c. Estabelecer o valor da contribuição anual dos associados;
- d. Conceder títulos honoríficos à pessoa físicas ou jurídicas que por sua colaboração à associação o mereça.

ART. 17º - Compete à Assembléia Geral Extraordinária, em especial:

- a. Deliberar sobre a dissolução voluntária da associação e, neste caso, nomear os liquidantes e votar as respectivas contas;
- b. Decidir sobre a mudança do objetivo e sobre a reforma do Estatuto Social;
- c. Outros assuntos de interesse da sociedade.

ART. 18º - É de competência da Assembléia Geral Ordinária e Extraordinária a destituição da Diretoria e do Conselho Fiscal.

Parágrafo Único - Ocorrendo a destituição, que possa comprometer a regularidade da administração ou fiscalização da associação, a Assembléia Geral designará diretrizes e conselheiros fiscais provisórios, até a posse de novos, cuja eleição se fará no prazo máximo de 30 (trinta) dias.

ART. 19º - O "quorum" para a instalação da Assembléia Geral será de 2/3 (dois terços) do número de associados, em primeira convocação, de metade mais um do número de associados em segunda convocação, e de qualquer número, em terceira convocação, sempre obedecendo ao intervalo de trinta minutos entre uma convocação e outra.

- a. As deliberações serão tomadas por maioria simples de votos dos associados presentes, executando-se os casos previstos no art. 17, em que é exigida a maioria de 2/3 (dois terços).
- b. Cada associado terá direito a um só voto, vedado à representação, e a votação será pelo voto secreto, salvo deliberação em contrário pela associação.

ART.20º - A Assembléia será normalmente convocada pelo Presidente, mas, se ocorrerem motivos graves ou urgentes, poderá também ser convocada por qualquer outro membro da

ANEXO E – Estatuto da Associação Casa dos Bordados Fios e Formas de São João dos Patos.

Diretoria, pelo Conselho Fiscal, ou ainda por 1/5 (um quinto) dos associados em pleno gozo dos direitos sociais, após solicitação não atendida.

ART. 21º - A Assembléia Geral será convocada com antecedência mínima de 05 (cinco dias), mediante aviso enviado aos associados e afixado nos lugares públicos mais freqüentados.

ART. 22º - A Mesa de Assembléia será constituída pelos membros da Diretoria ou, em suas faltas ou impedimentos, pelos Membros do Conselho Fiscal.

Parágrafo Único - Quando a Assembléia não tiver sido convocada pelo Presidente, a Mesa será constituída por 04 (quatro) associados, escolhidos na ocasião.

ART. 23º - O que ocorrer nas reuniões de Assembléia deverão constar da Ata, aprovada e assinada pelos membros presentes.

SEÇÃO II

DA ADMINISTRAÇÃO E FISCALIZAÇÃO

ART. 24º - A administração e fiscalização da associação serão exercidas, respectivamente, por uma Diretoria e por um Conselho Fiscal.

ART. 25º - A Diretoria será constituída por 06 (seis) elementos efetivos, com as designações de Presidente, Vice-Presidente, 1º e 2º Secretários e 1º e 2º Tesoureiros, eleitos, para um mandato de 04 (quatro) anos, entre associados em pleno gozo de seus direitos sociais, sendo permitida a reeleição por mais um mandato consecutivo.

Parágrafo Único - Nos impedimentos superiores a 90 (noventa) dias, ou vagando, a qualquer tempo algum cargo da Diretoria, os membros restantes deverão convocar a Assembléia Geral para o devido preenchimento.

ART. 26º - Compete à Diretoria, em especial:

- a. Estabelecer normas, orientar e controlar todas as atividades e serviços da associação;
- b. Analisar e aprovar os planos de atividades e respectivos orçamentos, bem como quaisquer programas próprios de investimento;
- c. Propor à Assembléia geral o valor da contribuição anual dos associados e fixar as taxas destinadas a cobrir as despesas operacionais e outras;
- d. Contrair obrigações, transigir, adquirir, alienar ou onerar os bens móveis, ceder direitos e constituir mandatários;
- e. Adquirir, alienar ou onerar bens imóveis, com expressa autorização da Assembléia Geral;
- f. Deliberar sobre a admissão, demissão, eliminação ou exclusão de associados;
- g. Indicar o banco ou os bancos nos quais deverão ser feitos depósitos do numerário disponível e fixar o limite máximo que poderá ser mantido em caixa;
- h. Zelar pelo cumprimento das disposições legais e estatutárias e pelas deliberações tomadas pela Assembléia Geral;
- i. Deliberar sobre a convocação da Assembléia Geral;
- j. Apresentar à Assembléia Geral Ordinária o relatório e as contas de sua gestão, bem como o parecer do Conselho Fiscal;
- k. Nomear, dentre os associados, responsáveis pelos departamentos, ou setores administrativos e técnicos que forem criados.

ART. 27º - A Diretoria reunir-se-á ordinariamente uma vez por mês e, extraordinariamente, sempre que for convocada pelo respectivo Presidente, por qualquer outro de seus membros, ou por solicitação do Conselho Fiscal.

ANEXO E – Estatuto da Associação Casa dos Bordados Fios e Formas de São João dos Patos.

- a. A Diretoria considerar-se-á reunida com a participação mínima dos seus membros titulares, sendo as decisões tomadas por maioria simples de votos, cabendo ao Presidente o voto de desempate.
- b. Será lavrada Ata de cada reunião, em livro próprio, no qual serão indicados os nomes dos que comparecerem e as resoluções tomadas. A Ata será assinada por todos os presentes.

ART. 28º - Compete a(o) Presidente:

- a. Supervisionar as atividades da associação, através de contatos assíduos com os demais membros da Diretoria;
- b. Autorizar os pagamentos e verificar frequentemente o saldo de "caixa";
- c. Convocar e presidir as reuniões da Diretoria e da Assembléia Geral;
- d. Apresentar à Assembléia Geral, o relatório e os balanços anuais, com o parecer do Conselho Fiscal;
- e. Representar a associação, em juízo e fora dele;

ART.29º - Compete a(o) Vice-Presidente assumir e exercer as funções de Presidente, no caso de ausência ou vacância.

ART. 30º - Compete a(o) Secretária(o):

- a. Lavrar ou mandar lavrar as Atas das reuniões da Diretoria e da Assembléia Geral, tendo sobre sua responsabilidade os respectivos livros;
- b. Elaborar ou mandar elaborar a correspondência, relatórios e outros documentos análogos;
- c. O(a) 2º Secretario(a) substituirá o(a) 1º Secretario(a) em caso de ausência ou vacância.

ART.31º - Compete a(o) Tesoureira(o):

- a. Arrecadar as receitas e depositar o numerário disponível, no banco ou bancos designados pela Diretoria;
- b. Proceder ou mandar proceder através de cheques bancários aos pagamentos autorizados pelo Presidente;
- c. Proceder ou mandar proceder à escrituração do livro auxiliar de caixa, visando-o e mantendo-o sob sua responsabilidade;
- d. Verificar e visar os documentos de receita e despesa;
- e. Zelar para que a contabilidade da associação seja mantida em ordem e em dia;
- f. Zelar pelo reconhecimento das obrigações fiscais, tributárias, providenciárias e outras, devidas ou de responsabilidade da associação;
- g. O(a) 2º Tesoureiro(a) substituirá o(a) 1º Tesoureiro(a) em caso de ausência ou vacância.

ART.32º - O Regimento Interno será elaborado com base nesse Estatuto por normas estabelecidas pela diretoria, baixadas sobre a forma de resolução.

ART.33º - Para a movimentação bancária, celebração de contratos de qualquer natureza, cedência de direitos e constituição de mandatários, será sempre necessária a assinatura de dois Diretores.

ART. 34º - O Conselho Fiscal da Associação será constituído por três membros efetivos e tres suplentes, eleitos para um mandato de quatro anos, sendo também permitida a reeleição por 1 mandato consecutivo.

- a. O Conselho considerar-se-á reunido, com a participação mínima de 03 (três) de seus membros, sendo as decisões tomadas por maioria simples de votos;
- b. Será lavrada Ata de cada reunião, em livro próprio, no qual serão indicados os nomes dos que comparecerem e as resoluções tomadas. A Ata será assinada por todos os presentes.

ANEXO E – Estatuto da Associação Casa dos Bordados Fios e Formas de São João dos Patos.

CAPÍTULO V

A CONTABILIDADE

ART. 35º- A Contabilidade da associação obedecerá as disposições legais ou normativas vigentes e tanto ela como os demais registros obrigatórios deverão ser mantidos em perfeita ordem e em dia.

Parágrafo Único - As contas, sempre que possível, serão apuradas segundo a natureza das operações e serviços e o balanço geral será levantada a 31 de dezembro de cada ano.

CAPÍTULO VI

OS LIVROS

ART.36º - A Associação deverá ter:

- a. Livro de matrícula de associados;
- b. Livro de atas de reunião da Diretoria;
- c. Livro de atas de reunião do Conselho Fiscal;
- d. Livro de atas da Assembléia Geral;
- e. Livro de presença dos associados em Assembléia;
- f. Outros livros, fiscais, contábeis, etc., exigida pela Lei ou Regimento Interno.

CAPÍTULO VII

DISSOLUÇÃO

ART. 37º - A associação será dissolvida, por vontade manifestada em Assembléia Geral Extraordinária, expressamente convocada para o efeito, observado a disposta letra a do art.17 e a do art.19 deste Estatuto.

ART. 38º - Em caso de dissolução e liquidados os compromissos assumidos, a parte remanescente do patrimônio não poderá ser distribuída entre os associados, sendo doado a instituição congênere, sediada neste município legalmente constituída, em atividade para ser aplicada nas mesmas finalidades da associação dissolvida.

Parágrafo Único - Não havendo sociedade qualificada nos termos deste art., o remanescente será destinado ao Fundo Fiscal de Solidariedade.

CAPÍTULO VIII

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

ART. 39º- É vedada a remuneração dos cargos de Diretoria e do Conselho Fiscal, bonificados ou vantagens a dirigentes, mantenedores ou associados, sob nenhuma forma ou pretexto.

ART. 40º - A associação não distribuirá dividendos de espécie alguma, nem qualquer parcela de seu patrimônio, ou de suas rendas, a título de lucro ou participação no seu resultado, aplicando integralmente o superávit eventualmente verificado em seus exercícios

**ANEXO F - Decreto de Lei Nº 30.618 de janeiro de 2015 do Governo do Maranhão.
Mudanças de nome de prédios públicos que homenageiam pessoas vivas.**



ESTADO DO MARANHÃO

PROCURADORIA DE ESTUDOS, DOCUMENTAÇÃO E DIVULGAÇÃO JURÍDICA.

DIÁRIO OFICIAL Nº 001 DE 02 DE JANEIRO DE 2015

DECRETO Nº 30.618 DE 02 DE JANEIRO DE 2015

Dispõe sobre a denominação de logradouros e prédios públicos sob o domínio ou gestão estadual, e dá outras providências.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO MARANHÃO, no uso das atribuições que lhe conferem os incisos III e V do art. 64 da Constituição Estadual,

DECRETA:

Art. 1º. A partir desta data, fica vedado aos Secretários de Estado, aos Dirigentes de entidades integrantes da Administração Indireta e a quaisquer agentes que exerçam cargos de direção, chefia e assessoramento no âmbito do Poder Executivo, atribuir ou propor a atribuição de nome de pessoa viva a bem público, de qualquer natureza, pertencente ou sob gestão do Estado do Maranhão ou das pessoas jurídicas da Administração Estadual Indireta.

Parágrafo único. A vedação de que trata o "caput" estende-se aos nomes das pessoas, ainda que falecidas, que tenham constado do Relatório Final da Comissão Nacional da Verdade de que trata a Lei nº 12.528, de 18 de novembro de 2011, como responsáveis por crimes cometidos durante a ditadura militar.

Art. 2º. As iniciativas visando à denominação de bens públicos, quando tenham como finalidade homenagear pessoas de reconhecida idoneidade, serão instruídas com:

I - justificativa que consigne os relevantes serviços que, em vida, o homenageado tenha prestado ao Estado ou à comunidade com a qual conviveu;

II - Certidão de Óbito;

III - Curriculum-vitae;

IV - declaração, negativa ou positiva de denominação anterior, exarada pelo órgão ou entidade responsável pelo bem a que se referir a iniciativa.

Art. 3º. Por iniciativa de quaisquer dos agentes mencionados no art. 1º, poderá haver a alteração de denominação atualmente atribuída, obedecendo-se aos critérios fixados no art. 2º.

Art. 4º. Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

PALÁCIO DO GOVERNO DO ESTADO DO MARANHÃO, EM SÃO LUÍS, 02 DE JANEIRO DE 2015, 194º DA INDEPENDÊNCIA E 127º DA REPÚBLICA.

FLÁVIO DINO
Governador do Estado do Maranhão

MARCELO TAVARES SILVA
Secretário-Chefe da Casa Civil

ANEXO F - Decreto Estadual Nº 31.469 de 4 de janeiro de 2016. Formaliza as alterações nos nomes das escolas públicas da rede estadual de ensino.



SUMÁRIO

Poder Executivo	01
Casa Civil	04
Secretaria de Estado do Planejamento e Orçamento	27
Secretaria de Estado da Gestão e Previdência	29
Secretaria de Estado da Fazenda	49
Secretaria de Estado da Saúde	51
Secretaria de Estado de Indústria e Comércio	52
Secretaria de Estado de Transparência e Controle	57
Secretaria de Estado da Comunicação Social e Assuntos Políticos ...	57
Secretaria de Estado da Educação	58

PODER EXECUTIVO

DECRETO Nº 31.469, DE 4 DE JANEIRO DE 2016.

Altera o nome das escolas da rede pública estadual de ensino.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO MARANHÃO, no uso das atribuições que lhe conferem os incisos III e V do art. 64 da Constituição Estadual,

DECRETA

Art. 1º Ficam alterados os nomes das escolas da rede pública estadual de ensino, conforme disposto no Anexo Único deste Decreto.

Art. 2º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

PALÁCIO DO GOVERNO DO ESTADO DO MARANHÃO, EM SÃO LUÍS, 4 DE JANEIRO DE 2016, 195ª DA INDEPENDÊNCIA E 128ª DA REPÚBLICA.

FLÁVIO DINO

Governador do Estado do Maranhão

MARCELO TAVARES SILVA

Secretário - Chefe da Casa Civil

Republicado por Incorreção.

ANEXO ÚNICO

URE	MUNICÍPIO	NOME ANTIGO	NOVO NOME
Santa Inês	Bom Jardim	CE Gov. José Sarney	CE Profª Maria Luiza Rodrigues de Sousa
	Pindaré Mirim	CE José Sarney Costa	CE. Profª João Cardoso Campos
		CE Joana Fernandes de Moraes Santos	CE Profª Raimunda Matos
	Santa Inês	CE José Sarney	CE. Poeta Antonio José
Santa Luzia	CE Gov. João Alberto	CE. Cicero Ferreira Silva	
Bacabal	Bacabal	CE Roseana Sarney	CE. Isabel Castro Viana
		CE Presidente José Sarney	CE. Maria Casimiro Soares
		CE. Leda Maria Chaves Tajra	CE. Professor Juares Gomes
		U.I Dep. João Alberto de Sousa	U.I Professora Maria Cleuza Silva de Oliveira
	Lago Verde	U.I Leda Tajra	U.I Artur Linhares
São João dos Patos	Olho D'Água das Cunhãs	CE Marco Maciel	CE. José de Matos Oliveira
	Buriti Bravo	CE Prof. Leda Tajra	CE Professora Zuleica Santos
	Mirador	CE Gov. Edson Lobão	CE Isa Raposo Borba Guimarães
	Pastos Bons	CE Gov. João Castelo	CE. Professor Ribamar Torres
São Luís	São João dos Patos	CE Edson Lobão	CE. Josélia Almeida Ramos
	São Luís	CE Gov. Edson Lobão	CE. João Francisco Lisboa
		CE Roseana Sarney Murad	CE. Professora Estefania Rosa da Silva
		U.I Roseana Sarney	U.I João Evangelista Serra dos Santos
Chapadinha	Alcântara	CE Dr. João Leitão	CE. Professor Aquilino Batista Vieira
	Água Doce do MA	CE Dr. José Sarney	CE. José Vieira da Silva
	Anapurus	CE Dr. José Maria Cabral Marques	CE. Dep. Júlio Pires Monteles
	Magalhães de Almeida	CE Prefeito Neto Carvalho	CE. Professor Dionilio Gonçalves Costa
	Tutoia	CE Zilmar Melo Araújo	CE Liceu Tutoiense
Caxias	Afonso Cunha	CE Dr. Carlos Magno Bacelar	CE. Professor Paulo Freire
	Coelho Neto	CE Dr. Carlos Magno Duque Bacelar	CE. Albert Einstein
		CE. José Sarney	CE. Professor Antonio Nonato Sampaio
	Caxias	U.E Gov. José Sarney	U.E Professora Raimunda Barbosa Gonçalves de Jesus

ANEXO G: Relatório de visita de campo produzido pelos estudantes

Centro Educa Mais Josélia Almeida Ramos

São João dos Patos – MA

Disciplina: História Série: 2ª Ano Turma: 202

Professora: Tainah Oliveira

Integrantes: [REDACTED]

RELATÓRIO

A visita de campo a Casa dos Bordados ocorreu no dia 23/11/22 às 8:15hs. Ao chegarmos lá percebemos que o lugar é bastante amplo, arejado e aconchegante e bem estruturado. A sua localização está situada na Avenida Presidente Médici, em São João dos Patos-MA, O seu funcionamento é de segunda a sexta-feira das 8:00 da manhã até 17:30hrs e aos sábados das 8:00 as 11:30hrs.

Em seguida ao adentrarmos a Casa dos Bordados podemos ouvir a professora Tainah apresentar um pouco sobre a história dos bordados e a sua origem na cidade de São João dos Patos. A cidade ficou conhecida como capital dos bordados, título dado no dia 10 de março de 2020 através de uma proposição de uma lei elaborada pelo deputado estadual Dr. Iglésio, que então foi aprovada pelo governador Flávio Dino. A tradição dos bordados na cidade vem desde de o século XIX, quando os primeiros imigrantes trouxeram para a cidade as primeiras revistas de bordados e de lá pra cá esses desenhos se popularizaram. Os principais bordados eram o ponto cruz, o crochê, bainha aberta e o rechilieu.

Além dessas informações podemos entender um pouco como surgiu a casa dos bordados, essas que surgiu no início dos anos 2000 quando uma pesquisa feita pelo SEBRAE e ACIPA identificaram o bordado como fonte de renda e potencial produto para comercializar na cidade, essas instituições incentivaram criação da casa dos bordados, essa que só foi registrado no cartório no dia 20 junho de 2005.

Em seguida podemos observar os bordados como também as bordadeira, foi nesse momento que tivemos a oportunidade de conhecemos pessoalmente a dona Rita, e em uma boa conversa ela nos contou mais um pouco da sua vivência e especialista, que é o crochê. A mesma trabalha com peças

específicas, que são sutiãs, varandas de rede e dentre outros. Ela nos contou também que o que a levou a produzir crochê foi a curiosidade e necessidade de querer trabalhar, e com a ajuda de uma vizinha que a ensinou o crochê ela seguiu assim a profissão de bordadeira.

Findada a visita a casa dos bordados, podemos dizer que a visita foi ótima e bem aproveitadora, apesar do imprevisto com o ônibus, podemos dizer que tivemos uma manhã de muito aprendizado.

ANEXO G: Relatório de visita de campo produzido pelos estudantes



ANEXO G: Relatório de visita de campo produzido pelos estudantes

CENTRO EDUCA MAIS JOSÉLIA ALMEIDA RAMOS

EQUIPE: [REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

Visita á Casa dos Bordados

São João dos Patos- MA, 23 de novembro/2022

ANEXO G: Relatório de visita de campo produzido pelos estudantes

Chegamos ao local por volta das 8h15 da manhã. É um lugar cheio de diversas e encantadoras peças bordadas, há uma grande riqueza cultural.

A Casa dos Bordados fica localizada na Avenida Presidente Médici, funciona de segunda à sexta das 8h00 da manhã até as 11h30.

Em primeiro lugar, foi feita uma apresentação da professora Tainah, sobre como começou o funcionamento do prédio, a origem de alguns bordados e quem os criou. Logo após, fomos entrevistar e tirar dúvidas com a bordadeira na qual fizemos a biografia sobre (Ceres Maria Galvão Brito), ela nos contou sobre sua vida e nos mostrou algumas de suas peças.

Casa dos Bordados foi registada no cartório no dia 20 de junho de 2005, porém, São João dos Patos só recebeu o título oficial de capital dos bordados em 10 de março de 2022, título concedido pelo projeto de lei N° 11.218 proposta pelo deputado federal Dr. Yglesio.

ANEXO G: Relatório de visita de campo produzido pelos estudantes

Também nos foi falado algumas das especialidades das bordadeiras, como o crochê, o ponto cruz, a bainha aberta, dentre outros.



ANEXO G: Relatório de visita de campo produzido pelos estudantes

Por fim, foi adquirido diversos conhecimentos sobre nossa cultura e sobre a vida das bordadeiras. Um momento de muito aprendizado, e que com toda certeza, nos motivou a valorizar a riqueza e a arte que habita em nossa cidade.



Visita terminada por volta das 9h10.

ANEXO G: Relatório de visita de campo produzido pelos estudantes

PROJETO: ENTRE AGULHAS E LINHAS

Prof^a Tainah Myrene

Relatório: Visita à Casa dos Bordados.



Equipe: [REDACTED]
[REDACTED]
[REDACTED]

São João dos Patos-MA

ANEXO G: Relatório de visita de campo produzido pelos estudantes

1. INTRODUÇÃO

A Casa dos Bordados é um ponto histórico e turístico da cidade de São João dos Patos, no Maranhão. Está localizada na Avenida Presidente Médici, e funciona de segunda a sexta das 8h às 17h30m, e aos sábados das 8h às 11h30m.

A visita teve início às 8h30m e teve encerramento 9h20m. Durante esse tempo que estivemos lá, aprendemos um pouco sobre a história da Casa dos Bordados, conhecemos mulheres bordadeiras, e estas, nos passaram várias informações sobre os estilos de bordados, acessórios, peças de vestuário, dentre vários outros materiais disponíveis na Casa dos Bordados.

A seguir, vamos apresentar mais detalhes sobre a visita, o que foi visto e apresentado lá, como funciona a Casa dos Bordados e um pouco sobre ela.

2. DECORRER DA VISITA

Ao entrarmos, a primeira coisa que vemos é um painel, um quadro cheio de diversos tipos de bordados e crochês, que pode ser visto na foto abaixo:



ANEXO G: Relatório de visita de campo produzido pelos estudantes

Em seguida, nos organizamos em um semi-círculo em frente a esse painel, onde a professora Tainah se posicionou no centro e começou a falar sobre a origem de alguns bordados, do crochê e da própria Casa dos Bordados.



Depois, fomos liberados a observar, fotografar e perguntar sobre os bordados e crochês, acessórios e etc. da casa.

3. ALGUNS OBJETOS DA CASA DOS BORDADOS

A primeira mulher bordadeira com quem conversamos foi dona Cleonice, que nos apresentou alguns chaveiros e pesos de porta, e nos demonstrou como se faz eles.

3.1 Chaveiro caju e cajuí:

ANEXO G: Relatório de visita de campo produzido pelos estudantes

Relatório de Aprendizagem

- O bordado chegou ao país pelas mãos dos colonizadores portugueses e teria sido difundido em São João dos Patos na primeira metade do século XX, período em que a cidade se destacava como um dos maiores produtores de algodão do estado, e foi nesta época que surgiram as bordadeiras, crocheteiras e costureiras criando bordados nos moldes europeus.
- A Srta Riego de Blanchardière após ter ensinado a técnica do crochê à corte da rainha Victoria publica a primeira revista sobre o assunto: “The Needle”. Editou numerosos modelos e criou, o ponto aujourd hoje chamado de crochê irlandês.
- São João dos Patos recebeu título oficial de capital dos bordados no 10 de março de 2022, título este concedido por projeto de lei 11.218 proposta pelo deputado federal Dr. Yglesio (PROS).
- Durante muito tempo, inclusive até hoje na vida de muitas mulheres, o bordado foi uma fonte de renda financeira que inúmeras mulheres encontraram para poder se sustentar e sustentar suas famílias na região nordestina, principalmente em São João dos Patos, cidade do Maranhão.
- Algumas dessas mulheres se reuniram, procuraram apoio e patrocínio, e conseguiram fundar a Casa dos Bordados, com o apoio do Governo do Maranhão, Banco do Brasil e a Prefeitura da cidade.
- A Associação Casa dos Bordados, foi registrada no cartório no dia 20 de junho de 2005, com o intuito de fortalecer e dar mais visibilidade a produção das bordadeiras e crocheteiras de São João dos Patos. No local, peças como colchas de cama, guardanapos,

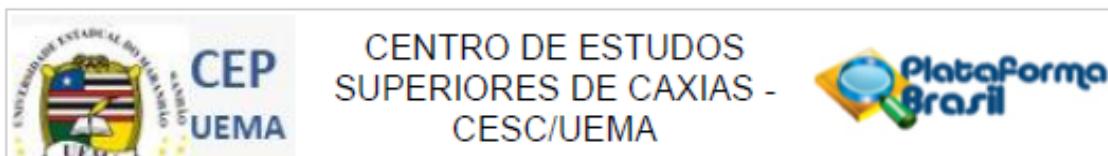
ANEXO G: Relatório de visita de campo produzido pelos estudantes

toalhas, caminhos de mesa, panos de pratos, e peças de vestuário são expostas e vendidas diretamente ao consumidor, criando desta maneira o empreendedorismo que empodera e une essas mulheres na cidade.

Conclusões

- A Casa dos Bordados não é apenas um local de compra e venda de produtos artesanais. É um ponto histórico, turístico, que guarda a história não só dos bordados, mas sim, das mulheres que fizeram e fazem parte dela.
- Existem vários tipos de bordados e crochês, cada um com seus detalhes específicos e formas diferentes de serem feitos.

ANEXO H - Parecer consubstanciado do CEP



Continuação do Parecer: 6.137.942

Recomendações:

O (A) parecerista solicita que as seguintes modificações sejam realizadas no projeto de pesquisa:

- Melhorar a justificativa do projeto.
- Melhorar o instrumento de coleta de dados, com vistas a contemplar melhor os objetivos e título do projeto.
- Melhorar a análise estatística dos dados coletados, adequando aos objetivos e deixando claro os testes estatísticos que serão utilizados e uso de software's
- Sugerimos alteração no título, já que o texto apresentado no projeto e a proposta, sobretudo na metodologia, não dialoga com o este título. Assim, talvez "As narrativas sobre...." ou "As representações que existem a respeito das mulheres bordadeiras"

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto está APROVADO e pronto para iniciar a coleta de dados e as demais etapas referentes ao mesmo

Considerações Finais a critério do CEP:

Este Comitê de Ética em Pesquisa, órgão devidamente integrado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) tem o prazer de avaliar o projeto de pesquisa cujo título Ensino de História entre agulhas e linhas: As narrativas de mulheres bordadeiras de São João dos Patos - MA (2022-2024), com nº de CAAE 68320923.2.0000.5554 e Tainah Myrene De Lima Oliveira. Assim, clarificamos que o parecer aqui exposto foi fruto de um trabalho coletivo, cuja decisão final ocorreu mediante reunião de colegiado. Portanto, parabenizamos a iniciativa dos(as) pesquisadores(as) em efetuar o Cadastro do Projeto de pesquisa junto à Plataforma Brasil, uma vez que a pesquisa envolvendo seres humanos é algo extremamente importante e que deve ser analisada com o máximo esmero e respeito. Desejamos uma pesquisa grandiosa e que os resultados sirvam para a melhoria da sociedade.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2101251.pdf	07/06/2023 23:43:52		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_modificado.pdf	07/06/2023 23:14:12	Tainah Myrene De Lima Oliveira	Aceito

Endereço: Rua Quinhinha Pires, 746 ramal 6382

Bairro: Centro

CEP: 65.600-000

UF: MA

Município: CAXIAS

Telefone: (98)2016-8175

E-mail: cepe@cesc.uema.br